

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Conselho de Segurança debaterá esta noite o problema de Chipre

NOVA YORK, 17. — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Chipre chegou a Nova York a fim de procurar obter o auxílio das Nações Unidas, evitando-se uma guerra naquela ilha do Mediterrâneo. Os onze países membros do Conselho, após um fim de semana cheio de notícias alarmantes — di-

zem que a Turquia prepara uma invasão da ilha — devem reunir-se hoje, às 15 horas locais (20 em Lisboa), a fim de começarem o debate.

Durante todo o fim de semana,

(Continua na 16.ª página)

• Outras notícias na página 13.



Começa hoje o julgamento de Jack Ruby

DALLAS, 17.—Jack Ruby começa hoje a ser julgado, sob a acusação de ter assassinado, premeditadamente, Lee Oswald, suposto autor do atentado contra o presidente Kennedy.

No caso de ser considerado culpado, Ruby será condenado à morte, mas os advogados de defesa pretendem provar que ele, por sofrer de perturbações mentais, não era responsável quando disparou.

Antes de o julgamento propriamente dito poder começar será necessário proceder à escolha dos membros do júri, o que levará alguns dias, pois os advogados de defesa sustentam que é impossível obter em Dallas um júri imparcial e tencionam dificultar ao máximo a sua escolha.

DECLARAÇÕES DA DEFESA

O advogado principal, Melvin Belli, declarou já que tencionava de-

(Continua na 16.ª página)



HOMENAGEM A KENNEDY — A primeira moeda com a efígie do presidente Kennedy cunhada nos Estados Unidos. O seu valor é de meio dólar e será posta em circulação no próximo mês ou em Abril.

ITÁLIA NOVA: SERVIÇO DE INFORMAÇÃO PARA O ESTRANGEIRO

por VASCO DA GAMA FERNANDES

Não se cuide que a vida italiana se conhece tão-somente através da leitura dos seus jornais, por intermédio das crónicas de correspondentes ou mercê daquilo que se vê e se sente durante as permanências, longas ou escassas, no território, não falando, já, na eficiência das transmissões radiofónicas. Tudo quanto se faz e se pensa na Itália de hoje é objecto duma difusão que, se nem sempre é a desejável,

pelo menos é a suficiente para o estudo e compreensão daqueles poucos que, neste mundo, se inte-

(Continua na página seguinte)

O CAMBODJA AMEAÇA ALIAR-SE COM A CHINA E O VIETNAM DO NORTE

PNOMPENH, 17 — O príncipe Norodom Sihanouk, chefe do Estado do Camboja, declarou que poderia assinar uma aliança militar com a China se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não concordassem em organizar uma conferência para garantir a neutralidade do seu país.

No sábado, na praia de Kep, o príncipe declarou aos jornalistas que tinha dado às duas potências um prazo até Maio para concordarem com a reunião da conferência, acrescentando que se a obstrução anglo-americana persistir originará o corte de relações do Camboja com os dois países e a conclusão de uma aliança militar defensiva com a China e o Vietnam do Norte. — (R.)

MOBILIÁRIO SUSPENSO—O aspecto que poderão ter os interiores das casas se for adoptada a ideia de mobiliário suspenso, da autoria do designer alemão Verner Panton. No caso das confortáveis cadeiras (quase camas...) apresentadas na fotografia, os ocupantes podem subir ou descer puxando uma corda ligada a um sistema de roldanas

Nota do dia

DIPLOMACIA DE SAÍAS

Vivemos numa época em que, a par da diplomacia de punhos cerrados, que tem causado as maiores perturbações no mundo dos nossos dias, se pratica com frequência, e com mais felicidade, a diplomacia de punhos de renda. Uma das formas que ultimamente se puseram em prática para levar a cabo essa política é o envio de obras de arte de reputação mundial, nomeadamente representativas da beleza feminina, o que pode denominar-se com propriedade diplomacia de saias, a países cujas boas graças se pretendem conquistar. Ainda não há muito tempo, a França enviou aos Estados Unidos, onde provocou um extraor-

dinário movimento de curiosidade, a Gioconda que, embora não seja uma obra de arte francesa, representa, de algum modo, o espírito gaulês. Vai agora a caminho do Japão, não para representar a França nos Jogos Olímpicos, pois para tanto não pode considerar-se fisicamente válida, mas para servir de embaixatriz da cultura francesa no Império do Sol Nascente, a Venus de Milo, que também não é de «souche» francesa, mas que pode competir com vantagem com a Brigitte Bardot, que se exhibe actualmente no Brasil e que não deixa de ser, igualmente, uma embaixatriz de peso. A Espanha não descarta, também, esta forma de diplomacia, que não pode deixar de se considerar uma inteligente política de propaganda turística. Está actualmente exposta em Londres a Maja desnuda, de que os nossos vizinhos justamente se orgulham e que é bem representativa da pintura espanhola. A Itália só encontraria dificuldade na escolha entre as suas mulheres célebres, quer na pintura quer na escultura, se pretendesse enviar uma obra de arte característica da beleza feminina a qualquer exposição internacional. Dois nomes nos ocorrem ao acaso: a Fornarina e Paulina Borghese, ambas representativas do génio italiano. E Portugal que obra de arte poderia escolher, dentro deste critério de praticar diplomacia de saias, para enviar a qualquer país? Só vemos uma que pudesse representar-nos com a dignidade requerida: a Verdade do monumento a Eça de Queiroz — mas sem o manto diáfano da fantasia.



A VIAGEM DA «VENUS DE MILO» — Colocada num caixote de madeira, forrado a prova de fogo, a «Venus de Milo» seguiu ontem, de comboio, para Marselha, onde amanhã é embarcada no navio «Vietnam», que a transportará a Tóquio, a fim de ser exibida, durante os Jogos Olímpicos. A gravura mostra a estátua ainda no Museu do Louvre, antes dos últimos retoques, na embalagem de transporte

(Continua na 6.ª página)

As minhas entrevistas com o sr. Kruchchev — pelo antigo embaixador Hans Kroll

Páginas de «Memórias» que o «Diário de Lisboa» começa a publicar amanhã em rigoroso exclusivo.

Presidência do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o sr. ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho, ontem regressado de Genebra, onde participou na reunião do Conselho Ministerial da E. F. T. A.

O RECONHECIMENTO DE PEQUIM PELO GOVERNO DE PARIS — 2

A política americana em relação à China e os objectivos que a ditam por ATTICUS

PARIS, Fevereiro — Quando estudamos as possíveis repercussões do reconhecimento do Governo de Pequim pela França, é impossível não pensar nas relações entre a China comunista e os Estados Unidos e na sua possível evolução, para melhor ou pior, pois os dirigentes americanos podem ser levados a endurecer a sua atitude em relação aos chineses. O problema dessas relações é um elemento fun-

damental do problema da paz e não nos lembramos de outro que tivesse peripécias tão dramáticas e perigosas depois que o regime nacionalista de Nanquim se afundou e com ele a dominação americana na

(Continua na 6.ª página)

Diário de Lisboa

HOJE

Suplemento desportivo

24 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

INTRIGAS DE BAIRRO

AZARES DO NEGÓCIO

Embora a manhã estivesse fria, fazia um tempo seco e bonito, e a chuva, que ao alfarabista da rua há muito não deixava armar barraca, lá lhe consentiu que estendessem os panos de plástico no passeio e expusessem os freguês a sua mercadoria. Aparece ali de tudo e de todos os géneros — folhetada varia, velhos romances populares, destes que se vendiam de porta em porta, números de revistas ilustradas, compêndios de estudo do tempo em que ainda Filosofia se grafava com Ph, e volumes desirmanados de boas obras que o destino teus da vida separou dos seus companheiros de fila. Às vezes, entre esta tralha, aparece o seu achado de algum interesse, e por isso eu me detenho sempre, dobro-me como se me tivesse caído no chão a bolsinha das moedas, e faço as minhas buscas. Hoje encontrei o segundo e último volume das Obras Poéticas do nosso bom Nicolau Tolentino, na primeira edição, e perguntei muito lampeiro, que era feito do outro. O esperto comerciante logo me advertiu:

— Se fosses, os dois volumes, era ali no meu colega da esquina que V. Ex. os encontraria, mas por uma continha calada. Tinha de largar a pele!

Dizia-me isto, e apontava para o outro lado da rua, onde um alfarabista de nomeada tem armado o seu balcão, com grandes vitrinas e porta ondulada, sempre de bandeira içada, a apregoar

pelos leilões. Disse e sorriu com um jeito de malícia nos olhos espertos.

— É só esse volumezinho, por desgraça! Se fossem os dois!... Por isso eu peço, e veja que é encadernado em boa carneira antiga, apenas doze mil e quinhentos, já na certeza que terei de abater vinte e cinco tostões ao freguez que sempre regateia.

Encolhi os ombros e também lhe sorri. De facto, no alfarabista, seja rico ou pobre, há sempre que regatear. De outra maneira nem gosto dá. E ele, tagarela, continuou:

— No que respeita a obra fina, eu sou como os sapatões remendados. Aqui encontro o freguez o volume desirmanado, que às vezes lhe falta... Devo dizer que é raro, mas acontece. Encontra também, quando Deus quer, a sua estampa, de que o volume que tem em casa está falto. E outras coisas assim. Quanto ao resto, estamos conversados! Não é fazendo cá do estabelecimento. E quando acontece, não é para o meu dente, nem para o da freguesia que aqui bate. Pusam-se-lhe os olhos tristes:

— Já uma vez me aconteceu, nem me quero lembrar, que tinha um folhetozito, que vendi por quinze tostões, e dias passados vi-o ali, na mostra do meu colega, por cento e cinquenta mil réis. Caramba, nem dormi nessa noite! Azars cá do negócio!

MANUEL MENDES

BOBENAS NOTÍCIAS

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): dois chapéus de chuva; uma sombrinha, uma bolsa de plástico com dinheiro e chaves; um porta-moedas com dinheiro, um sobrescrito com a licença de condução internacional do sr. António da Conceição Matos; uma carteira com o bilhete de identidade do sr. Manuel António da Conceição e fotografias; um sobrescrito com o bilhete de identidade do sr. Manuel Pina da Costa; luvas desirmanadas, um tampão e dois aros de rodas de automóveis; um escudete de pára-

Liga dos Amigos dos Hospitais

Dr. Rui Bordalo Machado

Agradecimento

José Peres e sua mulher, Maria Luísa Peres, manifestam desta forma o seu profundo reconhecimento ao ilustre médico-cirurgião, dr. Rui Bordalo Machado, pela alta competência demonstrada nas melindrosas operações a que foram ambos submetidos. O distinto clínico mostrou-se, mais uma vez, o hábil operador e o homem de coração generoso em todas as circunstâncias, pela gravidade de que se revestiu o internamento dos dois doentes. Aproveitamos também a oportunidade para agradecer ao sr. dr. Oliveira Pinto a excelente e dedicada colaboração prestada nas intervenções cirúrgicas. Igualmente queremos afirmar a sua gratidão à Direcção da Liga dos Amigos dos Hospitais, na pessoa do seu director, sr. Júlio Cayola pelas facilidades concedidas, dada a urgência das operações, e pelo carinho e amizade que sempre lhes manifestou, e tornam extensivo o seu agradecimento à sr. Regente, D. Constância de Sousa, à competente equipa de enfermagem, dirigida pela enfermeira-chefe, sr. D. Irene Pereira, e ao restante pessoal subalterno, cuja dedicação foi expressivamente demonstrada. Restalhes expressar o maior reconhecimento às inúmeras pessoas que os visitaram ou se informaram do seu estado, rodeando-os de carinhoso interesse, antes das intervenções e durante o período da sua convalescença. Para todos a mais profunda e comovida gratidão.

choques de veículo ligeiro; diversas argolas com chaves e chaves soltas.

Reunião em Alcobaça sobre desenvolvimento comunitário

ALCOBAÇA, 17. — Efectua-se esta noite, às 21 horas, nos Paços do Concelho, uma reunião sobre trabalhos de equipa, estudo, experimentação e desenvolvimento comunitário.

Colaboram os srs. engs. Oliveira e Silva e Vital Rodrigues e a sr. dr. D. Manuela Palmira Duarte e D. Isabel Maria Ataíde. A reunião, que está a despertar o maior interesse em todo o concelho, terá a assistência do governador civil do distrito, sr. Olímpio Duarte Alves, do presidente do Município, sr. Jaime Junqueiro, e doutras individualidades.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — As 21 e 15: «Cairo» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Carmelo — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helénica — R. Elias Garcia, J. P. L. loja B (Tel. 930213).

BURACA — Vaz Martins — Rua António Ferro, M.A.D. (Tel. 931690).

DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

MEM MARTINS — Químia — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456).

SINTRA — Simões — Rua Heitor Salgado, 26 (Tel. 980832); 980832).

CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 294034).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299058).

(Continuação da página anterior)

ressam por aquilo que se passa para além das suas fronteiras. Louvores merece, em especial, a Presidência do Conselho de Ministros, pela publicação de elementos essenciais que provam, á sácie, o progresso ou a estabilidade da vida italiana. Precisa, na verdade, o Mundo, e particularmente os comos, de saber que numa pátria destrogada por mil e uma malfetorias se ergue, hoje, uma vasta comunidade material e espiritual, fruto de heróica perseverança dos homens públicos que teve a sorte de escolher.

Neste Universo de singulares contradições é sempre pouco o que aprendemos. E tolos serão aqueles que julgam pela sua auto-suficiência todas as implicações decorrentes duma existência sujeita a contrariedades, trações ou incompreensões.

Cada vez mais se ajustam os espaços e, impetuosamente, se caminha para as comunidades internacionais. A auto-suficiência é, neste caso, além duma tolice, um autêntico erro, dos tais erros que Tayllerand apelidou, justamente, de crimes.

A Itália é uma universidade aberta e franca, sem preconceitos ou limitações, solícita e fraternal, sem segredos que não possa revelar nos aspectos dum crescimento espantoso e dum equilíbrio de valores que perturba a crítica apressada dos superficialmente profundos em ideias gerais.

Em todos os domínios da arte e das letras, da economia e da sociologia,

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Estão abertos concursos: para a admissão de engenheiros de 3.ª classe, na especialidade de engenharia mecânica, do quadro do pessoal técnico da Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais; para provimento dos lugares de chefes das secretarias da Câmara Municipal de Arronches e da Junta Distrital de Leiria; de conservador do Registo Predial do Montijo (1.ª classe) e de escrivão de direito do tribunal da comarca de Miranda do Douro (3.ª classe); de promoção, com provas práticas, para a categoria de segundo-oficial da Junta de Colonização Interna; documentais para o provimento de lugares vagos em escolas do ensino primário de diversos distritos escolares e para preenchimento de vagas de enfermeiro de 2.ª classe, provisório, do quadro privativo de enfermagem de Moçambique; e de provas publicas para admissão na categoria de escriturários de 2.ª classe da Casa Pia de Lisboa.

Está vago um lugar de segundo-oficial (chefe de secretaria) da Escola Industrial e Comercial de Torres Vedras.

As provas do concurso para escriturário de 1.ª classe do mapa do pessoal do Instituto de Assistência aos Inválidos, efectua-se nos dias 2 e 3 de Março.

O «Diário do Governo» insere as listas definitivas dos opositores obrigatórios ao concurso para escriturários de 1.ª classe dos Hospitais da Universidade de Coimbra; dos candidatos aos concursos para provimento das vagas de tesoureiro da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo e de segundo-oficial da secretaria do Governo Civil do distrito autónomo do Funchal; de classificação dos candidatos ao concurso de provas publicas para o preenchimento de vagas de médico estagiário subsidiado, do 1.º ano nos estabelecimentos e serviços oficiais dependentes do Instituto de Assistência Psiquiátrica e dos candidatos aprovados no concurso para moços do troço de mar do quadro do pessoal civil do Ministério, realizado na Capitania do Porto de Ponta Delgada; e dos candidatos aprovados no concurso de admissão para a categoria de mestre-operário electricista da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

Sacerdote açoriano

distinguido nos E. U. A.

ANGRÁ DO HEROÍSMO, 17 — O padre José A. Ferreira, mais conhecido na imprensa portuguesa por Ferreira Moreno e nos círculos norte-americanos por «father Joe», foi recentemente homenageado, durante um grandioso banquete, na cidade de San Leandro, Califórnia. O sacerdote em questão é natural da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel. — (L.).

logia, do ensino e das ciências, da política e dos sistemas de relação; a República italiana se multiplica em iniciativas e em realidades que destroem, por completo, o mito serdólio e gasto duma fatalidade do dilúvio após a catástrofe. Nada na vida é eterno, sem duvida.

Pois bem, A Nova Itália, independentemente da Imprensa livre, que foi das suas mais transcendentes conquistas, exporta ideias e factos com o mesmo entusiasmo e eficiência como faz transpor as fronteiras as milhentas revelações das suas indústrias ou do seu comércio.

Vejam um ou outro exemplo eloquente e persuasivo:

Há treze anos que se publicam os «Documenti di Vita Italiana», editados pela Presidência do Conselho, e neles colaborando os «Serviços de Informação» e a «Reparação da propriedade literária, artística e científica», com 15300 exemplares mensais em língua italiana e edições em francês, inglês, espanhol e alemão. Quem consultar os «Documenti» fica com uma ideia exacta da situação interna da Itália e da autenticidade do seu valor no conceito das nações: artigos expressivos sobre a política e a sua evolução, notas valiosas sobre o desenvolvimento económico e sua projecção além-fronteiras, crónicas, ilustradas com estatísticas reais, sobre as múltiplas actividades do país em pleno crescimento, atingindo já a maioria em quase todos os sectores modernos do progresso.

Não há nessa publicação a demagogia de numerosos para «épater», antes pressupostos, que incluem crítica e reservas; é uma obra séria.

Em edições sucessivas a «Itália d'oggi», igualmente com traduções em várias línguas, é um livro de conjunto altamente precioso, que vai desde o recordatório histórico, com passagem por todas as modalidades da actividade criadora, até às simples informações ou resenhas dos principais acontecimentos. Completada a sua leitura indispensável com o cortejo actualizado dos «Documenti» fica o estudioso a par da portentosa estruturação que é o alicerce da grande Nação mediterrânea. Mas se quiser ir mais adiante, e desejar, como é legítimo, aprofundar o problema, tem a sua disposição os «Cento anni di economia italiana», o calendário

«Italic», o boletim «Italdoc» e a revista fotográfica bimestral «Italia», material à venda ou de consulta acessíveis desde que sejam pedidas informações aos Serviços da Embaixada.

Uma vez interessado pelo presente e pelo futuro da Itália o estudioso tem, através dos Serviços de Informação, em versões francesa, inglesa, espanhola e portuguesa, uma série de «films» de curta metragem que explicam a recuperação e afirmam ou sugerem o que há de mais belo na nação transformada; e se a paciência não faltar, e o receptor o consentir, ouvirá de Roma, de Milão ou de Nápoles, emissões de programas pedagógicos sobre política, economia, sociologia, educação, etc., das mais perfeitas em qualquer parte do Mundo.

Mas não fica por aqui aquilo que a República italiana oferece aos seus amigos espanhóis por todos os continentes. Os Serviços da Imprensa da Presidência do Conselho editam, com tiragens anuais e bimestrais, muitas outras publicações, que chegam a atingir os 200 000 exemplares.

A difusão da cultura italiana encontra, ainda, outros veículos que, facilmente, chegam á curiosidade, constantemente renovada, dos seus fiéis admiradores: as exposições de livros na língua-mãe e em traduções, cujos esquemas se alinham na publicação «Libri e Revista d'Italia», também traduzida e consultada em 30 países europeus, 19 asiáticos, 18 africanos e 22 americanos.

Assim é possível em Paris ou em Moscovo, em Addis Abeba ou em Buenos Aires, em Atenas ou em Caracas, em Munich ou no Rio de Janeiro, percorrer as bem sistematizadas exposições de livros, cuja produção atesta a exuberância intelectual das «élites» atentas.

Assim é, também, possível saber-se, com clareza que, independentemente, das promessas contidas no programa quadripartido de Aldo Moro, e com referência ao segundo plano quinquenal da «Euratom», serão investidos, para já, 30 milhões de liras por este organismo para o desenvolvimento dos projectos nucleares italianos, cuja expressão senti, e já transmiti aos leitores deste jornal, na minha visita emocionada no centro atómico de Frascati. — V. G. F.

De ontem para hoje

BATIDA AOS LOBOS

A Serra de Montemuro está infestada de lobos. Queixam-se as populações dos arredores que as feras chacinam no gado que é mesmo uma dor de alma. Com o tempo invernosso que tem feito, instigadas pela fome, vão descendo as povoações e têm rondado rebanhos e galinheiros. Ovelha ou cria tresmalhada, cão vadio, desaparecem sem deixar rasto. Os rebanhos são assaltados e é uma luta contínua e de morte entre lobos e pastores, auxiliados estes pelos seus cães. As feras matam para viver, os pastores defendem a vida das reses que lhes foram confiadas.

Ora todos os queixumes das redondezas levaram a comissão venatória concelhia de Castro Daire, no centro da região, alcançada entre frangidos, a organizar uma batida grande que dizimasse os lobos já que se lhe não pode acabar com a raça. Mas os elementos estiveram pelos lobos. E' que o dia de ontem apresentou-se cheio de frio e chuva, com nevoeiro espesso que mal deixava distinguir o perfil da serra quanto mais um lobo. Estavam inscritos 136 atiradores daquela corda de povos, mas só 120 compareceram. Temperatura baixíssima, visibilidade muito má e os atiradores tomaram suas portas. Mas os batedores não puderam sair das povoações que lhes estavam destinadas. Ora não se levantando as feras não puderam ser caçadas. Resultado: Apenas uma raposa foi abatida pelo atirador Mário Salgueiro Bizarro, da Folgosa. A comissão organizadora pensa, por isso, organizar outra batida para altura propícia.

QUEDA DE BICICLETA

Ao fim da tarde de ontem o trabalhador, sr. Armando Guerra Nunes, de 17 anos, morador no Bairro da Encarnação, subia Almirante Reis de bicicleta. Ao atravessar a Alameda D. Afonso Henriques, a roda da frente do velocípede meteu-se na calha do eléctrico e o ciclista desequilibrado e caiu. Bateu com a cabeça no chão, e muito contuso foi levado ao Hospital de S. José, onde ficou internado.

QUATRO FERIDOS

Perito de Alenquer voltou-se um automóvel conduzido pelo sr. José Manuel Charnelo Miranda, de 31 anos, serralleiro. O condutor e seus companheiros, os srs. João Simões Pereira, de 34 anos, jornalista, José Francisco Amaral, calceteiro, e José Fernandes Moreira, serralleiro, ficaram feridos, sendo mais grave o estado dos dois primeiros, que recolheram á Sala de Observações do Hospital de S. José.

Automóvel contra automóvel

No cruzamento das avenidas da República e António de Serpa, chocaram, durante a noite, dois automóveis. Um era conduzido pelo médico, dr. Fernando Manuel Garcia Reis

Moreira, de 46 anos, e o outro pelo chefe da secretaria da Junta Distrital de Castelo Branco, sr. Ulisses Soares Rebelo. O choque deu em resultado ficarem feridos os dois condutores

Deolinda

Rodrigues

vedeta do Cinema e do Fado
é uma das principais interpre-
tes da opereta «Nazaré»

Prosseguem activamente, no Teat-
ro Maria Vitória, os ensaios da ope-
reta «Nazaré», original de Fernan-
do Santos, Almeida Amaral e Fernan-
do Avila, com música de Raul
Portela, Raul Ferrão e Fernando
Carvalho, um grande êxito que vol-
ta ao palco, agora com uma inter-
pretação completamente nova; A
protagonista será interpretada por
Mimi Gaspar e o principal papel
masculino está a cargo do actor-
cantor Alberto Ribeiro e numa das
personagens principais figura a
actriz Deolinda Rodrigues.

Vedeta do fado e depois do cine-
ma, Deolinda Rodrigues vai ter ago-
ra, no Teatro, a sua grande ope-
rtunidade de mostrar os seus recur-
sos de actriz, com a experiência
que colheu no cinema, aos quais
alia a sua bem timbrada voz que
também terá ocasião de mostrar.

É numeroso o elenco que inter-
pretará a «Nazaré», pois além da-
queles artistas há, também, três
excelentes artistas cómicos, Camilo
de Oliveira, Barroso Lopes e Fernan-
do Frias, que interpretam as
figuras da acção humorística da
peça e, também, em personagens
de destaque, Irene Cruz, Maria
Cristina e Emílio Correia, em tipos
característicos de nazarenos e ain-
da Oscar Acurcio e Rodolfo Neves.
Completam o elenco, Octávio de
Matos (Filho), Vitor Mendes, Lu-
cinda Amaral, Lourdes Lopes e He-
lena Amorety.



DEOLINDA RODRIGUES

«Nazaré» será apresentada com
montagem completamente nova di-
rigida por Rui e Hernani Martins,
que são, também, os autores dos
cenários e maquetas, com Hernani
Lopes, Raul Duarte e Mário Alber-
to, igualmente autor dos figurinos,
que estão a ser executados pelo
Guarda-Roupa Paiva sob a direcção
da mestra Josefina Soares.

ACTUALIDADES MUNDIAIS

● Chubby Checker em Portugal

LOURENÇO MARQUES, 17. — O
«Rei do twist», Chubby Checker, intér-
prete da canção «Let's twist again»,
apresenta-se nesta cidade no próximo
mês, acompanhado por uma orquestra
de três trompetistas, cinco saxofonistas,
um contrabaixo, um pianista e um bate-
rista — anuncia a Imprensa local.

A confirmação da sua visita veri-
ficar-se-á, quando estiver assegurada a
apresentação do jovem Checker (22
anos) em Lisboa e em Luanda.

O mesmo empresário que negocia a
vinda do «rei do twist» revelou que con-
seguiu já, quando estiver assegurada a
ricanas — Johnny Mathias, Nat King
Cole e Bobby Daren — aceitassem in-
dividualmente apresentar-se perante o
público moçambicano. — (A. N. I.).

● Terceiro casamento de um actor

HOLLYWOOD, 17. — O actor Lew
Ayres, que interpretou «A Oeste nada
de novo», anunciou o seu terceiro ca-
samento, agora com Diana Hall, uma
antiga hospedeira de bordo inglesa.

Ayres foi casado anteriormente com
Lola Lane e com Ginger Rogers. Ele
e a sua actual mulher conheceram-se há
três anos. — (A. N. I. e R.).

● Bailados russos em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 17. — A
companhia de bailados russos «Cauca-
so» vai actuar em Moçambique.

Diário da Outra Banda Cinemas

ALMADA — Incrível — Às 21
horas: «Quatro no Texas» (17
anos); «Academia» — Às 21 horas:
«As três verdades» (17 anos).
AMORA — Cine-Teatro — Às 20
e 45: «Barrabás» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — Club Re-
creativo — Às 21 horas: «Os lan-
ceiros negros» (12 anos); «União Ar-
tística» — Às 21 horas: «Europa de
noite» e «Istambul» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo
Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel.
234137).
ALMADA — Nuno Alvares — Av.
Nuno Alvares Pereira, 39-C (Tel.
270504).
BARREIRO — Santa Marta —
Rua do Lavradio, 76—(T. 2272141).
COVA DA PIEDADE — Império
— R. do Cabo da Boa Esperança
(Tel. 274356).
MOITA — Silva Rocha — Praça
da República, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Giraldes — Rua Al-
mirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão — Avenida
Salazar (Tel. 229025).
SETUBAL — Oliveira — Largo
da Misericórdia (Tel. 22760).
ALHOS VEDROS — Gusmão —
Rua Candidos dos Reis, 30 (Tel.
224020).
SEIXAL — Godinho — Largo da
Igreja, 51 (Tel. 2218580).
BAIXA DA BANHEIRA — Alian-
ça — Estrada Nacional, 174.

O bombeiro salvou a pomba de morte certa

BRAGANÇA, 17. — Com risco
da sua própria vida, o bombeiro
voluntário sr. Manuel do Nascimento
Pires salvou de morte certa, uma
pomba, que se achava presa aos fios
de alta-tensão existentes à esquina
do prédio da Rua Abílio Beça, a
doze metros de altura, aproximada-
mente.

Tão louvável acto de abnegação e
carinho foi presenciado, no meio da
maior ansiedade e expectativa, por
muitas pessoas que, no final, felici-
taram e abraçaram aquele bombeiro
voluntário, já autor dos mais varia-
dos e perigosos salvamentos hu-
manos.

nas» que se apresenta nesta capital a
partir do dia 20, dando quatro espec-
táculos, é composta por vinte e quatro
figuras, entre dançarinos e músicos.

Foi fundada há trinta anos, em Pa-
ris, por exilados russos, sendo muitos
dos actuais componentes, filhos e me-
smo netos dos fundadores. É a primeira
vez que a companhia sai da Europa. —
(A. N. I.).

● A vida difícil de Gualtiero Jacopetti

ROMA, 17. — O realizador Gualtiero
Jacopetti escapou por pouco à morte,
durante os motins de Dar-es-Salaam —
anunciou a sua firma produtora.

O autor de «Mundo Cão», há meses
na África para as filmagens da sua nova
obra em technicolor «África Addio», en-
contrava-se com Franco Prosperi e com
os outros membros da equipa cinema-
tográfica na capital do Tanganica, quan-
do rebentou a rebelião. Apesar do pe-
rigo, porém, Jacopetti não quis deixar
fugir a oportunidade de captar algumas
imagens dos tumultos. — (A. N. I.).

● Os mais populares do cine- ma na Alemanha

BONN, 17. — A italiana Sophia Lo-
ren continua a ser a actriz mais popu-
lar na Republica Federal alemã segundo

apuro a revista alemã «Filmblätter».

Depois de Sophia, o público alemão
elegeu as seguintes vedetas para suas
favoritas: Doris Day, Shirley Maclaine,
Audrey Hepburn, Elizabeth Taylor,
Gina Lollobrigida, Ingrid Bergman, Bri-
gitte Bardot, Deborah Kerr e Claudia
Cardinale.

Entre os actores, a classificação foi a
seguinte: 1.º, Rock Hudson; 2.º, Burt
Lancaster; 3.º, Cary Grant; 4.º, Charl-
ton Heston; 5.º, Anthony Perkins; 6.º,
John Wayne; 7.º, Gregory Peck; 8.º,
James Stewart; 9.º, Tony Curtis e 10.º,
Kirk Douglas. — (A. N. I.).

● Intensa actividade de Marisa Pavan

ROMA, 17. — Um filme na Ingla-
terra, uma comédia nos Estados Unidos,
outra na Itália e a interpretação da
«Águia de duas cabeças», peça de Jean
Cocteau, figuram nos projectos mais
próximos da actriz Marisa Pavan, irmã
de Pier Angeli.

A vedeta, que chegou, recentemente,
a esta capital, procedente de Hollywood,
onde interpretou, ao lado de Dana An-
drews, uma comédia para a TV norte-
americana, a quinta que desempenha
para a televisão, declarou que não ten-
ciona, de modo algum, abandonar a
actividade artística, e que a peça de
Jean Cocteau será levada à cena num
teatro californiano. — (A. N. I.).

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES NO WONDER-BAR

SANDRA

Uma estrela brilhante
no firmamento da moderna
canção francesa



GIL et MARC

Impressionante
demonstração de força
e equilíbrio

NGOLA MELODIAS

TODA A MUSICALIDADE DOS MOTIVOS ANGOLANOS

BAILADOS PORTUGUESES

NAS COLOPIDAS E ALEGRES DANÇAS TÍPICAS NACIONAIS

PREÇOS: Sábados consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias,
consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar 65\$00. (Estes
preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 21,30:

«Nunca aceites nada de um estranho»

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», AS 17 HORAS
Chá completo—25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

SÃO JORGE APRESENTA
BREVEMENTE

UM ESPECTÁCULO DE VIGOR BÁRBARO

INSPIRADO NA OBRA IMORTAL DE NICOLAU GOGOL

ADULTOS

TONY CURTIS **GUY BRYNNER**

Na produção de HAROLD HECHT

TARAS BULBA

com SAM WANAMAKER BRAD DEXTER GUY ROLFE PERRY LOPEZ George Macready Vladimir Sokoloff
Daniel Vladimir Ocko Irman CHRISTINE KAUFMANN WALDO SALT e KARL-TUNBERG Alexander Whitelaw Franz Waxman
Realização de J. LEE THOMPSON Produção de HAROLD HECHT Filmado em PANAVISION EASTMANCOLOR UM FILME DA UNITED ARTISTS

A GRANDE EPOPEIA COSSACA, NUMA TRADUÇÃO DE JOÃO GASPAR SIMÕES, FOI EDITADA PELA «PORTUGALIA EDITORA»

ATRÁS DO REPOSTEIRO

• A cantadeira Beatriz Ferreira não acompanha o elenco do Variedades, na digressão que hoje

DONA MARIA II
DELÍRIO
(Frénésie)
com **HENRIETTE MORINEAU, PALMIRA e AMÉLIA**
Um êxito triunfal e memorável

CAPITÓLIO

As 20.45 e 23 h. Ad. M/17 anos



AMANHÃ
SENSACIONAL
ESTREIA
do BALLET
INGLÊS
THE CARAVELLES
que ontem alcançou um notável êxito na Televisão

O QUE É BOM É P'RA SE VER!
COM UM EXCEPCIONAL ELENCO E 2 GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS!

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.
HOJE, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
OS GRANDES FILMES
KERIM,
O FILHO DO SHEIK
E
A FACA DO CRIME
Preços populares

TRINDADE

Todas as noites, às 21.45 e sábados às 17.00 horas
(F. N. A. T.)
(Maiores de 12 anos)
Um êxito de gargalhada com a peça de **NICOLAU GOGOL**

O CASAMENTO

com Brunilde Júdice, Assis Pacheco, Alves da Costa, Alvaro Benamor, Virgílio Maciel, Mário Pereira, Maria Albergaria, Fernanda Montemor, Lúcia Mariani e Manuel de Oliveira

Espectáculo subsidiado pelo FUNDO DE TEATRO e dedicado aos Beneficiários da F. N. A. T. e sócios dos C. A. T., C. R. P. e Sindicatos Nacionais

LADO A LADO

BOITE
TONY DE MATOS
Conjunto **CARLOS VILARET** com **TIBURCIO e EDUARDO**
Av. Oscar Monteiro Torres, 60-C
T. 771432 (Junto à Av. de Roma)
(Maiores de 17 anos)

inicia pela província. Os números «Fado Blue» e «Gosto do Fado», serão interpretados pela cançonetista Elsa Vilar, que se revelou no teatro ligeiro na revista «Elas, são o Espectáculo».

• Por motivos de saúde, o pintor Mário Alberto já não fará os figurinos da próxima revista do Capitólio. Entretanto, estão marcados para amanhã os primeiros ensaios, sob a direcção do actor Carlos Coelho.

• Foi transferida para o próximo dia 20 a data provável da estreia da opereta «Nazaré», para reaparição em teatro do cantor Alberto Ribeiro. Os ensaios prosseguem, à tarde e à noite, sob a direcção de Rosa Mateus.

• A companhia de revista do ABC, apresenta hoje «De Bikini e Chapéu Alto» em Guimarães. Seguem-se as seguintes localidades: amanhã, Chaves; quinta-feira, Vila Real; quinta-feira, Braga.

NO TRINDADE

«O Casamento», de Gogol
com Benamor no protagonista

A Companhia Nacional de Teatro, dirigida por A. M. Couto Viana, continua a representar no Trindade (F.N.A.T.) «O Casamento», de Nicolau Gogol. Desde a estreia, todas as noites aquela sala de espectáculos se enche de um público interessado e numeroso. A crítica foi unânime em classificar a representação com os melhores adjectivos e deu o real valor aos actores, alguns dos melhores da cena portuguesa.

Alvaro Benamor é o protagonista da peça, no papel de Podkolsine.

Com ele conquistou mais um êxito, unanimemente reconhecido pelos críticos dos jornais diários de Lisboa.

A seu lado distinguem-se os primeiros nomes da companhia, que o público pode viver horas de bom são igualmente alguns dos mais se-teatro, a preços reduzidos, ao alguns valores da cena portuguesa, cancel de todas as bolsas.

VIDA MUSICAL

Collegium Musicum

Integrado nesta rubrica, que se engloba nas actividades do Conservatório — pacatas actividades que se recomendam pela perseverança mas que carecem de largueza de horizontes — realizou-se o anúncio do programa preenchido por obras do director do Conservatório, sr. dr. Ivo Cruz. É muito corrente a condição de compositor nos directores de estabelecimentos de ensino desta natureza. E compreende-se, pois uma mais larga intelectualização dos conhecimentos musicais é, em norma, indispensável tanto a quem dirige a escola como a quem pretende escrever musica clássica. O dr. Ivo Cruz não foge à regra, sendo igualmente compreensível que ceda à tentação de aproveitar as naturais oportunidades que lhe oferecem o seu cargo. Mas o que estamos no direito de exigir do director, é um mínimo de discernimento, de espírito crítico, ou então uma menos dilatada modéstia, para não exibir, como o fez, as suas deficiências, já não diremos de espírito e força inventiva, mas de técnica da escrita. Dizemos isto sobretudo a propósito das três peças para piano de que constava a pequena 3.ª parte do programa: o Preludio, que se alonga desequilibradamente, assim como a Marcha,

com a agravante de fazer uma incursão na escrita dissonante, mal amalgamada com a velha gramática (que podia no entanto não ser compacta como a emprega o dr. Ivo Cruz) e que reaparece porque essa é a sinceridade do autor, Preludio e Marcha enquadrando uma Valsa Romantica pior ainda como desequilíbrio e timbre de puro amorismo. Aguardamos outras ocasiões mais propícias para voltar a apreciar o pianista João Carlos Martins, a quem já tínhamos ouvido com agrado no Tivoli.

O ciclo «Os amores do poeta» para voz solista e piano tem mais dignidade, mais unidade, embora afectado por um lirismo uniforme nos seus rastos insuficientemente convincentes, e diminuído pelo fraco aproveitamento do verbo admirável de Camões ao qual recorreu o autor. O tenor Fernando Serafim valorizou-se pelo cada vez mais bonito timbre de voz no registo médio e por uma execução muito segura, completamente de cor; secundou-o ao piano, com visível enternecimento, o próprio dr. Ivo Cruz.

O programa tinha começado pela conhecida Sonata para violino e piano, numa meritória execução de Lúcia de Carvalho e Maria Helena Matos.

FRANCINE BENOIT

UMA OBRA-PRIMA QUE PERDURARÁ NA MEMÓRIA DE TODOS QUE VIRAM E VOLTARÃO A VER!

UM ÊXITO NO

DO MESMO PRODUTOR E REALIZADOR DE «Lawrence da Arábia»

POLITEAMA

UMA PRODUÇÃO DE SAM SPIEGEL

WILLIAM HOLDEN
ALEC GUINNESS · JACK HAWKINS

"A PONTE DO RIO KWAI"
"THE BRIDGE ON THE RIVER KWAI"

27 PRÉMIOS INTERNACIONAIS
7 «OSCAR» DA ACADEMIA

Maiores 12 anos

CINEMASCOPE

TECHNICOLOR

SESSUE HAYAKAWA JAMES DONALD · ANN SEARS

GEOFFREY HORNE REALIZ. DAVID LEAN PROD. SAM SPIEGEL ARGUM. PIERRE BOULLE



Do mesmo realizador de OS SORRISOS DO DESTINO, Pierre Kast, será apresentado, HOJE, às 18.30 horas, e nos dias seguintes à mesma hora, o seu discutido filme

UMA PORTUGUESA EM PARIS

(NATERCIA)

Com **CLARA D'OVAR** na protagonista.

PIERRE VANECK
ALEXANDRA STEWART
FRANÇOISE PRÉVOST

ADULTOS

(M. de 17 anos)

BILHETES A VENDA

e a colaboração de **PIERRE DUDAN**

IMPÉRIO

CARTAZ * DOS * CINEMAS



A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
em 2.ª SEMANA

Telefone 50595

de Glenn Ford e Shirley Jones na famosa comédia musical

AS NOIVAS DO PAPÁ

(Para maiores de 12 anos)

A's 18.30 — CONCERTO.



A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)

Telefone 327172

em 2.ª SEMANA

AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL

o melhor filme cômico de Jerry Lewis em technicolor



A's 15.15, 18.15 (p. r.) e às 21.30

EM 3.ª SEMANA

Telefone 326305

A famosa obra-prima premiada com 7 «Oscars»

A PONTE DO RIO KWAI

com William Holden e Alec Guinness

UM ÊXITO DE SENSACÃO MUNDIAL

CINEMASCOPE TECNICOLOR (Maiores 12 anos)



A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Telefone 555131

Uma mulher que arrisca a vida por amor

Simone Signoret e Stuart Whitman

O DIA E A HORA



A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e às 21.30

A tarde — 6 anos

A noite — 12 anos

Telefone 326283

EM 3.ª SEMANA

9 RAPAZES E 1 CÃO

com Alves da Costa, Leônia Mendes, Pereira Neto, um grupo de garotos en-
diabrados e o cão «Farrusco»

Uma história tão humana e simples como as suas personagens humildes.



A's 15.45 (p. red.) e 21.45

(M. 12 anos)

Telefone 763080

Uma das melhores comédias de

JERRY LEWIS em 2.ª semana

AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL

com Stella Stevens — Del Moore

— Kathleen Freeman



A's 21.30 (Adultos)

Plataia 727778

Balcão 729192

Um programa alegre para agradar em cheio!

NA TELA: A superfarsa colorida

TOTÓ E CLEÓPATRA

com Magali Noel e dezenas de per-
turbantes mulheres

NO PALCO: O rei da mímica

HARRY POLL

Preços correntes



A's 21.15 (M. 17 anos)

A mais espantosa comédia da tem-
porada

Telefone 610375

PIJAMA PARA DOIS

com Doris Day e Rock Hudson



A's 21 horas (17 anos)

Telefone 865037

PARA LADRÃO, LADRÃO E MEIO

OS RAPINANTES



A's 21 horas (M. 17 anos)

Telefone 320917

UM NOVO TIPO DE AMOR

CAFÉ EUROPA

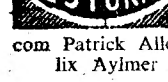


A's 17 e 21.30 (17 anos)

com Patrick Allen, Gwen Watford, Fe-
lix Aylmer e Moll Macginnis

NUNCA ACEITES NADA DE UM ESTRANHO

com Patrick Allen, Gwen Watford, Fe-
lix Aylmer e Moll Macginnis



A's 21 horas (M. 17 anos)

Telefone 324194

4 CRIMES POR CUME

COMPLEMENTOS VÁRIOS

AMANHÃ SÃO LUIZ e ALVALADE

NOS CINEMAS

EM RIGOROSO EXCLUSIVO

PAIXÕES, AMORES, ILUSÕES E DRAMA, NUMA NOITE QUE TRANSFORMOU A VIDA DE NOVE PESSOAS.



ELIZABETH TAYLOR RICHARD BURTON

**LOUIS JOURDAN
ELSA MARTINELLI
MARGARET RUTHERFORD
MAGGIE SMITH
ROD TAYLOR
e
ORSON WELLES**

UMA MULHER SEDENTA DE AMOR, PROCURA FUGIR AO HOMEM QUE A TRATAVA COMO JOIA RARA

HOTEL INTERNACIONAL

(THE V.I.P.S)

ADULTOS (M/17anos)



O AVENTUREIRO A PROTEGIDA A DUQUESA A SECRETARIA O FINANCEIRO A INTERESSEIRA O PRODUTOR

COM LINDA CHRISTIAN ARGUMENTO DE TERENCE RATTIGAN REALIZAÇÃO DE ANTHONY ASQUITH PRODUÇÃO DE ANATOLE DE GRUNWALD PANAVISION® METROCOLOR

FILMES CASTELLO LOPES

apresenta

AMANHÃ no



DOMINADOR! MAGNIFICENTE! INESQUECÍVEL! ESPECTACULAR!

UM FILME TÃO VIOLENTO COMO O IMPETUOSO DRAMA VIVIDO PELAS SUAS HEROICAS PERSONAGENS!

ROSSANA PODESTA · JEFFRIES LANG · PHILIPPE LEROY

E UM ELENCO DE MILHARES!



O IMPÉRIO DE ROMA

TOTALSCOPE — EASTMANCOLOR

UMA EXTRAORDINÁRIA SUPERPRODUÇÃO REALIZADA POR HERBERT WISE.

ADULTOS

MAIS ALTO QUE AS LABAREDAS DA REVOLTA A CHAMA GLORIOSA DUM AMOR SEM LIMITES!

NO PROGRAMA: UMA NOVA "SELECÇÃO POLICIAL" O CASO DA AGÊNCIA MATRIMONIAL CINEMATIZAÇÃO DUM CASO EXTRAÍDO DOS ARQUIVOS DA SCOTLAND YARD.

Os cérebros electrónicos a estética e os grandes espaços pelo arquitecto Mário de Oliveira

Em todos os tempos existiram grandes inteligências, originais e poderosas, que aliadas a uma imaginação poderosa, possuíam ainda qualidades superiores de realização.

Um dos maiores génios do Mundo em todos os campos, o que hoje se poderia chamar de cérebro electrónico, foi sem dúvida esse homem verdadeiramente singular, que se chama Leonardo da Vinci.

Leonardo, com a sua prodigiosa inteligência e imaginação antecipou-se no seu tempo a todos os fenómenos estéticos, de obras publicas, de tática de guerras, etc.

Quando Leonardo, em fins de 1481, escreveu uma carta oferecendo os seus serviços a Ludovico, deu-lhe uma enumeração das suas aptidões, que passaram a ser famosas como exemplo do poder intelectual do homem.

«Tendo, mui Ilustre Senhor, visto e considerado as experiências de todos aqueles que se dizem Mestres na arte de inventar instrumentos de guerra — diz Leonardo — e tendo comprovado que esses instrumentos não diferem de nenhum modo dos que são de uso comum, eu me esforçarei, sem querer diminuir a ninguém, em dar a conhecer a Vossa Excelência certos segredos que me são próprios e inúmeros:

«Tenho um processo para construir pontes muito ligeiras, muito fáceis de transportar, graças às quais o inimigo pode ser perseguido e posto em fuga; outras mais sólidas que resistem ao fogo e ao assalto e são fáceis de pôr e tirar. Também conheço a maneira de queimar e destruir as do inimigo».

Leonardo, em dez alíneas, define a Ludovico todos os seus processos de regra, de tática guerreira, de construção, etc., e termina a carta dizendo: «Em tempo de paz julgo que posso igualar a quem seja em arquitectura e construindo monumentos privados e públicos e conduzindo águas de um lugar a outro para que as gentes estejam alegres». E Leonardo, duvidando que Ludovico não conseguisse compreender o seu desejo de fornecer toda a zona privilegiada dos campos milaneses, falou-lhe, ainda, das suas actividades estéticas — que Ludovico, por capricho, nunca quis aceitar — porque tinha sempre a sua volta grandes mentores das obras publicas, e, ainda, como em todos os tempos, os aduladores ignorantes, que a todas as decisões diziam que eram geniais.

Um dia, isto, salvo erro, por volta de fins de Janeiro de 1482, Ludovico, que constantemente vinha sendo condecorado, pelos vários serviços que tinha prestado à sua região, fez uma viagem fatigante pelas 13 localidades mais importantes da zona milanesa — e, com espanto da sua equipa e de todos os seus satélites — conseguiu estudar «in loco» e resolver problemas numas escassas 48 horas, que o grande génio, Leonardo da Vinci, só poderia realizar por estudos atentos e profundamente meditados, para que as obras em questão tivessem sempre um fim humano — e, por conseguinte, de grande alcance social.

Mas o povo daquela época bem compreendeu que o esforço físico de Ludovico, em visitar tantas terras em tão pouco tempo era tarefa violenta, e como os transportes então eram difíceis e por maus caminhos, para que Ludovico fosse descansando, os habitantes de cada aglomerado urbano davam-lhe descanso, em tendas construídas especialmente, e às quais hoje se poderia chamar pousadas, onde Ludovico dormia, para que, no outro dia, e com a sua equipa, continuasse

Cursos de aperfeiçoamento para internos dos H. C. L.

Promovidos pelo Serviço do Internato dos Hospitais Civis de Lisboa, de colaboração com a Sociedade Médica dos H. C. L., vão realizar-se cursos de aperfeiçoamento de anatomia patológica, medicina operatória, radiologia, análises clínicas e semiologia, para médicos internos.

A sessão inaugural efectua-se hoje sob a presidência do enfermeiro-mor dos H. C. L., na sede daquela Sociedade, no Hospital dos Capuchos, e, no decorrer dela, profere a primeira conferência do Curso de Radiologia o prof. A. M. Baptista, que fala de «Exploração médica com radioisótopos».

nos seus estudos e na resolução dos problemas.

Leonardo, contam os historiadores, que no fim de uma destas constantes viagens, que Ludovico fazia, tudo ficava na mesma e algumas vezes pior, porque Ludovico, inimigo do tradicional, do que define a civilização, tudo quanto era artístico ou mandava deitar abaixo — ou deixava construir «uma escada de pedra» ou «um caminho para passar debaixo de um rio» — isto tudo com o apoio dos seus ilustres colaboradores, que, naquela época, tanto em Florença, como em Milão, a tudo tinham que dizer que sim, para

(Continua na 12.ª página)

O reconhecimento de Pequim pelo Governo de Paris

(Continuação da 1.ª página)

China. Em consequência da atitude americana para com o novo regime chinês, o mundo esteve à beira da guerra quatro vezes nos últimos treze anos, duas delas durante a guerra da Coreia, quando o general Mac Arthur e o secretário de Estado Foster Dulles tentaram alargar a China o campo das hostilidades no Extremo Oriente, a terceira durante a guerra da Indochina e, em 1954, durante a crise da Formosa. Se foi possível evitar a catástrofe, deve-se isso apenas à acção moderadora dos aliados dos Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, que junto do Governo de Washington agiram com decisão.

Um perigo permanente

A guerra, quatro vezes evitada no último minuto, pode reaparecer, em consequência de uma nova crise idêntica às anteriores. Sob as cinzas o fogo crepita e as chamas podem irromper dele, abrasando o mundo em virtude do jogo das alianças. Haverá esse perigo enquanto se não modificar a política americana em relação à China e o foco de perturbação, que se chama Formosa, não se extinguir. Trata-se de uma situação cheia de perigos e ameaças a qual se agrava em virtude de os dois partidos dos Estados Unidos — republicano e democrático — o utilizarem na sua competição, sobretudo em períodos de luta eleitoral.

Nunca na história deste país o Governo esteve sujeito a pressões tão prementes de forças irresponsáveis, às quais Walter Lippmann chama «o partido da guerra americana». A política americana em relação à China, depois do desaparecimento do regime nacionalista chinês, tem sido ditada não pelo Governo de Washington, mas pelo partido da guerra. O Governo mais de uma vez se tem mostrado na disposição de tirar as lições das experiências do passado, modificando a sua orientação o que não é para desprezar, pois se sabe que, sem a actividade infatigável do partido da guerra, as relações sino-americanas estariam há muito normalizadas e extinto o foco perigoso da Formosa. Entretanto não se fez isso em virtude da pressão de elementos da sociedade americana, responsáveis por uma situação que nada justifica, nem a invocação do direito, nem a defesa dos interesses dos Estados Unidos, nem os imperativos da moral internacional.

Uma política inviável

Um contrário do que proclamam os partidários da guerra nos Estados Unidos, no caso da China não se trata de restaurar um Governo legal ou restabelecer as liberdades do povo chinês. Toda a gente sabe que nunca esse povo foi tão pouco livre como sob o domínio dos nacionalistas de Chang Kai Chek e que este não tem qualquer probabilidade de regressar ao continente, pela força ou pacificamente. As suas fanfarronadas periódicas não levarão a esse resultado e, por outro lado, como escreveu John Gunther, «pela primeira vez na sua longa história cessou a guerra civil durante anos endémica na China». A restauração do regime nacionalista teria como consequência imediata recrudescer-la.

O partido da guerra americano pretende destruir o actual regime de Pequim para regressar ao continente asiático e apagar a recorda-

I Curso sobre problemas Psico-Fisiológicos dos Jovens

As Associações de Estudantes, agora através do Secretariado das Secções de Saúde de todas as Faculdades, continuam a desenvolver os seus esforços no sentido de conseguirem uma melhoria do nível intelectual do estudante universitário, nomeadamente no campo da higiene mental.

Assim, prossegue hoje, na Sala de Alunos da Faculdade de Medicina o primeiro curso sobre «Problemas Fisiológicos e Psicológicos dos Jovens», com uma lição proferida pelo sr. dr. João dos Santos que versará sobre «Psicologia e Higiene Mental». Este curso tem suscitado grande interesse no meio académico e é mais uma válida realização das Associações de Estudantes.

Começam na quinta-feira as comemorações centenárias da cidade de Bragança

BRAGANÇA, 17. — Encontra-se já elaborado o programa definitivo das festividades comemorativas do 5.º Centenário da Cidade de Bragança, que se iniciam na próxima quinta-feira, com a presença de alguns membros do Governo e de outras destacadas personalidades da vida publica portuguesa.

O primeiro dia das solenes comemorações será assinalado, às 7 horas, com uma salva de morteiros, após o que a banda de música infantil da Casa de Trabalho «Dr. Oliveira Salazar» percorrerá as principais artérias da cidade, em saudação às autoridades locais.

As 14 horas, haverá solene «Te Deum» na igreja matriz de Santa Maria, entre o castelo e a «Domus Municipalis», ao qual presidirá o

bispo de Bragança e Miranda, sr. D. Abílio Augusto Vaz das Neves, sendo pregador o professor do Seminário dos Olivais, em Lisboa, rev. cónego dr. António de Figueiredo Sarmento, natural deste distrito.

Finda a cerimónia religiosa, efectuar-se-á uma sessão solene na antiquíssima e restaurada «Domus Municipalis», que será presidida pelo chefe do distrito, sr. dr. Horácio António Gouveia, com a assistência daquele prelado, do sr. D. Duarte Nuno, como representante da Casa de Bragança, e das mais destacadas e prestigiosas autoridades e individualidades civis, militares e religiosas. Nesta sessão falarão os srs. Adriano Augusto Pires, na qualidade de presidente do Município de Bragança, que lerá o foral que elevou Bragança a cidade, em 20 de Fevereiro de 1464, e dr. Eduardo Augusto de Carvalho, professor do Liceu de Bragança e director do boletim do Grupo dos «Amigos de Bragança», um dos mais activos organizadores das comemorações centenárias.

O cortejo histórico

A sessão será seguida de um deslumbrante cortejo histórico, no qual figurarão um espectacular carro alegórico, representando a «Domus Municipalis», acompanhado de pagens e arautos que envergaram a indumentária de quinhentos e largas representações de todas as colectividades, organismos e estabelecimentos de ensino da cidade, com os respectivos estandartes, etc. Durante o percurso desta grandioso cortejo, que atravessará todas as principais ruas da cidade e será abrilhantado por aquela apreciada banda de música, será novamente lida a Carta de Foral de Cidade à Vila de Bragança.

Finalmente, s 21 horas, efectuar-se-á outra sessão solene no Cine-Teatro Camões, também presidida pelo chefe do distrito, na qual discursarão, acerca de tão faustosa data, o rev. dr. Domingos Maurício dos Santos, S. J., o sr. dr. Alexandre de Abreu Faria, advogado brigantino e organizador das referidas comemorações centenárias; João Eduardo Machado Lopes, quintanista do nosso liceu, pela Academia brigantina, etc. A apresentação dos conferentes será feita pelo presidente da comissão executiva das comemorações centenárias, sr. dr. João Carlos de Sá Alves.

Na fachada do majestoso castelo, voltada para o coração desta cidade, destacam-se já, pela sua féerie e deslumbramento, as datas de 1464-1964, cada uma com o comprimento ou altura de 8 metros, e, entre elas, uma linda cruz, com a altura de cerca de 10 metros, tudo em lampadas coloridas e oferecendo um conjunto verdadeiramente surpreendente, que se divisa de grande distancia.

Foi hoje autopsiado o cadáver do operário que apareceu morto numas escadas da Cova da Piedade

A Polícia Judiciária continua a procurar esclarecer as circunstâncias da morte de João Maria Madeira, de 38 anos, casado, operário da Fábrica Militar de Braço de Prata e residente em Almada, cujo cadáver foi encontrado na madrugada de ontem — como noticiámos — no patamar das escadas do prédio n.º 22, da Rua Rosas do Pombal, na Cova da Piedade.

O corpo estava deitado de bruços, com sinais de ferimentos na cabeça e sangrando pela boca, nariz e ouvidos, quando um dos inquilinos do prédio, às 5 e 30 da manhã, o encontrou.

Avisadas as autoridades, estas apuraram, nas primeiras investigações, que o João Maria Madeira parecia ter succumbido a violenta agressão, que não deve ter tido por mobil o roubo, pois a vítima tinha consigo valores e dinheiro.

O caso foi entregue à Polícia Judiciária, que já ouviu os inquilinos do prédio da Cova da Piedade, familiares da vítima e quantas pessoas possam dar pormenores sobre os últimos passos do João Maria Madeira.

Esta manhã, na casa mortuária do cemitério de Almada, para onde o cadáver havia sido removido ontem à tarde, procedeu-se a autó-

sia, cujo resultado era considerado decisivo para a orientação das investigações.

Provas para professor extraordinário do I. S. C. E. F.

Prosseguiram esta manhã as provas para professor extraordinário do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Perante um júri constituído por todos os professores daquele Instituto e sob a presidência do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. L. P. Pinto, o sr. dr. Caetano Léglise da Cruz Vidal proferiu a sua primeira lição à escolha que se subordinou ao tema «Desconto Bancário», que teve numerosa assistência.

As provas terminam amanhã, sendo então dada a conhecer a decisão do júri quanto à admissão do sr. dr. Caetano Vidal como professor extraordinário do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA

3

por FERNANDO NAMORA



RENÉ LAENNEC

Breve história do homem que inventou a auscultação

IV

As vezes, no hospital, apercebia-se de certos motejos ou de certas deferências desusadas, de uma precavida curiosidade à sua volta. Toda essa mudança no trato dos colegas o advertia de que, afinal, a sua apresentação na Academia fora comentada em alguns círculos, que os mestres tinham reagido de um modo prudente, talvez insidioso, mas não com a indiferença que o desanimara. Se um médico mais novato não escondia o seu entusiasmo pelo estetoscópio, havia sempre um colega conservador que, maliciosamente, depreciava o «canudo».

— Não percam tempo com futilidades de musicistas.

Por essa altura, Laennec foi chamado a uma conferência médica com o famoso Broussais, um homem autoritário e rude, autor de um sistema incongruente que, no entanto, gozava de enorme crédito. Entre ambos existia uma surda rivalidade, que iria acentuar-se com o tempo, a ponto de a biografia de um não poder dissociar-se da do outro, tão discutidas foram as suas desavenças e inconciliáveis as suas ideias, colocadas nos dois extremos da ciência da época. Broussais diagnosticara uma pneumonia e Laennec, depois de auscultar cada polgada do tórax da doente, discordou, afirmando a existência de um empiema.

— Foi o «canudo» que lho disse?

— Foi. E ao senhor a percussão deixou-o confundir um empiema com uma pneumonia. Não se esqueça que a percussão, nos dois casos, tem a mesma totalidade.

Laennec não receava sustentar o seu diagnóstico, pois observara muitos casos semelhantes. A prática ensinara-lhe que, acima do nível do pus, o estetoscópio transmitia um ruído característico, que lembrava o balido de uma cabra e, por isso, lhe dera o nome de «aegophonia». Broussais mostrou-se ofendido e obstinado. O único meio de decidir quem tinha razão seria introduzir um estilete entre duas costelas do enfermo. E assim se procedeu e assim se revelou a coleção purulenta. Laennec, ao triunfar nessa disputa com um clínico influente, travara a primeira batalha, ao mesmo tempo que acrescentava ao seu rol de detractores um inimigo feroz. Ambos iriam empenhar-se numa polémica que, para os que a saboreavam na galeria, tornara-se num apaladado escândalo: a grosseria violenta de Broussais respondia a frieza, amarga mas contundente, do tuberculoso Laennec.

A personalidade sarcástica e intolerante de Broussais, que, para os historiadores, mordida a glória de Laennec como a sombra morde a luz, tinha, porém, raízes trágicas. Destemido, entregando-se apaixonadamente a uma causa, alistara-se como voluntário na companhia franca de Dinan, quando do levantamento de 1791. Durante a caça aos rebeldes, portou-se com bravura e, por ter transportado aos

ombros um camarada ferido, brindaram-no com os galões de sargento. Mais tarde, sucessivamente oficial de Saúde e cirurgião da Marinha, uma brutal notícia assanhara-lhe o carácter: no momento de embarcar no «La Renommée», entregaram-lhe uma missiva do *maître* da sua terra. Começava assim: «Cidadão! Tremei ao receber esta carta! O pai e a mãe, traidores por uma serviço, tinham sido degolados pelos adversários políticos de Broussais. Ele nunca mais o esquecerá. Nas suas atitudes passou a haver encarniçamento, fúria e uma vontade sôfrega de vencer e dominar. Retomando a carreira das armas, regressou a França em 1814, com os destroços do exército. E' homenageado com as insígnias da Legião de Honra e eleito professor do Hospital Militar.

Segundo Broussais, o médico deve impor-se à natureza e não sujeitar-se-lhe, como apregoavam, dóceis, os hipocráticos. Por isso, em quase todas as doenças, que ele, dogmáticamente, relacionava com uma irritação do tubo intestinal, vá de recomendar, em doses de cagneria, um tratamento antiflogístico ou debilitante. As suas medicinas de estimulação eram, por conseguinte, as sanguessugas e as sangrias. Aquelas, aplicadas ora sobre o estômago, ora sobre a cabeça, tinham por incumbência prevenir ou curar a gastrite, e prescrevia às centenas de cada vez, deixando o enfermo mais sugado do que pichel em mesa de borrachos. E como o seu exemplo servia de palavra de ordem para muitos médicos, nos primeiros decénios do século, a França, sem mais reservas dos lascivos animalizinhos, tamanha era a procura, viu-se coagida a importá-los, em escala surpreendente, de outros lugares.

Broussais por todo o lado apodava Laennec de «estripador de cadáveres» ou então de farsante que se dava ares de adivinho, ridicularizando-lhe a pretensão de prever, com os dados clínicos, as lesões denunciadas pela anatomia patológica — e essa chacota era festejada pela sua corte fiel de adoradores. Broussais, truculento e faustoso, ia badalando os seus triunfos, na verdade frequentes, pois era um grande clínico, enquanto Laennec, sem jeito para se enaltecer e cativar amizades, se escondia como um fracaço. Censuravam-lhe as inclinações artísticas, devaneio incompatível com a seriedade da profissão médica, e o feitiço introvertido. Nessa controvérsia, enfim, os mais sonoros truífos pertenciam a Broussais.

Em 1819, Laennec decide publicar *De l'auscultation médiate, ou Traité du diagnostic des maladies du poulmon ou du coeur, fondé principalement sur ce mode d'exploration*, uma das obras decisivas e fundamentais da medicina. Diz-se que, aos compradores, era oferecido um insólito brinde: o estetoscópio de madeira. O estratagem, se na verdade foi posto em prática, surtiu efeito, pois a edição

esgotou-se num rufo, permitindo ao autor rejuvenescer e ampliar o texto que, na nova versão a seguir publicada, se enriqueceu com trechos inéditos, como a descrição do sopro pneumónico.

Para Laennec, a auscultação *mediata*, em que os sons se apercebiam após tornados mais nítidos pelo cilindro de madeira, era preferível à auscultação *imediate*, em que se apoiava directamente o ouvido ao tórax do doente, pois nesta última «o médico escuta ruídos numa área demasiado extensa para daí colher sinais precisos, além de que a posição a que se obriga faz que o sangue se acumule na cabeça, perturbando a audição». Gabriel Andral reabilitou depois a auscultação *imediate*, que Laennec desvalorizava, e J.-B. Borth e H.-L. Roger, num «Tratado de Auscultação» publicado em 1844, acabaram por definir os casos em que um e outro destes modos de auscultar deviam ser perfeitados. A Escola de Viena estava atenta ao exemplo da nova vaga científica de Paris, que, aliás, irradiava por todo o lado, e em 1847 Joseph Skode documentou a sua experiência neste domínio num grande «Tratado de Percussão e Auscultação», no qual propunha que se associassem as leis físicas aos sinais revelados pelo exame clínico.

Laennec, porém, não teve animo para suportar a balbúrdia de críticas e aplausos: esgotado por todos esses anos de trabalho árduo, parte para a Bretanha, recolhendo-se numa modesta moradia que herdara da mãe. Aí passa dois anos a recuperar energias, apartado do bulício, tentando que o esqueçam. A música e os livros bastam-lhe. No entanto, ao regressar a Paris, em 1822, teve a surpresa de verificar que esse isolamento obrara em seu benefício. O método da auscultação, entretanto, fora adoptado por muitos médicos ilustres, que já consideravam Laennec o grande impulsor do estudo da patologia pulmonar e um dos astros da brilhante Escola de Paris, a primeira do Mundo naquele tempo, que, além do seu, reunia os nomes de Bichat, Corvisat, Bayle e Dupuytren. Daí, não tardou a ser nomeado professor do Colégio de França e, no ano seguinte, foi escolhido para suceder a Corvisat na cadeira de clínica médica da «Charité». Os médicos franceses e, mais ainda, os estrangeiros, visto que poucos têm realza na sua terra, vinham escutá-lo sobre as aplicações e vantagens da técnica auscultatória, ao passo que aprendiam a discernir os processos pulmonares e cardíacos.

Broussais, que nesse mesmo ano publicara o seu «Catecismo de medicina fisiológica», no qual defendia o conceito de que as doenças têm a sede nos sólidos e que todas se reduzem a um processo não específico, a *irritação*, não se dá por vencido e continua a esgrimir com zombarias e frases grandiloquentes. A falta de argumento mais válido, acusa de ingenuidade Laennec e os seus seguidores, alcunhados de «cellindromanos», pois ingenuidade é supor que o ouvido encostado ao rebordo de um cilindro de madeira poderá substituir o poder do médico em captar, por vocação, inteligência e argúcia, os distúrbios do organismo. Mas, nessa época, já Broussais pressentia que as vasas tinham mudado de mão.

tara, era dos temas mais debatidos, pois se os flagelos epidémicos tradicionalmente temidos pelas populações ceifavam muitas vidas, a tísica não era menos mortífera: a diferença estava na sua espectacularidade.

No parecer de Broussais, tal morbo consumptivo, manifestado pela tez pálida, emagrecimento e pele húmida das suas vítimas, significava o termo final da inflamação. «As alterações patológicas — perorava ele —, consideradas em si mesmas, são pura esquisitice, sem a mínima utilidade para quem investigue, pois o processo inflamatório é a única causa que as provoca». Laennec, embora lhe tivesse escapado a origem da doença, que para ele constituía uma «produção» estranha ao organismo e dotada, portanto, de vida própria, pensava de modo diferente. O estetoscópio permitia seguir a progressão interna da moléstia, que tinha preferência pelos pulmões, e como a autópsia mostrava os órgãos respiratórios semeados de inúmeras granulações cinzentas, ou tubérculos, dera-lhe o nome de tuberculose. Tendo ignorado a forma aguda do processo, a granúla, porque seria impossível reconhecê-la com apetrechos tão elementares, Laennec evidenciou-lhe, porém, os dois aspectos fundamentais: em corpos isolados e em infiltrações, e deu independência a um tipo mórbido novo, a dilatação dos brônquios, que naquele indevidamente se mesclara. Afirmando a unidade da doença, conceito genial por serem bastas e perturbantes as suas localizações e parcos os meios de corroborar essa ousada opinião, Laennec, porém, advertiu que, com os conhecimentos adquiridos, apenas se podia detectar a tísica na fase de conglomeração dos tubérculos, num estágio já tardio da sua funesta marcha.

Broussais repontava:

— Que é essa tísica de Laennec? Tubérculos, sempre tubérculos! Mas nunca se viram tubérculos pulmonares sem uma inflamação antecedente. A tísica não passa de uma pneumonia crónica.

Laennec não acreditava no contágio. Foi Villemin, médico militar, quem, decénios mais tarde, demonstrou que a tuberculose é virulenta, infecciosa e transmissível, ilustrando as suas afirmações com esta alegoria: «o soldado tuberculoso é para o companheiro de tarimba o que o cavalo moribundo é para o vizinho de estrebalaria». No entanto, Laennec, mesmo sem preocupações etiológicas, frisou a influência das paixões tristes na eclosão da tísica e os benefícios ou malefícios de certos climas. Recomendava aos típicos a mudança de ambiente, mas de preferência para a beira-mar, visto que, «na montanha, a doença acelera-se».

Além do seu «Tratado das afecções pulmonares», Laennec elaborou outro, não menos consciencioso e recheado de concepções originais, sobre doenças cardíacas. Há quem considere o advento do este-

toscópio mais decisivo no progresso da cardiologia do que no da patologia pulmonar, pois esta dispunha já da percussão que, nas cardiopatias, era de bem menor préstimo. E, insatisfeito, percorreu ainda outros territórios da patologia: nas suas «Notas sobre anatomia patológica», ao estudar os processos tumorais, separou nitidamente os tumores constituídos de tecidos normais daqueles que apresentam uma estrutura desregada — os cânceros, dos quais descreveu a evolução anatómica e as vorazes disseminações a distância: as metástases. «Os cirurgiões antigos — anota em *De l'auscultation médiate* — e, á sua imitação, os anatomistas modernos, têm confundido, sob o rótulo de cirro, cancro ou carcinoma, produções acidentais que não têm qualquer identidade entre si. Laennec caracterizou, separadamente, o cirro, o encefaloide e a melanose.

Os contraditores, chefiados pelo renhido Broussais, não esmoreciam em remordê-lo, e Laennec, apesar de debilitado, encrespou-se em muitos lances dessa disputa, não por si, pois mostrava total desinteresse pelo favor dos auditórios, mas porque era o proveito da ciência que estava em causa. E o amor à ciência e aos que padecem era ainda o que o norteava ao recomendar, na clínica universitária e hospitalar, normas de trabalho que ainda hoje constituem uma cartilha exemplar: «Quando um doente dá entrada numa enfermaria, um estudante colherá os sinais que estão ao seu alcance. Em seguida, vou eu examiná-lo e dito os sintomas que observo. Ponho especial atenção nos que podem servir para estabelecer um diagnóstico ou para orientar a terapêutica. Dou então o meu parecer, que será rectificado se os exames posteriores o indicarem. Depois tudo isso se vai registando noutro caderno, chamado «folha de diagnóstico», que será relido, se necessário, em cada visita. Quando se apresenta algum novo sintoma, recomendo que se junte à história clínica, e se o doente falece anotam-se e confrontam-se os resultados da autópsia. Então o processo será revisto e discutido entre todos, procedendo-se às correcções que se oferecerem».

A tísica, a luta e o esforço demolidor iam-no devorando. Emagrecera de tal modo, que dizia que o seu corpo não fazia sombra. Chegado ao limite da resistência, retirou-se pela segunda e última vez das lidas profissionais, indo morrer no solar de Kerlouarnec, á beira da enseada de Douarnener, a 13 de Agosto de 1826, a todos impressionando a resignação com que aguardara o fim da sua vida afanosa e solitária.

A SEGUIR: Virchow, médico e militante da democracia.

deixe
de fumar com
terminex

O FAMOSO PRODUTO INGLÊS

inofensivo e desprovido de sabor
que contraria o hábito de fumar.

A VENDA NAS FARMÁCIAS

A tísica, cuja caprichosa actuação intrigava todos os que a procuravam sondar, progredindo fulminantemente ou demorando a consumir, de um modo pérfido e silencioso, o organismo onde se acol-

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.
LISBOA - TELEFS. 68 41 41/2/3

FOCO
GRUA HIDRÁULICA TElescópica
MODELOS DE 750-1500-2500-3000 Kg
PINTO & CRUZ, LIMITADA
R. ALEXANDRE BRAGA, 60/64 - TELEF. 26001 (P. P. C.) - PORTO.



O local do aluimento, vendo-se à direita as ruínas da vivenda

Uma vivenda destruída pelo aluimento de terras entre a Trafaria e a Caparica

Foi ontem de manhã. Eram 6 horas. O sr. Manuel Dias Brito, proprietário duma pequena vivenda e comerciante em S. João da Caparica, levantou-se da cama para ir ao seu jardim.

O sol ainda não tinha nascido e a visibilidade era, por isso, pequena. Apoiado na sua bengala verificou, a certa altura, que esta se enterrava no solo, o que não era habitual. Voltou a casa e esperou que clareasse.

Quando voltou a inspecionar o local ficou apavorado. O solo dava de si e as paredes da casa estavam rachadas. Situada no topo da encosta do bairro do Fica Galo, entre a Trafaria e a Costa da Caparica, debruçada sobre a estrada, a casa tinha à frente um jardim com vinte metros de comprimento. Jardim com flores e árvores de fruto, que terminava numa pequena ribanceira, assente sobre uma rocha enorme.

O sr. Dias Brito deu o alarme e mandou sair toda a família, a mulher, uma filha e o marido desta. Trataram de tirar de dentro de casa tudo quanto podiam e aguardar os acontecimentos, avisando os bombeiros.

Efectivamente, a meio da tarde de ontem, a grande massa de terras deu de si, arrastando no seu deslocamento para a planície, as árvores e pedras da encosta, todo o jardim da vivenda, além de algumas paredes desta.

O material removido, por sua vez, foi apanhar um prédio que se encontra em construção, na base da colina. Algumas das paredes deste abriram também pequenas fendas, devido à pressão feita sobre ele pelas terras, pedras e árvores.

Avisado do sucedido o presidente da Câmara Municipal de Almada deu ordem para que os operários abandonem o prédio em construção, pois podem dar-se novos desmoronamentos.

A vivenda, em parte destruída, ficou semi-suspensa, sobre terra solta, vendo-se que os seus alicerces eram superficiais. A água, infiltrando-se nos terrenos de terra solta, originou o desmoronamento.

Noutros locais, ao longo da encosta, notam-se, aliás, sinais evidentes da erosão provocada pelas chuvas. É o caso, por exemplo, de uma barreira, situada sobre o estreito caminho que dá acesso ao bairro que está semidestruído, o que acontece sempre que chove.

O MINISTRO DA ECONOMIA

confere posse aos membros do Conselho Administrativo e Consultivo do Fundo de Fomento Florestal e Agrícola

Amanhã, às 12 horas, o ministro da Economia confere posse aos membros do Conselho Administrativo e Consultivo do Fundo de Fomento Florestal e Agrícola.

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

muíto. O caminho chega a estar, por vezes, impedido, com prejuízo para os habitantes da zona que, além do perigo que correm, vêem às vezes cortado o acesso de veículos a suas casas.

Há um ano, que a Câmara Municipal de Almada prometeu remediar o mal, esperando-se que não demore a construção da parede de sustentação das terras, que está prevista e prometida.

O Presidente da República entregou a Torre e Espada às famílias de dois militares mortos em combate no Ultramar

O sr. Presidente da República recebeu esta tarde, em audiência especial, no Palácio Nacional de Belém, as famílias do segundo-sargento José Paulo dos Santos e do furriel miliciano João Nunes Redondo, mortos em combate nas províncias de Angola e da Guiné, respectivamente, às quais entregou as insígnias do grau de cavaleiro, com palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, com que aqueles militares foram condecorados a título póstumo, por se terem distinguido na luta contra o terrorismo.

Assistiram à cerimónia, além dos familiares dos dois militares, os srs. ministros da Defesa, do Exército e do Ultramar, chefe e vice-chefe do Estado-Maior do Exército, quartel-mestre-general e ajudante-general do Exército, governador militar de Lisboa e comandante da 2.ª Região Militar, comandante do Regimento de Infantaria 2 e outros oficiais, bem como os presidentes das Camaras Municipais da Covilhã e de Ilhavo, concelhos de onde eram naturais os agraciados. Estavam também presentes o chanceler da Ordem Militar da Torre e Espada, sr. general D. Miguel Pereira Coutinho, e o secretário-geral das Ordens, sr. dr. Luís Pereira Coutinho.



Sapateiros fabricantes
SAPATOS DE CATEGORIA
A PREÇOS ACESSÍVEIS
R. da Assunção, 53-2.

PENHORES

JUROS DA LEI
Largo Conde Barão, 4-1.º Esq.

O I COLÓQUIO DE PRODUTIVIDADE NA INDÚSTRIA CERÂMICA PRINCIPIOU ESTA MANHÃ EM LISBOA

À inauguração presidiu o subsecretário de Estado da Indústria

A indústria da cerâmica ocupa, em Portugal uma posição de singular relevo, pois eleva-se a mais de 1000 o número de unidades industriais existentes.

A mão-de-obra empregada nesta indústria, talvez aquela que trabalha o mais antigo material de construção — a argila — e talvez, ainda, a mais tradicional no País, atinge actualmente o total de cerca de 12 500 operários que produzem 1 milhão e 250 mil toneladas de artigos diversos no valor de 250 mil contos.

Pode afirmar-se, não entanto, que uma quantidade bastante expressiva de pequenas fábricas de tijolos e telhas, trabalhando quase em regime de artesanato primitivo e que se encontram espalhadas pelo País, não possui mais do que instalações francamente rudimentares.

Ora tais organizações (se assim é lícito chamá-las, tendo em vista o que hoje é, ou deve ser, uma indústria) não permitem, naturalmente, uma qualidade ao nível das exigências modernas, e, se a conseguem, não asseguram, certamente, a necessária continuidade das boas condições de fabrico. Por outro lado, tais fabricas não podem garantir, igualmente, a estabilidade de salário ou de permanência de colocação do trabalhador, o que vem a contribuir, consequentemente, para se avolumarem os problemas de ordem social.

Assim, atentos e bem conscientes das necessidades do desenvolvimento industrial do País, dois organismos oficiais, que nos seus domínios de investigação envidam os

melhores esforços com vista ao nosso progresso técnico e económico — o Instituto Nacional de Investigação Industrial e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil — tiveram a iniciativa, em conjunto com os grêmios correspondentes, de promover colóquios sobre Produtividade nos três domínios relacionados com a construção: a cerâmica, as madeiras e a construção civil em geral.

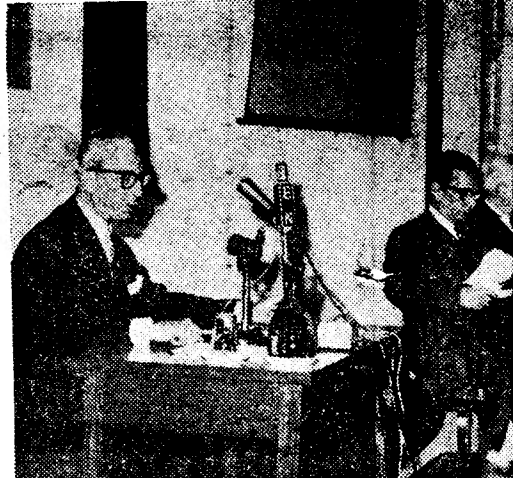
Nessa conformidade, iniciou-se esta manhã, nos Laboratórios de Química e Biologia do I. N. I. I., ao Poço do Bispo, o I Colóquio de Produtividade na Indústria de Cerâmica (barro vermelho), organizado por aqueles dois organismos em colaboração com o Grémio dos Industriais de Cerâmica.

A primeira sessão

Cerca das 9 e 30 e depois de feita a distribuição da documentação aos 130 participantes, o subsecretário de Estado da Indústria, sr. dr. José Esteves da Fonseca, presidiu ao começo dos trabalhos. Ladeavam-no, à direita, o sr. eng. Azevedo Coutinho, presidente do conselho geral do Grémio dos Industriais de Cerâmica e o director-geral dos Serviços Industriais, sr. eng. Ferreira do Amaral; à esquerda, o representante do director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, sr. eng. Martins de Oliveira, devido a ausência no estrangeiro do sr. eng. Manuel Rocha, e o director do Instituto Nacional de Investigação Industrial, sr. eng. Magalhães Ramalho.

Antes de se iniciar propriamente a primeira sessão de trabalhos, esta última individualidade proferiu algumas palavras, principiando por agradecer a presença do sr. subsecretário da Indústria, presença comprovatória do interesse que sempre tem dedicado ao incremento industrial do País.

Prosseguindo, regozijou-se pelo entusiasmo que o Colóquio despertou no meio industrial, o que prova quanto a indústria começa a estar consciente dos seus problemas na hora delicada que o País atravessa e em que a concorrência mundial faz prever que se agravem no campo económico por motivo das políticas de unificação dos mercados. O sr. eng. Magalhães Ramalho assinalou que a indústria deste Colóquio é tanto mais interessante por ser o fruto dos esforços combinados não só da indústria através dos respectivos Grêmios, como das instituições nacionais de investigação mais directamente ligadas ao sector dos materiais de construção. A terminar as suas considerações,



O director da Federação Europeia de Telhas a sua comunicação. Ao fundo vê-se a mesa

disse por fim o director do I. N. I. I.: «Esta colaboração conjunta pode mesmo desde já concluir-se a certeza de que o País vai responder devidamente às grandes responsabilidades que o seu desenvolvimento futuro e a concorrência internacional impõem, tudo estando em que não deixem de apoiar-se com o maior carinho todas as iniciativas construtivas para o seu progresso.

Existem na Europa 8000 empresas de barro vermelho

Em seguida foi então apresentada a primeira comunicação, da autoria do sr. J. Brossard, director da T. B. E. (Federação Europeia de Telhas e Tijolos), subordinada ao tema «Organização europeia do barro vermelho».

Após traçar uma ligeira nota histórica do organismo que representa, o qual foi fundado em 1953 e nele havendo Portugal ingressado em 1961, aquele técnico francês referiu o intenso trabalho para a publicação da terminologia técnica e da respectiva forma de escrita, cuja lista envolve 3000 termos, em 7 línguas, ou sejam 21 000 palavras. O sr. Brossard deu depois conta do programa de acção da T. B. E. para 1964-1965, lembrando o próximo 9.º Congresso Internacional de Cerâmica a realizar em Bruxelas, em Setembro próximo, e que se espera reunir meio milhão de participantes. E na sua extensa resenha de actividades reportou-se, ainda, à colaboração entre os laboratórios de investigação da qual resultara benefício para a indústria, o que se considera por assim dizer o único objectivo da T. B. E.

O sr. Brossard salientou, a fim de lizar e através de uma curiosa estatística, que a indústria de barro vermelho, na Europa, abrange 8000 empresas, 250 000 operários e produz 100 milhões de toneladas de produtos por ano, o que permite construir 5 milhões de habitações.

Terminada a leitura desta comunicação o sr. subsecretário de Estado da Indústria, por ter que retirar-se, proferiu breves palavras de congratulação pela iniciativa do Colóquio, fazendo votos pelo seu êxito e felicitando os seus organizadores.

Proposta a criação do Centro de Produtividade da Indústria de Cerâmica

No prosseguimento da 1.ª sessão de trabalhos, agora com a presença



Um aspecto da assistência



GRILL
FLÓRIDA

ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS
TODAS AS NOITES (EXCEPTO 2.ª-FEIRAS), das 21.30 às 3.30
MUSICA DE DANÇA PELO CONJUNTO
JORGE MACHADO
RESERVA DE MESAS PARA
«MI-CARÊME»
(Maiores de 15 anos)
HOTEL FLÓRIDA Telef. 54171

dos dois secretários, drs. Barbosa Ribeiro e Domingos Mega, coube a vez ao sr. eng. Nelson de Montes, apresentar a sua comunicação, «Considerações sobre produtividade na indústria do barro vermelho», na qual principiou por descrever a evolução da produção desta indústria, no período de 1953 a 1962 e dos diferentes factores de produção: investimentos, equipamentos e força motriz, mão-de-obra e matérias-primas.

O autor preconizou a criação do Centro de Produtividade da Indústria de Cerâmica com a colaboração do Grémio, do I. N. I. I. e do L. N. E. C.; o envio de missões de industriais e técnicos ao estrangeiro; e a instituição de grupos de estudo formados por industriais, como os meios mais eficientes para o desenvolvimento da produtividade das



...ção Europeia de Telhas e Tijolos, sr. Brossard, faz ...ção. Ao fundo vê-se a mesa da presidência

do I. N. I. o conjunta o concluir-se a vai respon- des respon- desenvolvi- orrência in- estando de apoiar-se todas as ini- para o seu

8000 em ermelho

apresentada do, da auto- director da Europeia de Europeia do peia do bar-

ra nota his- ta represen- em 1953 e ingressado francês re- para a pu- a técnica e escrita, cuja, em 7 lin- palavrás. O as conta do B. E. para próximo 9.º de Cerâmi- las, em Se- se espera particip- resenha de ainda, à co- ratórios de resultara be- a, o que se zer o único

tou, a fim, curiosa es- a de 8000 brange 8000 rios e pro- neladas d' que perm- habitação- desta comu- rio de Esta- er que reti- palavrás de ativa do Co- lo seu êxito ganizadores.

do Centro Indústria

a 1.ª sessão a presença

O «milionário» de Santo Tirso tem 7 filhos!

Um dos totalistas é o sr. Joaquim Pereira Soares, residente no Largo do Arco, Santo Tirso. O feliz con- corrente, de 38 anos, casado e pai de sete filhos, possui uma oficina de cartonagem, onde emprega cerca de 20 operários e já tinha ganho alguns prémios pequenos. Partidário do «tudo ou nada», empregava

Dai poder dizer-se que o Toto- bola desta semana fez dois milio- nários!

O «milionário» de Santo Tirso tem 7 filhos!

Um dos totalistas é o sr. Joaquim Pereira Soares, residente no Largo do Arco, Santo Tirso. O feliz con- corrente, de 38 anos, casado e pai de sete filhos, possui uma oficina de cartonagem, onde emprega cerca de 20 operários e já tinha ganho alguns prémios pequenos. Partidário do «tudo ou nada», empregava

Dai poder dizer-se que o Toto- bola desta semana fez dois milio- nários!

O «milionário» de Santo Tirso tem 7 filhos!

Um dos totalistas é o sr. Joaquim Pereira Soares, residente no Largo do Arco, Santo Tirso. O feliz con- corrente, de 38 anos, casado e pai de sete filhos, possui uma oficina de cartonagem, onde emprega cerca de 20 operários e já tinha ganho alguns prémios pequenos. Partidário do «tudo ou nada», empregava

Dai poder dizer-se que o Toto- bola desta semana fez dois milio- nários!

O «milionário» de Santo Tirso tem 7 filhos!

Um dos totalistas é o sr. Joaquim Pereira Soares, residente no Largo do Arco, Santo Tirso. O feliz con- corrente, de 38 anos, casado e pai de sete filhos, possui uma oficina de cartonagem, onde emprega cerca de 20 operários e já tinha ganho alguns prémios pequenos. Partidário do «tudo ou nada», empregava

Dai poder dizer-se que o Toto- bola desta semana fez dois milio- nários!

A nova vereação de Lisboa fez a sua primeira visita a obras em curso na cidade

A nova vereação de Lisboa efectuou hoje, com início às 10 horas, a sua primeira visita a obras em curso na cidade e que são da competência do Município.

Acompanhou-os o sr. general França Borges, presidente da Câmara Municipal, o seu secretário, sr. Vicente Rodrigues, chefes de serviço e engenheiros-chefes dos departamentos municipais de obras e urbanização.

A visita começou pelas obras, em adiantada fase de construção, da piscina da Avenida de Roma. Trata-se de uma piscina coberta para utilização durante todo o ano, tendo sido adjudicada por 4500 contos. A construção iniciou-se em Julho de 1963 e prevê-se que esteja concluída em Dezembro do ano corrente.

Seguidamente, os vereadores estiveram no mercado de Alvalade-Norte, localizado junto ao que ali existe. Está completada neste momento, a edificação da nave central que possui 70 por 50 metros e fica ladeada por serviços anexos. E' já uma construção de concepção moderna e funcional, devendo constituir um dos mais modernos mercados da cidade. Começou a construir-se em Março de 1962 e deverá estar concluído no próximo mês de Junho, importando o seu custo em 11 300 contos. Vem satisfazer, em todos os aspectos, as necessidades da zona. Dali passou-se, então, pela Quinta das Mouras, ao lado da Alameda das Linhas de Torres, onde se encontra em construção, desde Agosto de 1962, um conjunto de casas para funcionários municipais. Compõem-no 45 fogos, que foram orçados em 4800 contos e prevê-se que as obras sejam concluídas em Dezembro deste ano.

Estão, também, a construir-se, naquele local, 17 prédios de moradias para famílias de fracos recursos económicos, num total de 136 fogos. Cada um destes fica por 63 contos. Foi visitado, depois, o Palácio da

Pimenta, no Campo Grande, o qual se destina ao Museu da Cidade. Presentemente, executam-se as obras de conservação da cobertura e do exteriores importarão em 560 contos dos interiores. Nos primeiros daqueles trabalhos gastaram-se já 220 contos e os que respeitam aos exteriores importarão em 500 contos, esperando-se efectuarlos completamente durante o ano corrente. Os visitantes percorreram os amplos salões do palácio, alguns com azulejos preciosos, assim como os magníficos jardins, que virão a ter uma utilização paralela à do futuro museu.

Com esplêndidas condições para o fim a que se destina, o Palácio da Pimenta será, futuramente, um local de muito interesse e atracção da cidade, estando o Município interessado na sua rápida adaptação para museu.

O viaduto da Luz ficará concluído em Junho

A caravana dirigiu-se do Campo Grande ao viaduto da Luz, que constituirá a passagem superior da 2.ª circular sobre a Estrada da Luz. Trata-se de um viaduto envasado com 21 metros e 30 de vão livre, construído em betão pré-esforçado. Esta obra foi iniciada em Dezembro de 1962, anunciando-se a sua conclusão para o próximo mês de Junho. Importa em 2900 contos, desempenhando um papel muito importante no tráfego rodoviário da zona, pela forma como conseguirá descongestionar o trânsito no cruzamento da Estrada da Luz. As duas vias (Estrada da Luz e 2.ª circular) têm uma densidade de movimento que justifica o rápido acabamento desta obra essencial às ligações que por ali se fazem.

Uma breve passagem pela Quinta do Charquinho, proporcionou uma visão sobre o conjunto das casas para famílias pobres (32 prédios de 5 pisos, com 10 fogos), num total de 320 fogos e que a Câmara ali construiu. Cada fogo importou em 65 contos. Este agregado compreende, ainda, 9 prédios de 6 pisos, com 16 fogos, num total de 144, que ficaram por 63 contos cada.

Nos trabalhos de arruamentos deste desafogado bairro municipal foram despendido 1080 contos.

Na Quinta das Pedralvas, foi apreciada a construção de um bairro de casas também para famílias

Foi nomeado o novo governador civil de Vila Real



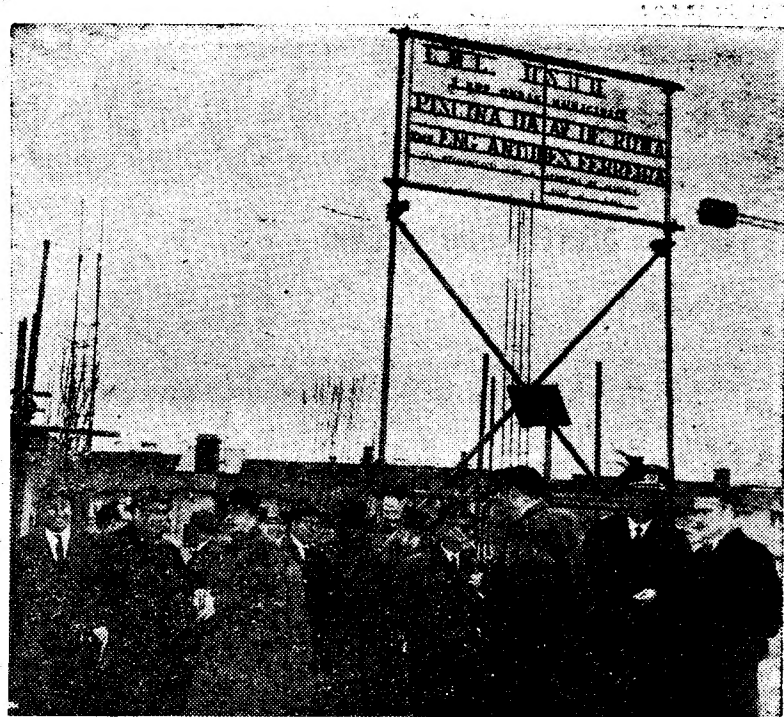
Dr. Torquato Rocha de Magalhães

Foi nomeado governador civil do distrito de Vila Real o sr. dr. Torquato Hermano Portugal da Rocha de Magalhães, que há cerca de oito anos exerce o cargo de presidente da Câmara Municipal de Alijó, depois de ter sido seu vice-presidente, durante três anos.

O novo governador, que tem 47 anos de idade e é natural do concelho de Alijó, licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa e, enquanto estudante universitário, fez parte da Brigada Naval da Legião Portuguesa, desde o seu início. Foi notário em Murça e conservador do Registo Predial em Alijó, desempenhando, também, actualmente, as funções de notário naquele ultimo concelho.

O sr. dr. Torquato de Magalhães sucede ao sr. dr. Manuel dos Santos Carvalho, que recentemente deixou a chefia do distrito de Vila Real para assumir o cargo de ajudante do procurador-geral da República junto do Tribunal da Relação do Porto.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 32 45 64



O presidente do Município e os vereadores durante a visita ao local onde está a construir-se uma piscina

pobres, constituído por dois grupos: 28 prédios de 5 pisos, com 10 fogos e um total de 280 e 12 prédios de 6 pisos, com 16 fogos e um total de 192. O custo médio dos fogos orça-se em 65 e 63 contos, respectivamente.

Nos arruamentos deste bairro foram já despendidos cerca de 900 contos, prevendo-se que o encargo total ascenda a 1500 contos.

O sr. general França Borges esteve, depois, com os vereadores no local dos trabalhos de canalização da Ribeira de Alcantara (Caneiro), entre a estrada do Calhariz de Benfica e a Avenida Gomes Pereira.

Adjudicadas por 4374 contos, estas obras abrangem a canalização de um troço daquela ribeira, com a extensão de 870 metros.

Já se gastaram 50 mil contos na Ribeira de Alcântara

Com vista a este empreendimento, por juzante do troço, em que presentemente se fixam os trabalhos, estão em curso três empreitadas importantes. A canalização do troço da Ribeira de Alcantara compreendido entre a estação de caminho de ferro de Alcantara-Terra e a boca de juzante do aqueduto existente sob o aterro da estação de caminho de ferro de Campolide, com extensão de três quilómetros, encontra-se já realizada (período de 1944-49), tendo importado em 30 000 contos.

Foi também construída idêntica canalização entre a boca de montante daquele aqueduto e a Travessa de São Domingos de Benfica e ainda a canalização de um afluente da ribeira, com início na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, com uma extensão total de 2,2 quilómetros (1955-59) que ficou por 16 000 contos.

Trabalhos idênticos se realizaram, de 1960 a 1962, entre a Travessa de São Domingos de Benfica e a Estrada do Calhariz, numa extensão de 800 metros (4300 contos).

Assim, até este momento, estão canalizados 6,5 quilómetros de leito da Ribeira de Alcantara e braço afluente, dos 8 quilómetros previstos.

Falta, portanto, canalizar um quilómetro e meio para se atingir o limite da cidade. Até à data, foram gastos 50 mil contos nesta obra, prevendo-se que o seu custo total atinja 60 mil contos.

Visitou-se, depois, o Restaurante Monsanto, cujas obras se iniciaram em Dezembro de 1962 e devem concluir-se em Julho deste ano, devendo ficar por 4000 contos. Esta construção inclui ainda uma zona para

250 contos para uma cantina em Louredo

O «Diário do Governo», pelo Ministério da Educação Nacional, autoriza a aceitar, do sr. dr. Nuno Simões, a quantia de 250 contos, para criação e manutenção duma cantina escolar, anexa às escolas de Louredo, núcleo de Magida, freguesia de S. Julião do Calendário, concelho de Vila Nova de Famalicão.

A nova cantina, tomará o nome do sr. Domingos da Costa Simões.

Ao doador é reservado o privilégio de indicar dois professores para o preenchimento de vagas existentes nas escolas do núcleo beneficiado pela cantina ou que no mesmo núcleo venham a verificar-se durante o prazo de dez anos, após a publicação do presente diploma.

esplanada e botequim, um reservatório de água e um miradouro circular, com total visibilidade sobre a cidade de Lisboa.

Após o almoço, que se efectuou no restaurante de Montes Claros, fizeram-se, de tarde, visitas: á obra em curso destinada a estabelecer ligação entre o Campo de Ourique e a Avenida Duarte Pacheco (300 metros de extensão, custo de 380 contos, e conclusão prevista para o próximo mês), constituindo o prolongamento da Rua Ferreira Borges; piscina infantil do Campo Grande, que deverá começar a funcionar no próximo Verão (1600 contos); piscina olímpica dos Olivais (7700 contos), prevendo-se que esteja concluída em 1965; e os bairros do Padre Cruz e Madre de Deus. Aquele compreende dois conjuntos, com 200 e 740 fogos, respectivamente, estando, presentemente, a ser construídos mais 6 fogos. No segundo foram construídos 12 prédios, com um total de 110 fogos.

Finalmente, os vereadores estiveram no Gabinete Técnico de Habitação.

O ministro da Marinha visitou Setúbal e a Base do Alfeite

O sr. almirante Fernando de Quintanilha, titular da pasta da Marinha, acompanhado do sr. almirante Francisco Spínola, director-geral da Marinha, e do seu ajudante de ordens, sr. tenente Fuzeta da Ponte, deslocou-se hoje a Setúbal, a fim de visitar os principais serviços da Marinha e estudar problemas relacionados com o seu funcionamento.

Aquele membro do Governo era ali aguardado pelo capitão do porto de Setúbal, sr. comandante Alves Martins, e pelo sr. comandante Aguiar Basto, com os quais tratou de diversos assuntos dependentes do seu ministério, depois do que visitou diversos estabelecimentos de Marinha e as instalações portuárias.

De regresso a Lisboa, o sr. ministro da Marinha visitou também a Base Naval, no Alfeite, onde foi recebido pelo chefe do Estado-Maior da Armada, sr. almirante Armando de Roboredo, pelo superintendente dos Serviços da Armada, sr. almirante Oliveira e Sousa, pelo comandante da Base Naval, sr. almirante Paulo Viena, e por outros oficiais ali em serviço, na companhia dos quais percorreu demoradamente as diversas instalações e obras em curso naquela base.

BRANDY HUTCHESON
MEDALHA DE OURO

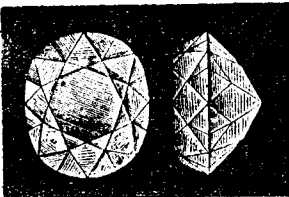
PRATAS — JOIAS OURO — RELÓGIOS
Não comprem sem ver os preços e sortido da
Ouriv. Barateiro de S. Domingos
56, R. Barros Queiroz, 56

Conto
E' A PASTA MEDICINAL QUE EVITA AS DOENÇAS DA BOCA E PROTEGE MELHOR OS SEUS DENTES

A águia através do tempo

Entre os gregos e os persas a águia era consagrada ao Sol. Com o nome de «Ah» os egípcios consagraram-na a Horus e os copitas rendiam-lhe culto sob o nome de Ahom. Era ainda considerada pelos gregos como o emblema de Zeus sendo para os druidas a representação do supremo Deus. Nos nossos dias ela tem vindo a simbolizar o Poder e a Glória e, os mais ambiciosos — entre eles diversas casas reinantes — adoptaram a figura de uma águia com duas cabeças, como divisa.

A produção de diamantes



As principais zonas produtoras de diamantes situam-se em África e são: as margens do Orange, a Rodésia do Sul, a Somalândia, a Bechuanalândia, a Zâmbia, além de outras.

Angola ocupa, há perto de quarenta anos, lugar de relevo na produção mundial e já em 1924 o valor das pedras recolhidas ascendia a 487 326 quilates, com uma reserva calculada em mais de um milhão.



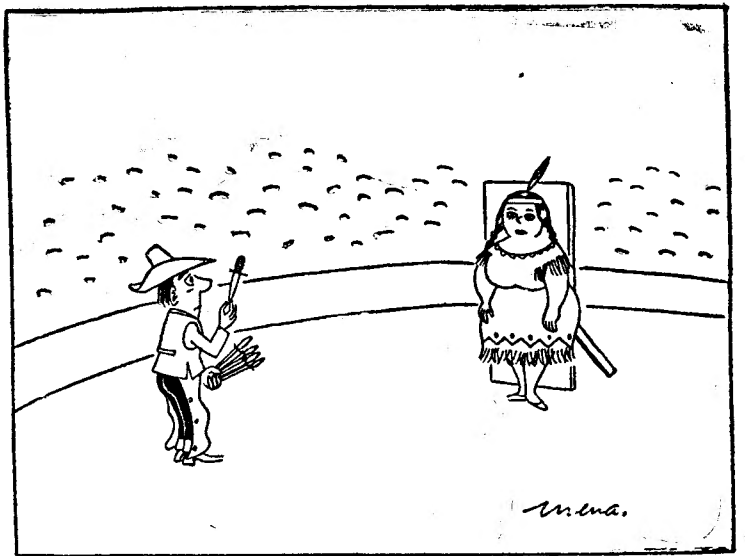
MAIS VINHO BRANCO DO QUE TINTO NA ALEMANHA

Cerca de cinco sextos da produção vinícola alemã consistem em vinho branco, reduzindo-se a um sexto apenas a quantidade de vinho tinto.

A Republica Federal importa vinho tinto principalmente dos seguintes países: França, Itália, Espanha, Portugal, Chile e, também, da África do Norte.

A LINGUAGEM da era nuclear

Foi editado no Brasil, pela General Electric, o «Vocabulário Inglês-Português de Termos Nucleónicos». O coordenador do importante trabalho, John B. Lambert, teve a colaboração de várias instituições técnicas brasileiras e internacionais.

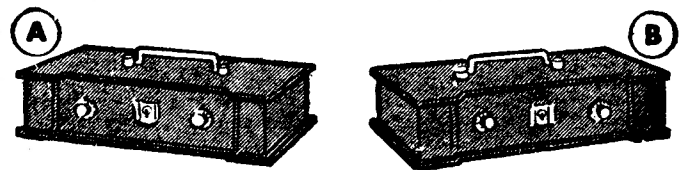


O apetite da «partenaire» comprometeu o numero.

CONCURSO DA R. T. P. OU SIM OU NÃO

D. L.
9.
SESSÃO
21/11/64
II SÉRIE

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE

☐ VENDE

☐ NÃO VENDE

☐ NÃO VENDE

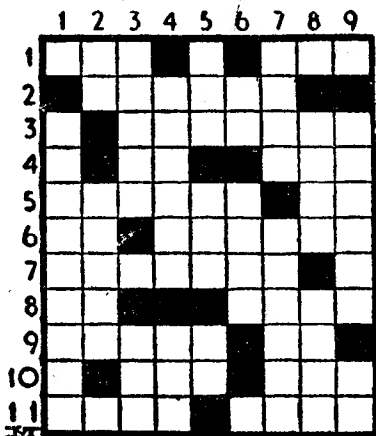
NOME

MORADA

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao ultimo concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor Philips. Recortar pelo tracejado e remeter até à próxima quarta-feira, às 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres, 95 — LISBOA-5

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3300



HORIZONTAIS: 1 — Laços. Ferro temperado. 2 — Partirás. 3 — Aflitivo. 4 — Frequentava. Lavra. 5 — Acanhadas. Idem (abrev.). 6 — Lobruga. Arruado. 7 — Oportunidade. 8 — Acusada. Embuçado. 9 — Ofegar. Pronome pessoal. 10 — Patrão. Preposição que indica um limite. 11 — O que, numa série, ocupa o 1.º e último lugar. Certas.

VERTICAIS: 1 — Aterrado. 2 — Artigo (pl.). Urdir. 3 — Farta. Executa. 4 — Enraivecidas. Estime. 5 — No estado natural. Além. Nome de letra grega. 6 — Antes de Cristo. Vento quente que sopra do sul. 7 — Uma das grandes divisões do Mundo. Têm satisfação. 8 — Cantiga. Menciona. 9 — Gatuño. Pertences.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3299

HORIZONTAIS: 1 — Pai. Metem. 2 — Azul. So. 3 — Esmola. Cá. 4 — Só. Ah. Mui. 5 — Carepas. 6 — Tal. Recém. 7 — Dó. Rima. 8 — É. RINDO. 9 — Irar. Essa. 10 — Ribas. Em. 11 — Ara. QUE.

VERTICAIS: 1 — Pões. Toeira. 2 — A. Soca. Rir. 3 — Iam. Aldraba. 4 — Zoar. Oira. 5 — MULHER. SE. 6 — Ela. PERDE. 7 — Macios. 8 — Escusem. Seu. 9 — Meai. Madame.

Provérbio: É RINDO QUE A MULHER SE PERDE!

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 7145

HORIZONTAIS: 1 — Deusas. Relato de sessão de corporação. 2 — Vila do concelho de Loulé. Filciras. 3 — Vila e concelho do distrito de Viseu. 4 — Cólera. Chefe etíope. 5 — Casta. Relativo ao ar. 6 — O mais. Símbolo químico do níquel. 7 — Fossem pelo ar. 8 — Rio de Itália. Monarca. Preposição. 9 — Procedem. Enfeita. 10 — Basta. Aqui

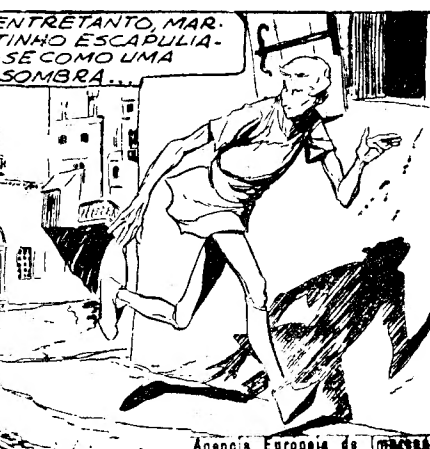
está. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 11 — Ices. Tosta.

VERTICAIS: 1 — Oferece. Caminhará. Pé de animal. 2 — Prendera com elos. Membro dum júri. 3 — Encontro. 4 — Preposição. Alvorotos. 5 — Suspiro. Pronome reflexo. 6 — Medida de líquidos usada na Holanda, Alemanha e Suíça. Aflita. 7 — Torne lucido. 8 — Pesar para abater a tara. Excepto. 9 — Campeão. Ribeira do distrito de Portalegre. Nome dum fruto.

Solução do problema n.º 7144
HORIZONTAIS: 1 — Avô. Tal. 2 — Atros. Ima. 3 — Tora. Omar. 4 — Até. Isole. 5 — Pá. Ris. 9 — Ela. Má. 7 — Na. Rasa. 8 — Danado. 9 — Sós. Nónio. 10 — In. Cardos. 11 — Canal. Ena.

VERTICAIS: 1 — Bata. Em. Sic. 2 — Total. Dona. 3 — Arre. Anás. 4 — Voa. An. Cá. 5 — Os. Iam. Anal. 6 — Os. Ardor. 7 — Timor. Aonde. 8 — Amálias. Ion. 9 — Lares. Anosa.

A VIDA AVENTUROSA DE MARCO POLO 26



A CILADA

por W. T. BRANNON



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

CAPÍTULO I

Jim Elliot, pequeno César de Palmview, foi o assunto de todas as conversas em certo dia da semana. Foi o único especulador capaz de se erguer do descalabro financeiro do país e de continuar em frente como se nada tivesse acontecido. E o assunto de todas as conversas foi justamente o facto de ter sido assassinado a tiro.

De acordo com a história que corria em todas as bocas, Elliot chegara a St. Pete num cargueiro. Vinha sem um tostão no bolso, a ponto de ter de lavar pratos para comer a sua primeira refeição. Mas era um homem do tipo agressivo, incapaz de se deter por uma ninharia como uma crise financeira.

Passou-se isto nos começos do período próspero de 1925. Palmview era então uma vasta planície coberta de urze e de esparsos laranjais. Nem mesmo tinha estação de correios e as casas contavam-se pelos dedos das mãos. Jim Elliot apoderou-se da terra e o que fez, tornou-o num dos mais astuciosos especuladores da Florida.

Em primeiro lugar, desenhou Palmview num mapa com um parque e nomes de ruas. Seguidamente, inventou umas artísticas tabuletas topográficas e afixou-as a postes. Apareceram muitos tansos a comprar lotes. Quando o período próspero passou, Palmview consistia numa rua pavimentada, dois ou três hotéis feitos de estuque e pouco mais. Toda a gente julgou que Palmview

estava condenada a ser mais uma cidade fantasma.

Mas Elliot enganou toda essa gente. Fora mais esperto que todos os outros especuladores. Tinha ainda dinheiro quando todos estavam arruinados. Começou a convergir gente para a cidade e Palmview foi crescendo em bulício e actividade. Jim dotou-a com escolas e construiu um hospital e uma biblioteca. Era presidente do banco e tinha interferência em todos os negócios de Palmview.

Pessoalmente, eu não sympathizava com o sujeito. Era um homem com um e noventa de altura e de corpo musculoso. Constava que fora pugilista. Apanhara o cargueiro que o trouxera para a Florida, após ter sido quase preso num negócio duvidoso.

Tanto quanto sei, nunca esteve doente um só dia. Mas a rapariga com quem veio a casar — chamava-se Laura Williams e era uma das mil crianças choronas que eu ajudara a vir ao mundo — estava sempre a precisar de cuidados clínicos. E naturalmente era por mim que chamava.

Sofria frequentemente de acidentes. Certa vez, quando acendia a lareira, queimara-se no braço com o atizador. Pelo menos, essa era a sua versão. A coisa parecia-me ter sido feita deliberadamente e eu só podia ver em Elliot o culpado.

Doutra vez, cortou o rosto. Disse-me que tropeçara e caíra pelas escadas. Desta vez, tive de lhe fazer uma pequena plastia para que não ficasse marcada. Jim Elliot não se encontrava em casa quando cheguei. Laura disse-me que tivera que se ausentar por uma questão de negócios.

Nunca conheci ninguém que sofresse tantos acidentes. Claro está, eu não acreditava que o fossem. Muitas vezes, perguntava a mim próprio como podia ela aturar semelhante monstro e porque não resistia. Não a censurava se ela o tivesse morto. Agora, perguntava aos meus botões se isso não se teria dado.

Naturalmente, essas pequenas desavenças domésticas raramente saem cá para fora e, assim,

toda a comunidade tinha Jim Elliot como um padrão de virtudes. Tratava-o como se fosse um rei. Até metia nojo.

E agora que Jim fora assassinado, toda a gente falava no caso. Incluindo eu. Não tinha que meter o nariz onde não fora chamado, mas achei ser meu dever procurar Laura Williams. Não por pensar que ela sofresse algum desgosto, mas por estar certo de que se sentiria confortada com a minha presença. Mas qualquer outra pessoa poderia nutrir as mesmas suspeitas que eu. Se fora ela que matara Jim Elliot, encontrava-se justificada e eu ajudá-la a salvar-se.

Estava justamente a cancelar as consultas marcadas para o resto do dia, quando Joe Hartman, médico do Palmview hospital me telefonou.

— Doutor Allison, estou de cama com gripe. Importa-se de fazer as visitas ao hospital em meu lugar?

— As suas ordens, Joe. A que horas me quer lá?

— As onze.

— Pode contar comigo, Joe. Seja como for, tenho de ir a Palmview.

Cancelei a ultima consulta e depois telefonei a Alec Christianson. Dez minutos depois, ia buscá-lo.

Não perguntem o que vejo eu em Alec. Aquele bode velho é ingénio como uma criança. Anda sempre a meter o nariz em qualquer coisa, mas nunca vê abaixo da superfície. E acreditará em tudo quanto lhe contem.

E não obstante isso, gosto de Alec. Somos camaradas há cinquenta anos. Quando lhe falei em irmos a Palmview, não me perguntou para quê, limitando-se a dizer-me:

— Okay, doutor.

Mas por vezes, pode ser chato como burro! Como agora. Só quer falar no seu novo aparelho fotográfico. Depois que o comprou, não tem outro assunto. Não me admirarei se uma destas manhãs acordar com Alec junto à minha cama, tirando-me o retrato a abrir os olhos.

— Doutor — disse ele de repente — recorda-se

daquela rapariga que foi eleita rainha do Festival?

— Claro que sim, June Marvin. Uma das moças mais bonitas que até hoje ajudei a vir ao mundo. Ora vejamos... Deve ter sido há coisa de 17 anos. Que se passa?

— Fiz-lhe outro dia uns retratos que estão uma beleza. Ela não sabe que eu os tirei.

— Formidável, Alec! Há-de mostrar-mos, mas outro dia, sim? Agora não posso desviar os olhos da estrada.

— Okay, doutor. Mas aposto em como o senhor não adivinha quem estava com ela. E logo um fulano casado.

— Não sou muito propenso a adivinhas. Quem era?

— O sr. Elliot.

— Jim Elliot. O que foi assassinado?

— O mesmo. Vi um carro sair da estrada e meter-se pela vegetação. Os dois apearam-se e foram sentar-se sob uma árvore.

— O safado! E onde estavas tu nessa ocasião?

— Metido entre os arbustos. Não me mexi, não fossem eles ouvir-me e pensar que eu estaria a espia-los.

— Claro; serias incapaz de tal coisa. Aposto em como viraste logo a cabeça para o outro lado...

— Não... Pensei que poderia fazer alguns retratos com assuntos humanos... A luz da tarde estava boa... E pus-me a disparar a máquina.

— Devias mas era ter vergonha — disse eu, travando — Mostra-me cá esses retratos.

Não censurava muito a levandade da moça... no fim de contas não passava de uma niuda. Mas Elliot já ultrapassara os 50 anos. As fotografias feitas por Alec mais do que nunca me convenceram que só faria bem ajudando Laura Elliot o mais possível.

— Guarda esses retratos — disse eu, devolvendo os retratos a Alec. — Tenho de estar em Palmview às onze.

Saimos da estrada da Baía e pouco depois rolá-

vamos em Palmview. Parei o carro em frente do hospital, ainda não eram onze horas. Alec tencionava acompanhar-me, mas eu disse-lhe que esperasse por mim cá em baixo. Ficou um pouco amuado, mas não fez caso, e fui ver os pacientes do dr. Hartman. A visita levou-me mais de uma hora. Quando acabei, voltei a descer e encontrei-me com Alec á porta.

— Raios, doutor! O senhor devia ir ver o camarada que está cá dentro. Está em farrapos...

Apontei para a tabuleta que dizia: «Proibida a entrada a pessoas estranhas ao serviço» e perguntei-lhe:

— Que diabo estás tu a fazer aqui?

Alec baixou o olhar para a biqueira dos sapatos.

— Então, doutor... Não é crime olhar.

— Fazes o favor de esperar lá fora.

Olhei para a cama que ele me indicara. Não havia duvida que o seu ocupante estava em más condições. A sua ficha dizia chamar-se Terry Kane, ter 36 anos e encontrar-se em estado grave, mas não desesperado. Tinha o olho esquerdo inchado, os lábios cortados e havia nódos negros na cabeça, pescoço e ombros. O pulso estava lacrado. Faltavam-lhe os três dentes da frente. Sentado numa cadeira colocada junto à cama, um polícia dormitava.

— Que aconteceu a este homem? — perguntei á enfermeira de serviço.

— Foi aquele polícia quem o trouxe. Contaram-me que caiu da tarimba na cela do posto.

— Que se passou?... Andou metido alguma zaragata?

— Não. É o homem que assassinou Elliot. Está sob prisão, como o sr. doutor pode ver — disse, indicando com a cabeça o guarda dorminhoco.

(Continua)

REFRIGERAÇÃO

Instalações para todos os fins



Eng.º J. Nunes Correia

LISBOA - R. DO ALECRIM, 29 - T. 30901/4
PORTO - R. DA FIRMEZA, 482 - T. 28034

PARA VAPOR, LÍQUIDOS, GASES, ETC.

Mangueiras Metálicas Flexíveis

PARA ALTAS E BAIXAS PRESSÕES
GRANDE STOCK

S O F A I, L D A.

AV. JOÃO XXI, 20-C — Telef.: 721195/722769
L I S B O A

BOACEPA

VINHOS DE ORIGEM

CARIMBOS

Rápido
e perfeito

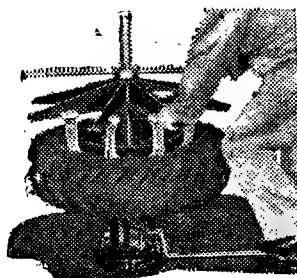
R. Nova do Almada, 64, Tel. 32 61 62
ANIBAL GRAVADOR

AMPLIFICADORES

JORGE GONÇALVES

Av. 5 de Outubro, 53-1.º andar

MODERNIZE OS SEUS SERVIÇOS UTILIZANDO
O MONTA E DESMONTA - PNEUS



«DUQUESNE»

Consulte:

STAND MODERNO

R. João Saraiva, 15
Bairro de Alvalade
LISBOA

AUMENTE AS SUAS VENDAS
DISTRIBUA BALÕES PUBLICITÁRIOS

FÁBRICA DE BALÕES LATEX-DOURO

RUA CENTRAL DE FRANCOS, 783 — PORTO — TELF. 65370

Histórias breves de segunda-feira

O JOGO DA CABRA-CEGA («Colin-Maillard», em França)



1 — Um dos jogos mais divertidos e mais difundidos, o jogo da cabra-cega, é também um dos mais antigos. Encontramo-lo em todos os povos e por toda a parte do mesmo modo, quer se trate dos árabes, dos persas, dos gregos, dos romanos ou dos ingleses. Só o nome muda, segundo o país: em França chama-se «Colin-Maillard» e para justificar tal designação contam-se numerosas histórias. Eis duas das mais conhecidas.



2 — Nos tempos do rei Roberto, o Pio, vivia no país de Liège um cavaleiro chamado Colin, que usava um manto de madeira (maillet), donde lhe veio o sobrenome de Maillet. Ora, no ano 999, num recuento com os franceses, o cavaleiro ficou com os dois olhos perfurados... Outro qualquer ter-se-ia retirado da luta, mas Colin Maillet, depois das feridas terem cicatrizado, tomou a parte nos combates, apesar de cego. Era vello, a cavalo e de manto na mão, investindo a torto e a direito sobre o inimigo... Para consagrar os altos feitos do valeroso cavaleiro o seu nome foi dado ao jogo da cabra-cega.



3 — Conta-se, igualmente, que o rei de França, Carlos VIII, tinha por confessor um franciscano, chamado Maillard. Ora, entre as damas da corte encontrava-se uma jovem espirituosa e cheia de malícia, cujos ditos e observações o soberano muito apreciava. Mas a etiqueta não lhe permitia ter à sua mesa Camille — assim se chamava a dama — sem a presença do franciscano Maillard. Isto não era do gosto da jovem, que um dia teve a ideia de um jogo, para se descaçar do reverendo, cuja gravidade constituía um freio às suas piadas.



4 — Camille desafiou o rei a apanhá-la, com os olhos vendados. «Vamos a ver — disse o rei — eu farei de Colin». Chamava-se Colin, nesse tempo, a todo aquele que, nos vários jogos, estava na berlinda. Carlos VIII não conseguiu apanhar Camille, e esta, então, desafiou o frade. E enquanto o franciscano andava de um lado para o outro a tactear no vazio, a jovem conduziu o rei para a sala vizinha para lhe contar em paz as últimas intrigas da corte. Desta aventura teria nascido a expressão Colin-Maillard.

ENGENHEIRO JOÃO MANUEL FERNANDES DE MELO

Missa do 7.º dia

As Direcções Diocesanas da Juventude Católica e Juventude Católica Feminina de Lisboa, participam que será celebrada Missa, por sua alma, amanhã, dia 18, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, às 19,15 horas.

EM 3 LINHAS

Foram declaradas a utilidade pública e a urgência de expropriação de uma parcela de terreno em Portimão, destinada à construção do hospital sub-regional daquela cidade.

Por determinação oficial, a Fundação Rangel de Sampaio, com sede na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, goza da isenção do imposto de capitais.

É de \$0158 o cambio do cruzeiro a aplicar para efeitos de liquidação do imposto de passagem e taxa de emigração a entregar nos cofres do Estado no mês de Março.

Foi aprovada a criação da Associação de Proprietários de Castelos, bem como a demarcação e classificação dos terrenos que ficam constituindo a sua zona nas margens do rio de Castelos, bacia hidrográfica, no concelho de Tondela.

O Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, recentemente constituído, passa a ter representação no conselho da Corporação da Indústria.

Foi excluída do regime florestal de simples polícia a propriedade denominada «Estepa», na freguesia de Amareleja (Moura), submetida ao citado regime em 1912.

A Administração-Geral dos C. T. T. foi autorizada a custear as despesas a efectuar durante a sua gerência da Conferência Europeia das Administrações dos Correios e Telecomunicações e a participar nas despesas do XV Congresso da União Postal Universal.

Foram aprovadas, com as respectivas tarifas, as condições de venda de energia eléctrica em baixa tensão no concelho de Monchique.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21 horas: «Os 3 Sargentos» (12 anos).
ESTORIL — Casino — As 21 e 30: «Nunca aceites nada de um estranho» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048).
CAXIAS — Nova — Rua Bernar-
dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade
Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel.
2420034).

OEIRAS — Godinho — Rua Càn-
dido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAEDE — Aisir — Bairro das
Caixas de Previdência.

ESTORIL — Sulga — Cruzeiro
(Tel. 260087).

CASCAIS — Marginal — Av. Mar-
ginal (Tel. 280078); A. Costa — Rua
Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).



D. BERNARDO DA SIL- VEIRA DE VASCONCELLOS E SOUZA

(CONDE DE CASTELO
MELHOR)

CONFORTADO COM TODOS OS
SACRAMENTOS DA SANTA
MADRE IGREJA

FALECEU

Sua Família cumpre o doloroso
dever de participar que foi Deus
Servido chamá-lo à Sua Divina
presença e que o funeral se rea-
liza amanhã, dia 18, às 12 horas
da Capela do Palácio da Rosa (S.
Lourenço), para jazigo de fami-
lia no cemitério dos Prazeres.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

Os cérebros electrónicos a estética e os grandes espaços

(Continuação da 6.ª página)

ra que Ludovico lhes continuasse a dar prestígio.

Como se vê, já naqueles tempos os homens possuíam os mesmos de-
feitos, que hoje na plenitude do
século XX.

Mas, Leonardo, não se conforma-
va com as soluções de Ludovico
— o Moro — e se é certo que se
reconhecia nele homem fisicamente
bem constituído, para aguentar
tantas e tantas viagens, ainda lhe
prestava a justiça de o considerar
um homem simpático, ao ponto de
em cada terra por onde passava re-
ceber as maiores manifestações das
populações que trabalhavam nos
campos, mas o pior é que, na eufo-
ria desse egocentrismo, muito od
essencial ficava por resolver.

Milão é, por então, a corte mais
brilhante da Europa. «Pela sua be-
nevolência — diz um cronista —
Ludovico atraía aos matemáticos,
grandes comerciantes, sofistas, filó-
sofos e médicos notáveis».

Então, os gregos Constantino Las-
caris e Demetrio Chalcondylas re-
presentam o humanismo; o mate-
mático Luca Pacioli escreve «a di-
vina provação». Mas, Leonardo, es-
sa inteligência privilegiada, esse ar-
tista genial, esse sábio sem par, não
acreditava já nos «cérebros electró-
nicos» daquela época, que dos fe-
nómenos estéticos, da história, da
tradição e também dos grandes es-
paços sabiam pouco.

E' que, apesar de Ludovico tam-
bém não compreender essas coisas
essenciais que definem a persona-
lidade e o carácter de uma região,
é justo frisar que, muitas vezes,
tentou meditar nesses problemas,
mas os constantes aduladores e téc-
nicos que o rodeavam (isto aconte-
ce em todas as épocas) não o de-
ixaram produzir de forma a que o
sentimento da comunidade estives-
se sempre presente. E, assim, Ludo-
vico o Moro, acabou sem que a
História se lembre dele, apesar das
frequentes provas das populações
rurais, que, como oferenda, lhe vi-
nham trazer a sua passagem, con-
forme tradição da Lombardia, a
simbólica laranja, como autêntico
prémio de simpatia.

E, agora, na actualidade, na
época do electrónico, também, e
como no ano de 1482, existem
homens superiormente dotados, que
segundo informações tiradas dos
jornais conseguem, em 48 horas,
resolver e estudar os complexos
problemas da organização dos es-
paços, tal como Ludovico.



o dia indicado
à hora indicada
no segundo exacto

POLEROUTER DATE

O relógio POLEROUTER
DATE, última descendência
da série «POLEROUTER»
responde a esta exigência.
Movido pelo célebre movi-
mento MICROTOR, está
equipado de um calendário
automático de grande
visibilidade.
Existe em ouro, plaqué ouro
300 microns e aço.

- calendário automático
- movimento automático, o
- mais achatado do mundo
- até 2 dias de reserva
- de marcha
- 28 rubis
- impermeável
- antimagnético



Fornecedores oficiais de S. A. S.

E' claro que só cérebros franca-
mente dotados — e que são raros
como a flor de lótus — conseguem
o que se poderá chamar o milagre
da electrónica, resolvendo, em dois
escassos dias, a essencialidade dos
problemas regionais e, ainda, as
suas relações e efeitos sobre fac-
tores específicos do desenvolvi-
mento económico e social, tais como:
localização de pólos turísticos, ac-
tividades industriais, distribuição
das populações, conservação e de-
senvolvimento dos recursos natu-
rais, produtividade e formação de
capital, níveis de vida, distribuição
de riquezas, etc.

Quando ao espantar-nos de admi-
ração pelo fenómeno atrás descrito,
de existirem entes humanos no nos-
so meio, com capacidade verdadei-
ramente electrónica, capazes de, em
48 horas, resolverem problemas tão
complexos, diminuimos, em segui-
da, o nosso espanto quando lemos
nestas mesmas colunas o seguinte:
«A electrónica ao serviço dos apa-
nhadores de batatas». «A melhor
descrição que se pode fazer deste
novo apanhador de batatas é, tal-
vez, a de que se trate de uma má-
quina com mãos electrónicas; mas
talvez um pouco exageradas, já que
contam com 24 dedos, que, maravi-
lha das maravilhas, distinguem per-
feitamente uma batata de um cal-
hau mais ou menos do mesmo fei-
to, ou de torrões de terra que, pe-
la sua forma, pudessem induzir o
maquinismo em erro. As vantagens
desta nova máquina resultam ain-
da mais evidentes quando se re-
corda o processo tradicional da apa-
nha de batatas».

Se, ao menos, aqui entre nós, os
homens superdotados, os que apa-
rentemente parecem possuir «os
cérebros electrónicos» soubessem
com aqueles 21 dedos distinguir
uma batata de um calhau (eu bem
sei que agora é difícil, pelos con-
tínuos fenómenos do Entrocamen-
to), com certeza que hoje, e apre-
roveitando essa euforia construtiva
e de realizações que o País atraves-
sou nos últimos anos, tínhamos uma
obra verdadeiramente singular, on-
de o humano e a paisagem estavam
naturalmente enquadados como o
devia ser.

Assim, que vemos?
Mutilações constantes a tudo
quanto de melhor define o nosso
ambiente, quer na nossa bela e rara
paisagem, que é urgente e neces-
sário defendê-la desse desrespeito
absoluto pela arquitectura tradicio-
nal e seus elementos essenciais que
possam definir uma arte franca-
mente portuguesa e, ainda, uma
absoluta ausência daquele espírito
da nossa inabalável lusitanidade,
que só agora existe em raros es-
píritos, daqueles que, felizmente,
não possuem os tais «cérebros elec-
trónicos».

Talvez por isso, um ilustre pro-
fessor universitário, que realizou
parte da sua grandiosa obra no ce-
nário paisagístico e verdadeiramen-
te transcendente de Coimbra, dis-
se-nos, um dia, desgostoso: «Sou
contra os urbanistas em Portugal,
porque conseguiram matar o per-
fume mágico e inigualável de Coim-
bra». Nós respondemos: o senhor
professor deveria ser apenas con-
tra alguns urbanistas, porquanto
existem outros, e é justo fazer-lhes
justiça, que têm tentado, por es-
forços vários, salvar o que de mais
significativo existe em determina-
dos aglomerados urbanos, mas es-
ses técnicos, por não possuírem o
tal poder electrónico, não podem
realizar no mesmo espaço de tem-
po problemas tão transcendentes
como os seus colegas electrónicos.

Ainda se, ao menos, esses «cé-
rebros electrónicos», tal como os
21 dedos da máquina, atrás descrita,
tivessem o poder mágico de di-
ferenciar uma «batata de um cal-
hau», com certeza que hoje o nos-
so País seria um dos melhores
exemplos a apontar, não só pela
fé inabalável do seu patriotismo,
como, ainda, pela fé na sua tradi-
ção, tão significativa na sua sin-
gular História, cultura e civilização,
hoje a desaparecer dos aglomera-
dos urbanos, que melhor definem a
nossa personalidade.

Roubado de um museu um quadro de Rubens

BRUXELAS, 17 — A «Cabeça de
negro», inestimável obra-prima de
Rubens, foi roubada do Museu de
Belas Artes de Bruxelas — anuncia
a Polícia. Ao que parece, os gatu-
nos teriam entrado no edifício por
uma claraboia. O quadro está ava-
liado em 29 mil contos e encontra-
se reproduzido nas cédulas de 500
francos. — (A. N. I.).

Cabot Lodge duvidaria de uma «vitória rápida» sobre o Vietcong

NOVA YORK, 17 — Em correspondência de Saigão, o «New York Times» declara que o embaixador norte-americano no Vietnã, Henry Cabot Lodge, teria pedido ao seu Governo que assumisse um compromisso a longo prazo no Vietnã e revisse a ideia de que seria possível obter uma «vitória rápida» sobre o Vietcong.

Cabot Lodge teria pedido a manutenção do auxílio militar ao Vietnã durante cinco a dez anos, insistindo igualmente no facto de tudo o dever ser feito para associar os vietnamitas ao esforço de guerra. O Pentágono exprime a esperança de que a situação no Vietnã, em 1965, as forças norte-americanas. — (F. P.).

APREENSÃO NORTE-AMERICANA

SAIGÃO, 17 — O Vietnã do Sul e os Estados Unidos conjugaram

DIPLOMACIA ORIENTAL

O regozijo de Washington justifica-se pela maneira como decorreram e terminaram as negociações para o reconhecimento da China comunista pela França. Esse reconhecimento, ao contrário do que pretendiam fazer acediar em Paris, teve um preço o qual foi pago pelo general de Gaulle em termos que só agora se tornaram conhecidos. O episódio não atingiu o relevo que merecia por estar distraída a opinião com a viagem de Chu En Lai a alguns países africanos, junto de cujos dirigentes praticou, em larga escala, a diplomacia do sorriso e das promessas. De outra forma, o desaire sofrido teria mais notórias repercussões e mesmo consequências desagradáveis que nada poderia evitar.

Pequim exigiu, como condição prévia para a troca de representantes diplomáticos com o Governo francês, que este cortasse previamente relações com o da Formosa e essa condição, que em circunstâncias diferentes seria inadmissível, foi aceite e cumprida. Tratando-se de orientais, as aparências e a necessidade de as ressaltar tiveram no caso decisiva importância. Os nacionalistas chineses obtiveram um êxito diplomático apreciável não tomando a iniciativa do rompimento e fazendo com que a responsabilidade deste recaísse, integralmente, sobre o general de Gaulle e os seus colaboradores pessoais, pois tudo foi tratado à margem do Quai d'Orsay ou, pelo menos, sem a sua directa interferência.

A pressa que de Gaulle tinha de dar ao problema do reconhecimento de Pequim uma solução de acordo com as suas intenções — fazer regressar a França ao Extremo Oriente e mostrar a inanição da política americana no Sueste asiático — levou-o a galgar todos os obstáculos para chegar depressa ao fim. De Gaulle está convencido de que os americanos se encontram à beira de uma séria derrota militar no Vietnã — o seu Dien Bien Phu — e quer estar presente quando ela se der para tirar uma desforra sensacional, o que lhe não é indiferente, e mostrar que a sua própria política é a única viável naquela região que os americanos agora reconhecem não ter estudado suficientemente para evitar desaires de graves consequências para o prestígio dos Estados Unidos no Mundo.

Bandidos «eficientes»...

CAGLIARI, 17 — Seis bandidos armados e disfarçados immobilizaram 25 automóveis na estrada de Oristano a Cagliari, na Sardenha. Os 80 passageiros foram «limpados» de tudo quanto levavam. A operação durou perto de duas horas. — (F. P.).



George Papandreou, o político grego a quem a União do Centro deve a vitória eleitoral ora obtida

George Papandreou: uma carreira política brilhante e acidentada

ATENAS, 17 — George Papandreou, que acaba de obter, aos 76 anos, a sua primeira grande vitória eleitoral, nasceu em 1888 em Ka-

A Turquia abster-se-á de qualquer iniciativa relativamente a Chipre

ANKARA, 17 — O Governo turco mostra-se preocupado com o malogro do Governo cipriota na sua tentativa para dominar as actividades da organização terrorista cipriota grega E. O. K. A., temendo que a situação na ilha se torne ainda pior — revelam círculos dignos de crédito.

Acrescentam que os turcos apoiam a apresentação do conflito cipriota ao Conselho de Segurança da O. N. U., como a Inglaterra sugere, pois, nessas condi-

ções, o presidente Makários «surta» como réu, não lhe sendo dada a oportunidade de apelar para o Conselho como vítima.

Entretanto, o Governo turco não tomará qualquer iniciativa, aguardando o debate naquele organismo das Nações Unidas, se não se registarem mais perseguições aos cipriotas turcos.

De um modo geral, os partidos da oposição pró-nacionalista consideram a atitude britânica um abandono da Turquia e um acto «hostil». — (A. N. I.).

DOIS CIPRIOTAS GREGOS MORTOS EM INCIDENTES

NICÓSIA, 17 — Deram-se ontem em Chipre incidentes isolados: dois gregos foram mortos e uma rapariga grega ferida.

Segundo informações de Paños (no Oeste da Ilha), turcos mataram um camponês grego que trabalhava no campo perto da aldeia de Kholotria.

Em Ayios Theodoros, próximo da estrada Nicósia-Linassol, onde foi morto um grego no sábado, foi encontrado no rio o corpo de outro grego. Foram disparados tiros, ficando ferida gravemente uma grega de 18 anos. Foi, no entanto, aceite o cessar-fogo e tropas britânicas estacionam na aldeia, que tem 1000 habitantes turcos e 700 gregos. — (F. P.).

BALL CLASSIFICOU DE «GRAVÍSSIMO» O PROBLEMA CIPRIOTA

WASHINGTON, 17 — O secretário de Estado adjunto norte-americano George Ball regressou, a noite passada, a esta capital, a seguir a conversações que travou em Nicósia, Ankara, Londres e Atenas sobre a crise de Chipre.

A chegada, Ball classificou de «gravíssimo» o problema cipriota, acrescentando: «Temos de solucionar, em primeiro lugar, as questões mais importantes, e o mais importante agora é devolver a paz e a ordem a esse infeliz país. O mundo não pode desviar-se deste objectivo. Tem de acabar a efusão de sangue». — (F. P. e R.).

Em poucas linhas

● **BERLIM: AS NEGOCIAÇÕES SOBRE OS PASSOS** — O burgomestre de Berlim Ocidental, Willy Brandt, avisou-se hoje, em Bonn, com o chanceler Erhard, a fim de tratar da questão dos passos para Berlim-Leste. As negociações sobre a questão vital da concessão de passos, por parte de funcionários de Berlim Oriental, que se arrastam há seis meses, chegou a um ponto sem saída. — (R.).

● **FRANÇA: GREVE NA RÁDIO E NA TV FRANCESAS** — Todos os sindicatos da Rádio e da Televisão francesas declararam uma greve de 24 horas; às 23, (T. M. G.) de ontem, em sinal de protesto contra a suspensão de oito engenheiros, devido a terem participado na última greve na R. T. F., embora tivessem sido prevenidos de que deviam apresentar-se ao serviço. As únicas emissões sonoras de hoje serão música gravada e a leitura de três boletins noticiosos. — (R.).

● **CAXEMIRA: PRISÕES RELACIONADAS COM O ROUBO DO CABELLO DO PROFETA** — Foram presos três indivíduos implicados no roubo do cabelo de Maomé — segundo anúncio, no Parlamento indiano, o ministro do Interior. Um dos presos era guarda da relíquia, cujo desaparecimento da mesquita de Srinagar, em Dezembro, provocou incidentes e combates sangrentos entre hindus e muçulmanos. Outro dos presos era funcionário do Ministério da Agricultura do Estado da Caxemira. — (F. P.).

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS AO SERVIÇO DO PAÍS

Cuba reforçou as patrulhas que vigiam a base americana de Guantánamo

BASE DE GUANTÁNAMO (Cuba), 17 — As patrulhas cubanas que vigiam a periferia desta base norte-americana foram reforçadas e os ninhos de metralhadoras são agora mais evidentes, mas cessaram os apedrejamentos dos fuzileiros navais norte-americanos que patrulham a vedação de arame farpado, pela banda de dentro. Além da vedação de arame farpado, existe, do lado cubano, uma faixa de cactos e do lado norte-americano uma zona minada. — (A. N. I.).

DECLARAÇÕES DE ROCKEFELLER

NOVA YORK, 17 — John Kennedy perdeu, em 1961, uma boa ocasião para desembaraçar Cuba de Fidel Castro, ao abster-se de apoiar a invasão da Baía dos Porcos com a aviação norte-americana — declarou, ontem, na Televisão, Nelson Rockefeller, governador de Nova York e candidato à investidura do Partido Republicano para as eleições presidenciais. Rockefeller acrescentou que, se fosse eleito presidente dos Estados Unidos, empregaria a força contra Cuba, mas só «no momento oportuno e com habilidades». Em relação a Cuba — disse ainda — os americanos deveriam ter três objectivos: exigir a retirada dos soviéticos; impedir Fidel Castro de treinar sabotadores e agentes e permitir aos cubanos escolher livremente o seu Governo. — (F. P.).

NOTÍCIAS OBTIDAS PELOS E. U. A.

WASHINGTON, 17. — Das fábricas cubanas saem, diariamente, mil uniformes verde-ervilha destinados às forças soviéticas que se encontram na ilha e que, dessa forma, passam a confundir-se com as tropas cubanas — declara uma comissão de norte-americanos que visa a libertação de Cuba e que afirma ter recebido a notícia no mês passado. A comissão diz que uma antiga chefe de trabalhos do posto militar de San Ambrosio — identificada apenas como «senhora Perez Cabrera, de 26 anos» — a informara de que são ali manufacturados os fardamentos para os russos e que se fabricam também bandeiras de diversos países latino-americanos, principalmente da Colômbia, Vene-

zuela, México e Panamá destinadas aos russos, que aguardam a entrega da encomenda com a máxima urgência.

«Estas informações permitem-nos conclusões claras» — acrescenta a comissão. «Khrushchev considera Cuba como a sua mais importante base para as actividades comunistas mundiais e, assim, protege essa base com uma ocupação soviética em massa». — (A. N. I.).

AS REFORMAS SOCIAIS DA UNIÃO DO CENTRO PODERÃO EXPLICAR O ÊXITO ELEITORAL

ATENAS, 17. — O Partido da União do Centro, de George Papandreou, ganhou as eleições gerais, obtendo maioria absoluta no Parlamento.

Depois de contados 4 261 846 votos, o que representa 95 por cento dos círculos eleitorais, a União do Centro tem 2 260 052 votos (52,9 por cento); a União Nacional Radical 1 495 889 (35 por cento) e a Esquerda Democrática Unida 499 071 (11,7 por cento).

Com bases nestes resultados julga-se que a União do Centro obterá 174 dos 300 lugares do Parlamento, o que lhe permitirá governar sem necessidade de apoio das direitas ou das esquerdas.

Nas eleições de Novembro, a União do Centro obteve apenas 42 por cento; a União Nacional Racionalizou a maioria absoluta no Parlamento.

O brusco aumento de votos agora verificado surpreendeu alguns observadores políticos. Outros atribuem este resultado à popularidade conquistada por Papandreou com as disposições legislativas que promulgou durante os escassos 50 dias que esteve no Poder, após as eleições de Novembro. Com efeito, propôs o ensino geral e gratuito em todos os níveis, solucionou a questão das dívidas dos camponeses, a longo prazo, e aboliu as contribuições forçadas dos camponeses do Fundo Agrário. — (A. N. I.).

lentzi, pequena povoação, próximo de Patras.

O pai, um modesto padre de aldeia, ajudou-o nos seus estudos, que foram brilhantes, primeiro em Atenas e depois em Berlim, onde concluiu o curso de Direito.

Alto, forte, elegante, tem um ar espantosamente jovem e uma eloquência que já nos seus tempos de estudante lhe grangeavam êxitos e admiração. Segundo os seus próprios adversários, ainda hoje é o melhor orador da Grécia.

Foi pela mão do fundador do Partido Liberal, Eleutério Venizelos, que Papandreou deu os primeiros passos na vida política: aos 27 anos era nomeado prefeito de Mitilene, depois chefe de gabinete de Venizelos e mais tarde governador-geral de Chios. Mas foi mal sucedido quando, pela primeira vez, concorreu às eleições, sob o rótulo de independente liberal — em 1920.

PRISÃO E EXÍLIO

Em 1923 — tinha então 35 anos — foi nomeado ministro do Interior.

A partir dessa altura, a sua vida política tornou-se das mais agitadas: um artigo que publicou em 1924 e em que pedia a abdicção do rei Constantino valeu-lhe ser condenado, em tribunal militar, a 18 meses de prisão, dos quais, aliás, só cumpriu quatro.

Durante a ditadura do general Pangalos (1925) foi preso e exilado. Após a queda do ditador foi, diversas vezes, eleito deputado pelo Partido Liberal. Mas foi como ministro da Educação, no Ministério de Venizelos, de 1930 a 1932, que conheceu os maiores êxitos. As reformas que então promoveu assentaram as bases do ensino moderno na Grécia e, também, durante o seu breve Governo, em Novembro de 1963, as suas primeiras decisões incidiram sobre o ensino, que considera primordial.

Em 1935 deixou o Partido Liberal e fundou o Partido Democrático, derrotado nas eleições de 1936, ano em que combateu a ditadura de Metaxas. Dois anos depois foi preso e exilado para Citera.

VÍTIMA DO NAZISMO

Em 1942, Papandreou foi de novo preso, mas desta vez pelo ocupante alemão. Dois anos depois, porém, conseguiu fugir da Grécia e chegar ao Médio Oriente onde, em 1944, constituiu o primeiro Governo no exílio, que viria a ser também o primeiro Governo da Grécia depois da libertação. A revolução comunista de Dezembro do mesmo ano, forçou-o a pedir a demissão em Janeiro de 1945.

Em 1961 assumiu a chefia do Partido da União do Centro. Derrotado nas eleições do mesmo ano, em condições que considerou ilegais, passou a lutar sem descanso pela dissolução da Câmara e por uma nova consulta eleitoral. Conseguiu esse objectivo em Novembro de 1963 e o seu partido venceu, mas Papandreou achou que novas eleições lhe dariam a maioria absoluta. Verificou-se a dissolução da Câmara e houve novas eleições: Papandreou colheu hoje os frutos do longo combate que vinha travando. — (F. P.).

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Conde de Castelo Melhor



Conde de Castelo Melhor

Da igreja de S. Lourenço, no palácio da Rosa, sai amanhã, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres, o funeral do sr. conde de Castelo Melhor, D. Bernardo da Silveira de Vasconcelos e Sousa, que faleceu ontem.

O sr. D. Bernardo da Silveira de Vasconcelos e Sousa era o 15.º conde de Castelo Melhor e detinha, também, os títulos de visconde de Vila Nova de Cerveira e de Várzea e conde da Calheta, visconde de Pinheiro. Era ainda o representante de Pedro Álvares Cabral.

Figura marcante da nobreza, aparentado com as principais famílias aristocráticas, impunha-se, também, pelas qualidades de carácter, avultando a bondade e uma simplicidade natural.

Contava 73 anos, o sr. conde de Castelo Melhor, que foi casado com a condessa de Castelo Melhor, D. Maria da Luz Burnay de Mello Breyner, filha dos condes de Mafra, de quem teve dez filhos, dos quais dois já falecidos, o primogénito, D. João Brun e D. Maria Emília, D. Tomás, casado com a sr.ª Maria do Céu de Vasconcelos e Sousa; sr.ª D. Maria da Puzosa, casada com o sr. dr. António Amaral de Figueiredo; D. Francisco, casado com a sr.ª D. Maria de Azevedo Coutinho; sr.ª D. Helena Luísa, casada com o sr. José de Vasconcelos Cyrne de Sousa; D. Manuel, D. António, sr.ª D. Teresa e D. Luís Filipe, casado com a sr.ª D. Maria José Pinto Mesquita. Era irmão da princesa de Broglie, da sr.ª D. Maria Emília da Silveira de Vasconcelos e Sousa e do falecido marquês de Ponte Lima. Deixa ainda 18 netos e dois bisnetos.

Durante a noite, estiveram no palácio da Rosa, propriedade do titular e dos seus irmãos, muitas individualidades, que apresentaram condolências à família enlutada.

Joaquim António Pontes Santos Moita

Faleceu o sr. Joaquim António Pontes Santos Moita, de 61 anos, natural de Coimbra, gerente agrícola, viúvo, pai das sr.ªs D. Maria Leonor Costa Santos Moita, Maria Margarida Costa Santos Moita e Maria José Costa Santos Moita.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da igreja de S. João de Brito para o cemitério do Alto de S. João.

D. Maria Joaquina Neves

PEDRÓGÃO GRANDE, 17. — Faleceu, na sua residência, em Escalões do Meio, a sr.ª D. Maria Joaquina Neves, de 64 anos, casada com o sr. Armando Vicente Pedrosa, comerciante. A sr.ª D. Maria Joaquina Neves, mercê da sua bondade, era estimada por quantos a conheciam e o seu funeral, no qual se incorporaram numerosas pessoas, foi testemunho da saudade que deixou. O comércio local encerrou as suas portas e incorporaram-se no préstito representantes da Casa do Povo.

D. Emília de Pádua Amaro

PINHEL, 17. — Após prolongado sofrimento, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Emília de Pádua Amaro, de 83 anos, irmã do sr. António Freire Pádua Amaro, proprietário. A sr.ª D. Emília de Pádua Amaro era pessoa muito estimada, sendo o seu funeral uma verdadeira manifestação de pesar.

D. Ana Cardoso de Nápoles

VILA SECA, 17. — Faleceu a sr.ª D. Ana Cardoso de Nápoles, de 83 anos, casada com o sr. Pedro Meireles Botelho, director do Grémio da Lavoura de Armamar. A extinta era irmã das sr.ªs D. Guilhermina Cardoso de Nápoles, D. Emília Cardoso de Nápoles e do sr. João Cardoso de Nápoles.

Ananias Duarte Araujo

ARMAMAR, 17. — Faleceu nesta vila o sr. Ananias Duarte Araujo, de 96 anos, natural deste concelho, professor do ensino primário, casado com a sr.ª D. Deolinda Vaz Pinto de Sousa Alvim, pai da sr.ª D. Ana Duarte Teixeira, viúva, também professora do ensino primário, e dos sr.ªs dr. Abel Duarte Teixeira de Araujo, notário em Lourenço Marques, dr. Alcino Duarte Alvim, médico-dentista na cidade do Porto e do sr. Herminio Duarte

Alvim, aspirante de Finanças. entrou então para o conselho de administração, acompanhando sempre com dedicação a evolução daquela empresa, sob o impulso vigoroso, primeiro de Henrique Sommer e depois, de António Champalimaud. Pelas suas qualidades pessoais, o extinto gozou sempre da consideração e da estima de todos com quem convivia.

José Augusto dos Santos

BARQUINHA (ATALAIA), 17. — Faleceu o sr. José Augusto dos Santos, de 76 anos, aposentado da Companhia Carris de Lisboa, casado com a sr.ª D. Esperança da Glória dos Santos e pai dos sr.ªs Artur Augusto dos Santos, Alfredo Augusto dos Santos e Fernando Augusto dos Santos.

O funeral realiza-se em data a anunciar.

Abel Gonçalves Martins Viana

BEJA, 17. — Faleceu subitamente o arqueólogo e etnógrafo Abel Viana, de 68 anos, natural de Viana do Castelo, mas já residente em Beja há cerca de 24 anos, onde intensificou o seu estudo sobre arqueologia, etnologia e folclore, tendo publicado diversos livros e deixando vasta colaboração em revistas e jornais.

Foi sócio correspondente de vários organismos estrangeiros bolselero do Instituto de Alta Cultura e do Instituto Nacional de Educação. Desde 1940 exercia funções superiores no Museu Regional de Beja. Ultimamente dirigia diversas escavações arqueológicas em Nossa Senhora de Cola, concelho da Bica, trabalho que não chegou a completar. Fora agraciado com o oficialato da Instrução em 1934, pelo então Presidente da República.

O funeral realiza-se amanhã às 12 e 30, da igreja dos Prazeres para o cemitério desta cidade.

FUNERAIS

José Sommer Ribeiro

Ficou hoje depositado em jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João, o corpo do sr. José Sommer Ribeiro, que ontem faleceu, na sua residência na Rua Maria da Fonte, 46. Era uma figura muito conhecida e que desfrutava de gerais simpatias. Filho do sr. comandante José Aleixo Ribeiro e da sr.ª D. Maria Carolina Oliveira de Sommer, era casado com a sr.ª D. Maria Rosa Peixoto de Carvalho e Bourbon Sommer Ribeiro e pai dos sr.ªs José Pedro de Andrade Bourbon Sommer Ribeiro e João Manuel de Andrade Bourbon Sommer Ribeiro.

Distinto oficial da arma de Artilharia, o sr. José Sommer Ribeiro fez parte das forças portuguesas que se bateram na primeira guerra mundial, em França, onde se evidenciou e prestou relevantes serviços, que lhe mereceram justo louvor.

Tendo regressado a Portugal em 1919, ano em que se constituiu a Empresa de Cimentos de Leiria,

Capitão Nuno Álvares Guedes Vaz

Após missa de corpo presente, realizou-se ontem, da igreja de Nossa Senhora de Fátima para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, o funeral do sr. capitão de Artilharia, Nuno Álvares Guedes Vaz, casado com a sr.ª D. Angela Maria Gaspar da Silva Guedes, pai dos sr.ªs capitão Gonçalo Álvares Guedes Vaz e Duarte Álvares Guedes Vaz, da redacção do Secretariado Nacional da Informação.

Possuía, além de vários louvores, numerosas condecorações entre as quais, as medalhas de Mérito Militar, dos Serviços Distintos, de Comportamento Exemplar e a Ordem de Avis.

No préstito, que foi uma sentida manifestação de pesar, incorporaram-se, além de várias outras individualidades, os sr.ªs generais Buceta Martins, Raul Martinho e Costa Macedo; dr. Ramiro Valadão; prof. dr. Freitas de Sousa; brigadeiros Carlos Campos Andrade, Sousa Gorgulho e Pereira da Costa; contra-almirante Celestino da Silva; coroneis Nascimento Vieira, Ferreira de Carvalho, Ferreira Castelhão, Madureira dos Santos; Gentil Bessa, Afra Nozes, Montalvão dos Santos e Silva, António de Almeida Campos, Garcia Gomes, Carmo Salgado; capitão-de-mar-e-guerra Paulino Pereira; tenentes-coroneis Rocha Trindade, Augusto Ribeiro; majores Vilaverde, Gonçalves Monteiro, Correia de Matos, Abreu Imaginário; capitães Bêlico de Velasco, Ramos Toscano, Formozinho e Silva, Mimoso Serra, Martins de Oliveira e José Valente Romão; tenente Lopes Pereira; deputações da Academia Militar, Colégio Militar e Forte do Alto Duque; eng. António Costa Macedo, drs. José de Matos, Manuel Rino, Perry Vidal, Duarte Nuno Teixeira dos Prazeres, etc.

O PORTO PELO TELEFONE

Professor de Judo vítima de Acidente

PORTO, 17. — Na madrugada finda foi operado de urgência na casa de saúde da Boavista, o professor francês de judo, sr. Gilbert Briskine, de 36 anos, domiciliado na Avenida Brasil, 747, 5.º, que ontem foi vítima de um acidente de viação em Barcelos. Embora o seu estado seja grave é de prever uma recuperação, dada a sua forte complexão física.

Entalado num elevador

Recolheu ao Hospital de Santo António o refinador de açúcar sr. Américo Pereira, de 35 anos, solteiro, residente na Rua do Barredo, n.º 3, que sofreu compressão torácica e ferimentos na cabeça com possível fractura da base do crânio, por ter sido entalado pelo elevador da casa onde trabalha.

Caiu no Mercado

No mercado do Bom Sucesso deu uma queda a operária sr.ª Deolinda Ferreira Vaz, de 58 anos, solteira, moradora na Rua do Campo Alegre, 78, que sofreu ferimentos pelo corpo e fractura de uma tíbia, ficando internada no Hospital de Santo António.

Foi condecorado pela Legião Portuguesa o comendador Gastão Mendes Barata

No Comando-Geral da Legião Portuguesa, na Penha de França, realizou-se hoje a cerimónia da entrega da medalha de prata de dedicação e do respectivo diploma, ao sr. comendador Gastão Mendes Barata, recentemente condecorado por proposta daquele comando. A cerimónia decorreu no gabinete do sr. general Valente de Carvalho, comandante-geral daquela corporação, estando presentes, entre outras individualidades, os sr.ªs brigadeiro Carlos Gorgulho, 2.º comandante-geral da L. P.; majores Morgado e Oliveira, directores de serviços Parente de Figueiredo e sargento Lopes.

Em breves palavras, o sr. general Valente de Carvalho, disse do motivo da distinção que consistia no reconhecimento pelos benefícios prestados pelo sr. Gastão Mendes Barata aos legionários pobres e sua valiosa colaboração em todas as festas da Legião Portuguesa.

O homenagem agradeceu, após o que foi abraçado por todos os presentes.

O sr. general Valente de Carvalho, ainda num gesto de gratidão convidou o sr. Gastão Barata para ali almoçar com ele e com as individualidades presentes.

bia, ficando internada no Hospital de Santo António.

Acidente no trabalho

Os Bombeiros Voluntários de Espinho, conduziram ao Hospital de Santa Maria o trabalhador sr. Manuel Reinaldo Ferreira Pinto, de 18 anos, solteiro, residente na sua da Feira, que sofreu um grave e profundo golpe num braço, em consequência de ter sido apanhado por uma máquina de serrar madeira.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45: «Farça de mestres».

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Constança, o marido e a outra» (12 anos).

COLISEU — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Pathelin» (12 anos).

S. JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O homem do monóculo» (12 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O assassino de Nice» (17 anos).

AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Marisol no Rio» (12 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Um homem em fuga» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «A ponte do destino» e «Idílio em Setembro» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21: «A balda de prata» (12 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Ao ritmo do mambo» (12 anos).

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 30: «Mocidade em férias» (12 anos).

O chefe do Governo da Bulgária visita Moscovo

MOSCOVO, 17. — Chegou esta manhã à capital russa, por Caminho de Ferro, o chefe do Governo da Bulgária, Todor Jivkov, que deverá avistar-se com Kruchchev, a fim de estudarem — ao que se afirma em círculos diplomáticos — a estratégia a adoptar pelos países do bloco comunista pró-moscovita em face da posição cada vez mais hostil adoptada pela China continental.

Jivkov é o quarto chefe de Governo de um país comunista a visitar Kruchchev, desde o princípio deste ano. Os anteriores foram: Gomulka, da Polónia, Ulbricht, da Alemanha Oriental, e Fidel Castro, de Cuba. — (A. N. I.).

A SOMÁLIA QUEIXA-SE DE AGRESSÕES ETÍOPIAS APÓS A DECLARAÇÃO DO CESSAR-FOGO

MOGADISCIO, 17. — O presidente da Somália, enviou uma mensagem ao secretário-geral da O. N. U., U Thant, queixando-se que a Etiópia cometeu 12 agressões contra a Somália, depois de ter sido decretado ontem o cessar-fogo.

A mensagem, enviada a noite passada, foi também mandada pelo presidente aos chefes de Estado africanos e embaixadas estrangeiras nesta cidade. Na mensagem, o presidente da Somália, queixava-se de ataques pela Aviação e pelo Exército etíopes, «propositadamente efectuados uma hora e meia depois das forças somalis terem recebido ordens de retirada». Acrescentava que o Governo da Somália não tinha tido outra alternativa senão tomar disposições para repelir a agressão etíope e salvaguardar a soberania da Somália. — (R.).

Homenagem ao dr. Francisco da Silva Alves

Por motivo da sua recente nomeação para director de serviço dos Hospitais Cíveis de Lisboa, o sr. dr. Francisco da Silva Alves vai ser homenageado, amanhã, com um jantar no restaurante Mónaco.

As inscrições para este jantar podem ainda fazer-se pelos telefones 776622, 730951 e 2420339.

COMUNICADO

EXCLUSIVOS COELHO PINTO, para que conste, faz saber ao público em geral e aos seus clientes em especial:

1.º — Que a firma José Coelho Pinto não trabalha nem nunca trabalhou com dinheiro dos clientes.

2.º — Que na sua actividade comercial de mediadora de compra e venda de bens imobiliários, e na realização de empréstimos com garantia hipotecária, mobiliária ou imobiliária, a firma José Coelho Pinto nunca utilizou capitais dos seus clientes para negócios de conta própria.

3.º — Que a firma José Coelho Pinto, como mediadora, é mera intermediária nas transacções com os seus clientes, pelo que não tem que arrecadar dinheiros, o que de resto é vedado por lei.

4.º — Que a firma José Coelho Pinto nunca constituiu sociedades com quaisquer pessoas, singulares ou colectivas, para encaminhar negócios ou absorver rendimentos dos seus clientes.

5.º — Que como mediadora, a firma José Coelho Pinto, apenas recebe dos clientes as percentagens a que tem direito, quando lhes presta serviços, jamais fazendo jus àquilo que não seja estritamente legal.

6.º — Que os princípios de honestidade que norteiam o trabalho da firma José Coelho Pinto, são os que abonam à consideração do público, que a distingue com a sua preferência e a certeza de que os seus interesses estão a coberto de qualquer falcatura.

Isto nos aprez reafirmar publicamente com a declaração expressa de que a clareza do nosso trabalho é incompatível com quaisquer actuações ilícitas.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1964.

JOSÉ COELHO PINTO

COM ESCRITÓRIOS EM:

LISBOA — Rua Castilho, 235, 3.º — Telef. 651609 - 651589 - 651736

ALMADA — Praça da Renovação, 10, 2.º, E. — Telef. 274618 - 274716

CASCAIS — Rua Dr.º Iracy Doyle, 11, 1.º, D. — Telef. 282084 - 280912

PORTIMÃO — Praça Visconde Bivar, 3, 1.º, D. — Telef. 340

 RÁDIO

Diario de Esgbda

A partilha de Chipre está fora de questão

—afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros cipriota

(Continuação da 1.ª página)

Os membros do Conselho de Segurança têm mantido uma verdadeira prevenção rigorosa, prontos a reunir-se caso piorasse a luta entre as populações grega e turca de Chipre ou se materializasse uma invasão da ilha.

A Inglaterra, cujas tropas têm tentado impor as tréguas entre gregos e turcos, pediu, no sábado à tarde, a reunião do Conselho de

JACK RUBY

pode ser condenado à morte

(Continuação da 1.ª página)

morar um dia a interrogar cada pessoa, antes de a aceitar para membro do júri. Entre outras, Belli pôe como condição que nenhum dos membros do júri tenha assistido, pela Televisão, ao momento em que Ruby disparou contra Oswald. Entretanto, Melvin Belli declarou aos jornalistas que foram colocados microfones escondidos no quarto do seu hotel e que as suas conversas telefónicas eram escutadas. Ao perguntarem-lhe quem teria mandado colocar os microfones, não respondeu.

Disse ainda que pretende obter um júri formado por pessoas com um certo nível cultural, para que possam compreender as explicações técnicas acerca do estado mental de Ruby.

Belli afirmou também que rejeitará qualquer jurado em perspectiva, que esteja convencido de que é necessário salvar a reputação de Dallas. As pessoas que assim pensam, disse, gostariam de enviar Ruby para a cadeia eléctrica, a fim de eliminá-lo a má fama da cidade depois do atentado e da morte de Oswald.

EXIGÊNCIA DA ACUSAÇÃO

Por seu turno, o advogado de acusação só aceitará para membros do júri indivíduos que não tenham objecções contra a aplicação da pena de morte.

Uma das peças fundamentais do processo, porém, é o relatório, elaborado pelos três psiquiatras que examinaram Jack Ruby, a fim de determinar se ele é ou não normal. O relatório encontra-se em poder do juiz, mas não foi ainda divulgado, para não influenciar antecipadamente os jurados. — (A. N. I.).

A MÃE DE LEE OSWALD PENSA

ESCREVER UM LIVRO

FORT WORTH (Estados Unidos), 17 — A mãe de Lee Oswald, o suposto assassino do presidente Kennedy, afirmou-se disposta a lutar até ao fim para ilibar o nome do seu filho, acrescentando que amanhã estará em Nova York para falar em público. A essa sessão assistirá, também, o advogado Mark Lane.

A sr.ª Oswald disse aos jornalistas que possui «alguns documentos e fotografias» provando que seu filho trabalhava para a C. I. A., acrescentando que não os tornara ainda públicos mas que tencionava escrever um livro acerca do caso e que então tudo seria esclarecido. — (A. N. I.).

OS SISMOS PROVOCARAM PREJUÍZOS NOS AÇORES

CALHETA (São Jorge), 17. — A situação sísmica, nesta ilha, melhorou sensivelmente nas últimas horas.

Contudo, os prejuízos materiais nas povoações de Toledo, Riberira do Nabo e Urzelina são elevados, havendo 47 casas danificadas, algumas das quais totalmente. — (A. N. I.).

Novo abalo em São Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 17 — A ilha de São Jorge, que desde ontem, tem sido fustigada por alguns sismos, voltou hoje a sentir novos abalos telúricos.

Por outro lado, o arquipélago foi assolado, a noite passada, por violento temporal, acompanhado de chuva e trovoadas.

As populações mais afectadas têm sido as de Monadas, S. António e Norte Grande. — (L.).

Segurança. O embaixador cipriota, Zenon Rossides, declarou que uma invasão pela Turquia, para auxiliar a comunidade cipriota turca, estava iminente. Afirmação semelhante levou o Conselho a efectuar uma reunião de emergência à meia-noite do dia 27 de Dezembro último.

O GOVERNO CIPRIOTA NÃO ACEITARÁ TROPAS DA N. A. T. O. NA ILHA

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Chipre, Spyros Kyprianou, declarou claramente que o seu Governo não aceitará uma força internacional formada por países da N. A. T. O.

«Se for necessária uma força internacional, ela deverá ser «controlada» pelo Conselho de Segurança da O. N. U.», disse.

Depois de salientar que Chipre não é um país membro da N. A. T. O. o ministro declarou: não creio que a missão da N. A. T. O. seja a de defender a paz em Chipre. Isso não está nas suas atribuições. A defesa da paz e da segurança compete ao Conselho de Segurança das Nações Unidas.

AS MANOBRAS TURCAS

Kyprianou referiu-se às manobras navais efectuadas pela Turquia nas imediações de Chipre e à passagem de aviões turcos sobre a ilha, dizendo que isso equivale a ameaças de agressão. Acrescentou que a sua missão em Nova York é «procurar que o Conselho de Segurança aprove uma resolução condenando qualquer agressão ou ameaça contra a integridade territorial de Chipre».

O ministro revelou ainda que apresentará propostas para a solução da crise cipriota, mas recusou-se a dizer antecipadamente quais são essas propostas.

O ministro salientou que, antes de mais nada, é preciso «salvaguardar a independência e integridade territorial de Chipre». Em seguida, as questões políticas internas serão resolvidas segundo os princípios da justiça e da democracia.

«A partilha de Chipre está fora de questão. Para os cipriotas gregos qualquer tentativa de partilha significa uma guerra». — (A. N. I.).

Ruiu estrondosamente um muro de suporte na Travessa do Giestal

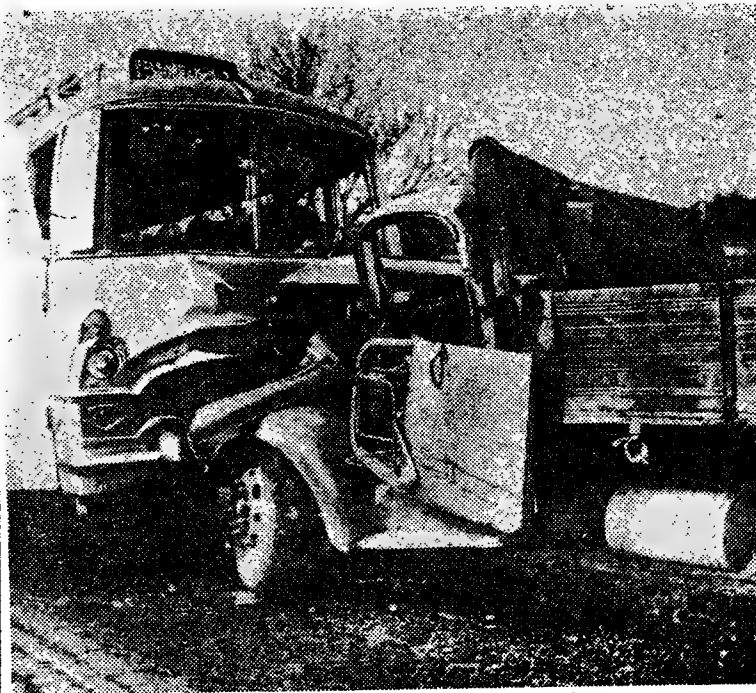
Ao começo da tarde de hoje, eram 12 e 40, ruiu um muro de suporte, situado na Travessa do Giestal, à Rua Aliança Operária, em Lisboa. O muro, com cerca de 10 metros de extensão e com 5 a 6 metros de altura, caiu com fragor sobre uma barraca erguida a seu lado, que servia de arrecadação de materiais e onde dormia o guarda da obra contígua de um prédio ali em construção.

Afortunadamente, não há vítimas a lamentar, muito embora ali estivesse a almoçar, segundos antes, quase uma dezena de operários, empregados na obra. Valeu-lhes o aviso salvador de um companheiro que, inquieto e preocupado, desde o início da refeição, como que pressentindo o perigo, apenas pôde gritar:

— Fugamos, senão morremos aqui todos. O muro vai arrasar a barraca!

E assim foi. Mal eles tinham corrido, em atropelo, para fora da barraca, o muro ruía com estrondo, destruindo num ápice e sepultando a barraca com tudo o que lá estava dentro: roupas, calçado, relógios, pastas e marmitas com as refeições de todos eles. Avisados rapidamente logo ali compareceram os Sapadores Bombeiros, com material da 2.ª Companhia, da Companhia de Reforço e do Centro de Instrução de Recrutamento, num total de cerca de 50 homens, sob o comando dos chefes Rascão e Loureiro, que prontamente iniciaram os trabalhos de remoção dos destroços, alguns deles enormes, do muro.

Este, que é propriedade da Fábrica de Tintas Excelsior, da firma J. A. Honrado Limitada, situada naquela mesma travessa, no n.º 22, arrastou consigo alguns bidões de



Os dois veículos fotografados logo após o choque

Um morto e 12 feridos num choque de camionetas na estrada velha de Sacavém

Esta manhã, por volta das 9 e 20, deu-se, em Sacavém, um violento choque de duas camionetas o que ocasionou um morto e doze feridos.

Uma das camionetas ia com passageiros de Lisboa para Vermelha; a de carga, com ovos e batatas, vinha de Vila Franca de Xira para Lisboa. Eram conduzidas respectivamente pelos srs. António Ferreira, de 51 anos, morador em São Quintino, Sobral de Monte Agraço, e Manuel de Oliveira Castanhas, de 34 anos, morador em Vilarinho, na Anadia.

O embate deu-se de frente, na estrada velha de Sacavém, próximo da Fábrica dos Nitratos de Portugal, em local em que a estrada tem de largura 6 metros e 10 centímetros.

Do choque, cujas responsabilidades estão a ser apuradas pela P. V. T., resultou a morte do ajudante do motorista da camioneta de carga de que se sabe apenas chamar-se Ribeiro. Morreu pouco

depois de ter dado entrada no Hospital de Santa Maria, sem fala e em estado de coma.

Em estado grave, encontra-se no mesmo hospital o motorista da mesma camioneta. Feridos, embora sem gravidade ficaram o motorista sr. Manuel Castanhas, o tipógrafo sr. Eugénio Xavier Pires Soares, e as srs. D. Lucinda dos Santos Rocha da Silva, de 17 anos, moradora no Largo dos C. T. T., em Alverca; D. Maria Amélia da Silva Nascimento, de 27 anos, moradora também no Largo dos C. T. T., Alverca; D. Francisca da Conceição Castelo, de 52 anos, e sua irmã, D. Francisca Carrasco, de 53 anos, moradoras em Vila Pereira, na Charneca; D. Francisca Rosa Vilela Vinagre, de 38 anos, moradora em Alverca; D. Maria Rosa Medeiros Valente, de 32, e filha, Domingas, de 4 anos, moradoras no Bairro de Santiago, em Camarate; D. Teresa de Jesus Moraes, de 53 anos, moradora em Galinheiras, na Charneca.

Os feridos, à parte do motorista da camioneta de carga, seguiram para suas casas depois de tratados. Não foi ainda possível estabelecer a responsabilidade do desastre, tanto mais que o motorista de um dos veículos se encontra em estado grave e o ajudante morreu. O motorista da camioneta de passageiros não sabe explicar como é que o desastre se deu.

O comissário Belarmino e o seu colega Euclides são de opinião que ambos os motoristas têm culpas. Trata do caso a brigada 103 do sub-chefe Moraes.

ÀS 16 HORAS

O resultado da autópsia ao cadáver do operário encontrado na Cova da Piedade afasta a hipótese de crime

Embora a Polícia Judiciária continue a colher os chamados «elementos comprovativos», o resultado da autópsia do corpo do operário encontrado morto na Cova da Piedade, que referimos noutra local, parece desmentir a hipótese de crime. Julgou-se — dados os ferimentos que apresentava na cabeça — que a vítima pudesse ter sido morta com pancadas e, depois, arrastada para as escadas. Mas os peritos médico-legais inclinam-se para a hipótese de que o João Maria Madeira tenha sido vitimado por um ataque de epilepsia, de que apresenta todos os sintomas, incluindo a língua cortada pelos dentes.

— Perderam tudo o que lá tinham... — Parece que sim. Saímos só assim, com a roupa que trazemos vestida. Vamos a ver se se salva alguma coisa... Não somos ricos, mas graças a Deus estamos salvos. E não ganharam para o susto!...

Chegou a Lisboa um técnico da O. C. D. E. que vem proferir conferências

No avião da TAP, chegou a Lisboa, vindo de Paris o perito francês da O. C. D. E., sr. Ricou Dumas, director técnico da Anifmo, que proferirá conferências, na capital e no Porto, a convite da Corporação da Indústria e com a colaboração da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa.

Aguardavam-no no aeroporto o sr. eng. Cardoso dos Santos, em representação da Corporação da Indústria, e outros técnicos portugueses.

O sr. Ricou Dumas proferirá amanhã a primeira conferência, às 21 e 30, na sede daquela corporação, na Avenida António Augusto de Aguiar, 104, 3.ª, subordinada ao tema «Formação profissional», assunto que, de momento, tem extraordinário interesse para o nosso País.

A conferência, que é pública, repetir-se-á no Porto, na próxima quinta-feira, à mesma hora, na sede do Grémio dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte.

Depois de amanhã, às 15 e 30, na sede da Corporação da Indústria, o perito da O. C. D. E. falará aos técnicos portugueses de formação profissional.

Homem atropelado na autoestrada pondo-se em fuga o motorista

O sr. Manuel da Silva Figueiredo, de 37 anos, morador em Campo Cevadeiro, em Vila Franca de Xira, foi colhido na auto-estrada por um automóvel.

O automóvel seguiu a sua viagem sem se deter para prestar socorros à vítima que, muito mal, recolheu ao Hospital de Santa Maria. A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava encoberto e caía chuva ou chuveiro em vários pontos, com vento sudoeste moderado, por influência de um sistema frontal transportado na circulação de uma profunda depressão centrada a norte dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 13°; Portalegre, 10°; Penhas Douradas, 7°; Coimbra, 12°; Lisboa, 14°; Faro, 15°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15°; na água do mar, 14°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 16°; mínima, 13°. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 15°; mínima, 9°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo instável com céu muito nublado ou encoberto. Vento sudoeste moderado soprando temporariamente com rajadas fortes e períodos de chuva e chuveiro, passando mais tarde a regime de aguaceiros.

A MANHÃ:
N. ser às 7 e 26
Ocaso às 18 e 16

FASES DA LUA

☾ ☽ ☾ ☽
Dia 20 Dia 27 Dia 6 Dia 14

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 17 — As 5 e 32 (4,03 m); e 17 e 58 (3,77 m).
Dia 18 — As 6 e 16 (3,90 m); e 18 e 41 (3,65 m). Dia 19 — As 6 e 59 (3,71 m); e 19 e 33 (3,50 m).
BAIXA-MAR — Dia 17 — As 11 e 27 (0,83 m); e 23 e 37 (0,94 m). Dia 18 — As 12,07 (0,99 m). Dia 19 — As 0 e 25 (1,11 m); e 59 (1,20 m).



IMPRESSONANTE Sete golos por jogo média do Benfica na segunda volta

Torres realiza o 7.º golo, o único da sua lavra.

Mais um cordeiro para o lobo da Luz

Diário de Lisboa

DESPORTOS

O que aconteceu, ontem, ao Barreirense, no Estádio da Luz, foi o que já se tinha verificado com outra equipa que ali vimos actuar: o Olhanense. Ontem, enquanto o jogo evoluía, desenvolvendo-se implacavelmente para o abismo de golos, parecia estarmos a observar

a reedição do jogo com os algarvios — a mesma situação de gato e de rato, o peso, cada vez mais asfixiante, do movimento sobre uma só baliza, a ideia de competição apenas cingida entre marcar mais ou menos golos, de um lado, e sofrer mais ou menos golos, do outro.

O Benfica pôde dar-se, até, a toda a uma série de luxos: o golo que Bráulio negou a Yauca no primeiro minuto; a demora da equipa «encarnada» em entrar no ritmo normal, tendo feito toda a primeira parte a uma velocidade inferior à das suas possibilidades, mesmo uma movimentação displicente, cheia de erros na zona frontal, embora bem no aproveitamento dos extremos; e, ainda, o dia de férias do avançado Torres, que raramente esteve no sítio onde o seu golpe de cabeça era solicitado e que esteve igualmente mal a meter o pé à bola em frente da baliza.

Naturalmente, levamos em linha de conta o pormenor da resistência da turma barreirense, que fez uma

primeira parte aceitável em matéria de rendimento físico sobre um terreno pesado. Ainda aqui, aconteceu o mesmo com o Olhanense, que também chegou ao intervalo a perder: «só», por 2-0, embora o observador atento não se deixasse convencer pelo significado dos números, pois a diferença de poder, toada a profundidade não

(Continua na 3.ª página)



PEIXOTO ALVES

atacou e venceu

(ler nas pág. interiores)



PEIXOTO ALVES

DOIS GOLOS NO BONFIM

Em cima: o 2.º do Vitória de Setúbal, rematado por Carlos Manuel; ao lado: o 1.º do Belenenses, apontado por Peres

Coisas da bola...

● GENTIL CARDOSO, DESPRESTIGIADO...

Se alguém, um dia, se dignar fazer a biografia dos técnicos de futebol, considerando o contributo válido que deram para a expansão da modalidade, estranhará na parte respeitante a Gentil Cardoso o ocaso da sua carreira — em tudo imprópria de quem foi, na realidade, elemento importante no seu país, o Brasil.

Concordando com a tese de que a idade afecta o rendimento no trabalho e, por vezes, adultera o discernimento, julgamos que o caso de Gentil Cardoso, um treinador que nos seus tempos gloriosos (e tantos foram...) reagia à mais insignificante rêssea de desconsideração, constitui uma excepção, tendo em vista a perturbação que a mentalidade futebolística europeia exerceu no seu espírito pouco dado, aliás, a novas solicitações.

Indiferente ou demasiado des preocupado, o discutido técnico, que veio conhecer, em Portugal, o grande desprestígio da sua vida — ser substituído por um amador que na vida profissional é arquitecto, e o que é mais significativo, suportar a sua presença — acabou por pulverizar as suas próprias concepções que são um reflexo das que deram fama ao futebol brasileiro.

Inadaptado ao nosso meio, o velho técnico, infelizmente, mostrou-se pouco disposto a compreender-lo e na luta, que travou, acabou por socorrer. Da maneira mais espectacular, amarrado a uma determinante materialismo.

(Continua na 7.ª página)

Naufrágio geral no Estádio do Mar

Foi um autêntico naufrágio, o que se verificou, ontem, no Estádio do Mar, onde uma partida, que estava a ser mal jogada, acabou inteiramente por socorrer, no pior dos escolhos, que é o do nervosismo e da indisciplina.

Entre os 17 e os 22 minutos da segunda parte, viveu-se uma agudíssima crise, daquelas que nada prestígiavam o futebol e que chegou a fazer recetar pelo prosseguimento do jogo.

Felizmente, os jogadores contiveram-se, e embora os ânimos não tenham serenado, completamente, tornou-se possível ao árbitro reatar o encontro e levá-lo a termo, o que foi muito, dado o nervosismo desencadeado pelo incidente, que começou

na anulação dum golo ao Sporting, por «fora de jogo» do seu autor (Mascarenhas) e acabou pela expulsão de Figueiredo e Rosas, envolvidos num desaguiado, que nada justificava, a não ser a momentânea desorientação geral.

O caso é que, com o jogo já interrompido para a marcação do «off-side», duvidosamente assinalado a Mascarenhas, Figueiredo e Rosas disputaram a posse da bola, assumindo atitudes agressivas, e o fiscal de linha chamou a atenção do árbitro, que ordenou a expulsão. Um pouco mais de calma e nada teria havido.

Assim, foi o rastilho, que durante longos minutos pôs em risco a continuidade da luta.

O Sporting, perdendo o golo, por pretensa irregularidade, como já antes perdera, perdeu também, com a saída do seu avançado-centro e a perturbação de que se deixou apor, todas as possibilidades de ganhar o encontro, precisamente quando o Leixões, por força das circunstâncias, oferecia as melhores condições para os lisboetas alcançarem esse objectivo. De facto, a equipa matosinhense, a lutar em manifesta inferioridade, com o defesa-central incapacitado e a fazer figura de corpo presente, a extremo, viu-se forçada a alterar o dispositivo, re-

(Continua na 3.ª página)

(Continua na página central)

O Atlético vai acabar?

«O momento é grave. Desolador. É triste». As palavras pertencem a Jaime Franco, alcantareense de incomensurável estatura, e foram proferidas, com as lágrimas nos olhos, no decorrer da

última assembleia geral do Atlético Clube de Portugal na ocasião em que os directores se aprestavam para lhe entregar, como presidente daquele órgão, os destinos do clube. Jaime Franco, que tem sido

nos últimos tempos a chama que se não extingue, equacionou com a singeleza que lhe é peculiar a dramática situação do Atlético «todos os anos a

A defesa «leonina» em acção



O "NACIONAL" DA 2.ª DIVISÃO

ZONA NORTE

O Covilhã retalhou a defesa do Boavista

Em manifesta crise, o Boavista deparou com a subida à Serra da Estrela no pior momento.

Os covilhanenses, ciosos da sua posição de guias aplicaram-se desde o começo numa ofensiva deliberada, que só na primeira parte encontrou oposição por parte da defesa «axadrezada».

Passado que foi o intervalo, o ataque serrano intensificou-se, em rapidez e objectividade, e a recta-guarda dos portuenses acusou o assédio, decaindo progressivamente à medida que o resultado se foi avolumando.

O á-vontade que o Covilhã manifestou, quando o triunfo estava assegurado, impossibilitou a reacção dos visitantes, submetidos pela decisão do grupo da casa.

Tardia e difícil a vitória do Braga

O Leça foi ontem, na capital do Minho, adversário difícil para o Braga.

Lutando com muito animo e saindo frequentemente da defesa para o ataque, os leceiros fizeram a vida cara ao grupo minhoto, o qual, embora evidenciando melhor estrutura técnica, se deixou por vezes confundir pelo espírito resolutivo dos adversários.

Só quando estes aos 60 minutos, ficaram em inferioridade, por expulsão do seu extremo-direito, é que os bragenses puderam dominar abertamente mas, assim mesmo, a vitória só foi alcançada nos últimos instantes, devido à segurança da defesa visitante e à boa exibição do seu guarda-redes, Já guaré.

Maior personalidade do Beira-Mar em frente do Marinhense

Assumiu grande entusiasmo e interesse a luta travada entre o Beira-Mar e o Marinhense, no Estádio Mário Duarte.

Os aveienses colectivamente com mais personalidade, impuseram-se na maior parte do encontro, mas os marinhenses, revelando capacidade, opuseram réplica firme, que tornou difícil o resultado para os locais. O maior número de oportunidades, que estes criaram, permitiu-lhes, no entanto, a obtenção de um golo em cada metade, margem

que se ajustou à forma como o encontro decorreu.

Positividade do Feirense contra o Vianense

O ataque do Feirense enveredou por uma toada de positividade contra o Vianense que lhe trouxe excelente resultado. A equipa de Viana contra o que o resultado indicou dispõe de recursos e teve períodos em que realizou jogadas de perigo.

Os dianteiros feirenses, porém, em tarde inspirada, actuaram em moldes expeditos, pondo rapidez na execução do seu jogo e prontidão a finalizar alvejando constantemente a baliza dos minhotos, que acabaram por ceder ante a intensidade da ofensiva local.

O Salgueiros teimou e ganhou

Os salgueiristas tiveram de teimar insistentemente para obterem o resultado que desejavam sobre o Lusitano visense, que ao intervalo sustentava a igualdade de um golo. Conquanto o domínio do jogo lhes pertencesse quase sempre, os «encarnados» portuenses foram, por via de regra, pouco esclarecidos nas proximidades da grande área, o que permitiu à defesa visitante uma tarefa de destruição que só veio a quebrar na fase final do encontro, quando o Salgueiros estava todo sobre o meio-campo adversário.

Subida do Famalicão

A subida de forma assinalada ao Famalicão, confirmou-se perante o Oliveirense, derrotado por margem significativa.

A equipa de Azemeis, tendo conseguido ser a primeira a abrir o activo, procurou defender a vantagem mas os famalicenses, confiantes nas suas possibilidades, recuperaram naturalmente e construíram o triunfo chamando a si o comando da partida e superiorizando-se no jogo desenvolvido.

Rivalidade e equilíbrio no jogo Espinho-Sanjoanense

A factura técnica, no jogo entre espinhenses e sanjoanenses, foi perturbada pela emulação regional. A ansia de marcar sobrepôs-se à movimentação reflectida e os jogadores acusaram o nervosismo dominante, principalmente nos lances próximos das balizas.

Assim todas as oportunidades se gozaram, sobejando emoção e faltando jogo, o que justificou o resultado em branco.

contro, Pinhal, na primeira parte e Vitor, enquanto jogou, distinguiram-se.

Muito boa a arbitragem de Inácio Tereso, conquanto um choque de Rodrigues com Marinho não nos tenha parecido tão casual como isso... O árbitro, porém, estava dentro do lance.

PATRICIO ALVARES

O conjunto do Alhandra levou de vencida o individualismo do Oriental

Ambas as equipas tentaram, mal iniciado o jogo, surpreender o adversário e, aos 2 minutos, Ferrão desperdiçou ocasião soberana de abrir o activo, quando, após um «canto», faliu o remate.

Entretanto, o Alhandra delineava, desde logo, o melhor futebol, com os defesas a inspirarem confiança, a linha média a lançar, em profundidade, os dianteiros, principalmente os extremos, que causavam continuo alarme na zona orientalista.

Dai o terem proporcionado a Azevedo sucessivas intervenções, que o guindaram a figura principal do encontro.

A meia hora, as jogadas mantinham-se no meio campo dos locais, que apenas esboçavam esporádicos contra-ataques, logo anulados pela defesa contrária.

Após o intervalo, o marcador manteve-se em branco e, apesar de os dois grupos terem desperdiçado excelentes oportunidades, o maior domínio do Alhandra merecia melhor compensação.

Os orientalistas reentraram no terreno com o intuito de surpreender o adversário, mas a sua débil complexão física não lhes permitiu concretizar as suas jogadas.

O golo, apontado aos 10 minutos, a remate de Antunes e na sequência de um «canto», premiou o conjunto mais senhor do terreno, como todos os seus elementos a denotar excelente preparação física, patenteada até ao ultimo segundo do jogo.

Os lisboetas, à medida que se aproximava o final do encontro, deixaram de jogar como equipa, desperdiçando o tempo em jogadas individuais, de nulo efeito, acusando, cedo, a impossibilidade de aguentar a rapidez e o perigo constante que a equipa forasteira impusera ao encontro.

O resultado está certo pela margem verificada, atendendo à melhor estrutura do jogo do vencedor, em que é de salientar o porte de toda a equipa, com relevo para os extremos Carlitos e Santos.

No Oriental, a bela exibição de Azevedo e a ajuda que os seus companheiros da defesa lhe prestaram enquanto a sua condição física o permitiu.

De resto, a equipa desbaratou-se em jogadas individuais que a impediram de, cerca do final, obter o tão desejado empate.

Mag os visitantes asseguraram o resultado e também estiveram à beira de aumentar a vantagem.

A arbitragem de Salvador Garcia, sem deslizes de assinalar.

LUIS CORREIA

Força e querer — base da vitória do Luso sobre o Montijo

No campo da Quinta Pequena, no Barreiro, a equipa do Montijo, não conseguiu embaraçar a turma do Luso, lançada na conquista de pontos para se pôr a coberto de qualquer surpresa, que a relegasse para os «lugares perigosos».

A rivalidade existente, influída por demais no animo dos contendores, que, por bastas vezes, incorreram em faltas, delas resultando, até,

De Jornada a Jornada

ZONA NORTE

Resultados

Spt. Espinho-Sanjoanense	0-0 (1-4)
Salgueiros-Lusitano V.M.	4-1 (2-0)
Beira-Mar-Marinhense	2-0 (0-2)
Spt. Covilhã-Boavista	8-1 (1-2)
Spt. Braga-Leça	1-0 (0-1)
Famalicão-Oliveirense	4-1 (1-4)
Feirense-Vianense	6-1 (3-1)

Entre parêntesis, os resultados da 1.ª volta.

Classificações

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
COVILHÃ	18	14	2	2	41	9 30
Braga	18	13	1	4	41-19	27
Beira-Mar	18	11	3	4	34-14	25
Salgueiros	18	9	4	5	34-20	22
Feirense	18	9	2	7	39-26	20
Marinhense	18	7	6	5	35-22	20
Espinho	18	6	5	7	18-33	17
Famalicão	18	6	4	8	25-31	16
Boavista	18	4	7	7	26-41	15
Oliveirense	18	4	6	8	19-29	14
Leça	18	5	4	9	18-22	14
Sanjoanense	18	5	3	10	29-39	13
Vianense	18	5	2	11	21-44	12
Vildemoinhos	18	2	3	13	17-48	7

Factos salientes

A superioridade das equipas visitadas (nenhuma foi derrotada), compensada com 13 pontos contra 1. As robustas marcas obtidas pelos covilhanenses e feirenses. O empate imposto pela Sanjoanense ao Sporting de Espinho. O predomínio de desforras — nada menos de quatro. Terem obtido vitórias os cinco primeiros da tabela.

A próxima jornada

O campeonato prossegue no próximo domingo, com os encontros correspondentes à 19.ª jornada: Vianense-Sporting de Espinho (1-1); Sanjoanense-Salgueiros (1-6); Lusitano de Vildemoinhos-Beira-Mar (0-3); Marinhense-Sporting da Covilhã (0-1); Boavista-Sporting de Braga (3-3); Leça-Famalicão (3-2) e Oliveirense-Feirense (0-6).

ZONA SUL

Resultados

Atlético-Farense	3-3 (0-1)
Oriental-Alhandra	0-1 (0-1)
Portimonense-Sacavenense	1-1 (1-0)
Peniche-Torriense	1-1 (1-2)
Luso-Montijo	1-0 (0-2)
C. Piedade-Leões	2-0 (2-0)
D. Beja-Lusitano V. R.	5-1 (3-1)

Entre parêntesis, os resultados da 1.ª volta.

Classificações

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
PENICHE	18	10	4	4	36-21	24
Torriense	18	10	3	5	38-24	23
Alhandra	18	11	1	6	30-23	23
Portimonense	18	9	3	6	30-22	21
Oriental	18	8	4	6	23-18	20
Montijo	18	7	4	7	31-23	18
Farense	18	7	4	7	29-29	18
C. Piedade	18	6	6	6	27-18	18
Atlético	18	6	5	7	30-25	17
Luso	18	5	7	6	21-23	17
D. Beja	18	6	4	8	32-36	16
Leões	18	7	2	9	19-31	16
Sacavenense	18	3	5	10	19-40	11
Lus. V. R.	18	3	4	11	19-41	10

Factos salientes

O comportamento das equipas de Lisboa em frente de equipas da província, com realce para o Torriense (contra o «leão») e Sacavenense (contra o 4.º classificado), no campo dos adversários. A vitória do Alhandra em Marvila. A aproximação dos alhandrenses dos dois que o antecedem.

A próxima jornada

O campeonato prossegue no próximo domingo com os encontros correspondentes à 19.ª jornada:

Lusitano (V. R.)-Luso (1-1); Desportivo do Montijo-Portimonense (2-0); Sacavenense-Atlético (1-4); Sporting Farense-Cova da Piedade (0-0); Os Leões-Desportivo de Peniche (1-2); Torriense-Oriental (0-0) e Alhandra-Desportivo de Beja (3-2).

ZONA SUL

A sorte faltou ao Peniche

O Peniche, com a sua linha bastante alterada, por castigos impostos aos seus jogadores, no ultimo jogo, foi, mesmo assim, de longe, a melhor equipa no terreno, mostrando melhor técnica e maior capacidade. E só um lance fortuito, da franca infelicidade, do guarda-redes local, ditou um resultado, de certa maneira, injusto.

No primeiro tempo, conquanto o jogo se tenha repartido pelos dois meios campos, foi a baliza do Torriense que esteve mais vezes em perigo, não marcando os locais, apenas, por precipitação e nervos a mais.

No segundo tempo, os visitantes pretenderam defender o empate e acataram ainda mais a defesa. Mas, o Peniche, atacando sempre, acabou por marcar numa altura em que já há muito merecia o golo.

O Torriense só raramente conseguiu passar o meio campo e, mesmo assim, sem oferecer perigo para as redes de Balacó.

Jogo correctissimo, com a maior enchente de publico de todos os tempos.

No Peniche, destacaram-se Peres, Lido, Medeiros e Correia Dias. No Torriense, os melhores foram Humberto, José da Costa, Rodrigues e Carlos António.

A arbitragem, excelente, em autoridade e saber.

JOAO CONCEIÇÃO

Empate conseguido — objectivo alcançado

O Sporting Clube Farense deve ter vindo a Lisboa disposto a levar pontos para o Sul. Os seus repre-

sentantes poderão dizer: missão cumprida. Na verdade, mau grado a larga cópia de ataques dos alcantarenenses, estes, não conseguiram sobrepular o fio de jogo esclarecido e consistente dos «leões» algarvios. Os contra-ataques destes, desenvolvidos pela direita, por Braulio ou pela esquerda, por Bento, tiveram sempre um sinal de perigo e só a decisão e valentia de Vitor impediram que os farenenses chegassem ao intervalo a ganhar.

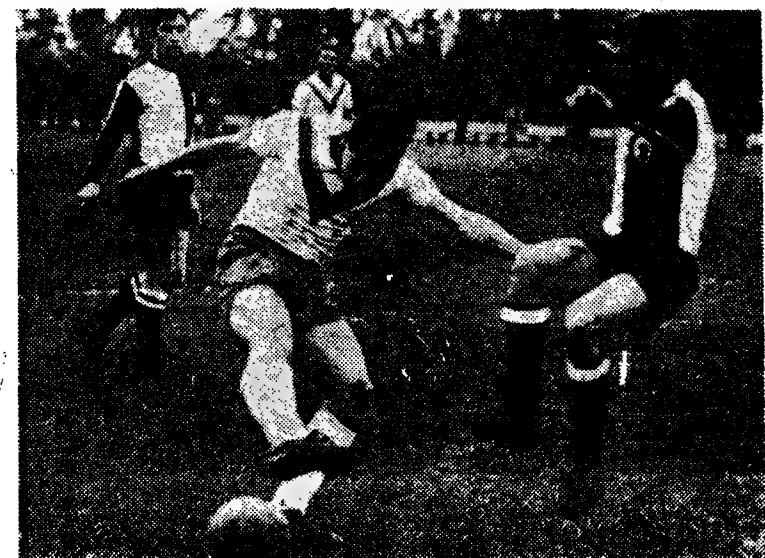
Dois rasgos de Marinho, que aproveitou, da melhor maneira, oportunos passes de Santos e Cravo, não impediram que, aproveitando as hesitações da defesa alcantarense, Marco, obtivesse os golos do empate em jogadas absolutamente identicas.

As facilidades de que desfrutou o ataque dos algarvios responderam os visitantes com uma marcação cerrada, que limitou os movimentos dos dianteiros alcantarenenses.

Só na segunda parte, a força física do Atlético lhe permitiu alguns movimentos envolventes, em velocidade, que só a boa organização da defesa algarvia impediu que se concretizassem no marcador, à excepção de uma lance muito bem finalizado por Cardoso.

Os farenenses não mereciam, na verdade, a derrota, pois o melhor futebol pertenceu-lhes. O Atlético não poderia, nunca, averbar um triunfo com um só atacante, um meio-campo pouco «arrumado» e uma defesa hesitante.

Reina foi a grande figura do desafio, controlando todo o jogo a meio campo. Acompanharam-no bem Rodrigues, Marco e Oscar. No Atlético, Marinho, em todo o en-



O Atlético ao ataque

(Continua na 7.ª página)

Foram «só» oito golos porque Torres esteve de férias...

(Continuação da 1.ª página)

estavam reflectidos no «placado». Mesmo meia dúzia de movimentos atacantes forasteiros, dois deles tocados de emoção por escoregadelas de Luciano, adquiriram uma importância quase nula em comparação com a rede de jogo benfiquista — malha que na segunda parte envolveu o Barreirense no seu meio-campo, conduzindo-o ao esgotamento completo. Foi a altura da defesa visitante abrir, dos seus jogadores chegarem atrasados ao corte, de serem apanhados com o pé no ar nas mudanças de jogo do ataque do Benfica, de não serem capazes de evitar que Eusébio e Yauca furassem até à cabeceira e terem o tempo necessário para fazer o passe medido. Nesta linha de manobra, verificaram-se duas exce-

lentes jogadas, entre outras: o 3.º golo, preparado por Eusébio com dribles em movimento e bola oferecida para o remate frontal de José Augusto; e um lance de Yauca, a vencer um por um os homens da barreira defensiva e a proporcionar a Torres um golo simples, mas falhado por inesperada precipitação. De resto, «obrigado» a marcar um golo a passe de Simões, Torres esteve lento e, por vezes, apático, impedindo aquilo que se costuma denominar por subida assustadora do marcador. A diferença de índice atlético entre as duas equipas era cada vez mais acentuada à medida que o jogo decorria, acabando a partida com os homens da outra margem quase a verem o jogo em que o Benfica se entretinha oferecendo ainda alguns pedaços de fulgor na cavalcada para as balizas.

Isto do Benfica oferecer pequenas vantagens, como é o caso da fraca exibição de Torres; das duas falhas de Costa Pereira, saindo da baliza para chutar bolas em que... não assertou, falhando os avançados do Barreirense o golo por lhes faltar «peito» para o último esforço; de Simões ter alguns períodos enervantes de «caixinha», foi largamente compensado por outros aspectos positivos, como é o caso de variedade de jogo e da velocidade de Yauca; da classe e da força de Eusébio; da mancha de conjunto que a certa altura se espalhou pelo terreno e nos deu a sugestão exacta da máquina que está a trabalhar em perfeitas condições, ora na viragem sagaz de jogo, ora no «um-ou» feito bem e depressa, ora na bola metida atrás da defesa para o companheiro que a irá buscar. E mais do que tudo isto, o recurso extraordinário da equipa, o trunfo a mais que tem na mão e que não há no baralho do campeo-

nato, está só ali: a facilidade de remate de todos os jogadores que, permanente ou ocasionalmente, têm funções atacantes. É o caso dos dois médios, Neto e Coluna, terem feito golos com pontapés fortíssimos, atirados de fora da grande área. O culto do remate é a grande realidade do Benfica, não importando saber para os seus homens se a baliza está a 10 ou 20 metros; os canhões fizeram-se para vencer a distancia. E metade dos golos de ontem foram tiros de canhão: dois de Eusébio, os citados de Neto e Coluna — todos para cá da zona onde muitas equipas ainda pensam magiar uma situação ofensiva...

Naturalmente, este Benfica-64 aparece no topo da tabela, gozando de uma liberdade que quase não é vigiada pelos seus mais directos competidores, apenas porque lhe sobram panos por ambas as mangas: a mistura de habilidade e força, o jeito e o poder de chegar ao golo, até o encontro de «forma» dos jogadores — o que dá ao quadro esta feição de carro de corrida entre carros utilitários. Até onde poderá render o motor, é o que nos dirá o período seguinte do campeonato, onde vão aparecer ao Benfica os «jogos de decisão» com as equipas mais adultas da prova. É um exame que chega muito a propósito, depois da capacidade manifestada frente às equipas menores — e depois dos alucinantes 73 golos marcados em 18 jogos, mais 27 do que o segundo melhor ataque, o do Vitória de Guimarães.

Desta fase a que poderemos chamar de treino, sem menosprezar os cordeiros trucidados pelo lobo da Luz (Olanense, Seixal, Barreirense), saiu-se a equipa do Benfica extremamente bem, não dando uma pequena oportunidade à gloriosa incerteza, antes acumulando golos que fazem uma montanha impressionante. E a mancha que fica, é de uma equipa aberta para o ataque, pelo chão, pelo ar, pela frente, pelos lados, sem complexos nem complicações, efectivamente um pouco de «outro campeonato», como disseram os homens da Académica. Mas não há nada de definitivo em futebol. E há-de ser (mocionante observar até onde pode chegar a equipa. Para já, o aviso é: atenção, Estádio das Antas!

DINIS MACHADO

A marcha do campeonato

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão atingiu ontem a 18.ª jornada, que encerrou o 2.º terço da mais importante prova do nosso futebol.

Recordando os resultados, temos:

Benfica-Barreirense	8-0 (4-2)
V. Setubal-Belenenses	2-2 (0-3)
Leixões-Sporting	0-0 (1-5)
Olanense-F. C. Porto	1-1 (0-3)
Varzim-V. Guimarães	4-5 (2-5)
Académica-Seixal	7-1 (1-0)
C. U. F.-Lusitano	2-1 (0-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos jogos da 1.ª volta, sendo fácil verificar que todas as equipas visitadas ficaram partido da circunstância de jogarem em casa.

Assim, o Benfica e a Académica, repetindo vitórias anteriores, lograram, contudo, marcas bem mais expressivas; o V. Setubal, o Leixões e o Olanense rectificaram para empates as derrotas da 5.ª jornada; o Varzim, sem poder evitar novo desaire, alcançou, no entanto, marca mais honrosa; e, porque os últimos serão os primeiros, guardámos para o fim o Desportivo da C. U. F., com a única desforra da jornada.

A 18.ª jornada fica assinalada pela



Neto marca mais um golo para o Benfica

O ATLÉTICO VAI ACABAR?

(Continuação da 1.ª página)

mendigar aos directores que continuem» quase os obrigando a que fiquem nos seus postos até que apareçam uns senhores que o queiram dirigir.

Na sua vibrante exortação, que não ocultou, porém, a má-qua (a maior) de um desportista de 41 anos de actividade, acrescentou:

«Não será preciso dizer que neste momento o nosso coração está a sangrar de vergonha por ver que este clube — de tão gloriosas tradições, que arrastou atrás de si milhares de almas, resultado duma fusão que quando feita interessou pessoas ilustres, tão dignas, dirigentes

tão bons que todos nós confiamos viriam dar todo o seu entusiasmo, a sua inteligência e o seu valor ao serviço do Atlético — não tem ninguém para o servir, que queira trabalhar...»

O perseverante dirigente, que teve de invocar o art.º 76.º dos estatutos para compulsa a direcção a prosseguir o seu mandato até serem empossados os seus legítimos sucessores (quem serão e quando serão descobertos?), salvou, no passado dia 13, o Atlético de conhecer uma situação bastante comprometedora, susceptível, porventura, de confirmar as previsões que admitem, inclusivamente, a extinção da colectividade, reconhecido o gradual desinteresse dos associados e das suas figuras mais representativas.

Sendo, portanto, evidente a crise do Atlético — um reflexo, afinal, da crise que caracteriza o desporto português na actualidade, sobretudo quando está em causa o profissionalismo —, descia-se, apenas, que Alcântara despercia da sua letargia e, com energia, se reunia em volta do seu Atlético por forma a conduzi-lo à posição de que todos já se orgulharam e que, se quisessem, podê facilmente ser reconquistada.

O clube tem, nas suas fileiras, homens de valor capazes de transformar a pergunta «O Atlético vai acabar?» na categórica afirmação «O Atlético há-de perdurar».

Mãos à obra, alcantarenses.

Em estágio os futebolistas militares

Entram hoje à noite em regime de estágio, nas instalações da Quinta da Graça do I. N. E. F., os componentes da selecção militar de futebol que no dia 26, às 21 e 45, no Estádio do Restelo, defronta a do Luxemburgo. Foram convocados os seguintes jogadores: Rui, Vítor, Rodrigues, Atraca, Pedro Gomes, Jaime Graça, Ribeiro, José Carlos, Jacinto, Simões, Eusébio, Carlos Manuel, Pinto, Ferreira Pinto, Nóbrega, Quim, Mitó, Jaime, Pedras e Peres.

Os representantes da Imprensa reunir-se-ão com os responsáveis da selecção militar, depois de amanhã, nas instalações do I. N. E. F.

MARCADORES 5 GOLOS VANTAGEM DE EUSÉBIO SOBRE OS SEGUNDOS CLASSIFICADOS

Três jogadores marcaram ontem, no «Nacional» da 1.ª Divisão, três golos. Foram eles: Eusébio, do Benfica, Gaio e Torres, da Académica. Acontece, porém, que o último fez dois tentos a favor do seu clube e um contra.

Seguiram-se-lhes, com dois golos, Ferreira Pinto (C. U. F.) e Mendes (Guimarães).

Como todos eles, com excepção do moçambicano, se encontram afastados dos primeiros lugares, Eusébio melhorou a sua posição na classificação geral, que, ora, está assim ordenada:

Eusébio (Benfica)	20
Yauca (Benfica)	15
Figueiredo (Sporting)	15
Torres (Benfica)	13
Teodoro (Guimarães)	12
Rodrigo (Guimarães)	12
Fernando (Varzim)	10
Nóbrega (F. C. Porto)	9
Carlos Manuel (Setubal)	9

Os tentos de cada equipa

BENFICA (73) — Eusébio (20), Yauca (15), Torres (13), Santana (7), Serafim (5), José Augusto (4), Simões (3), Coluna (3), Neto (2) e Pedras.

F. C. PORTO (38) — Nóbrega (9), Jaime (8), Valdir (7), Carlos Duarte (4), Azmir (3), Romeu (2), Hernani (2), Joaquim Jorge (2) e Carlos Baptista.

SPORTING (38) — Figueiredo (15), Mascarenhas (6), Morais (6), Osvlado Silva (4), Bé (3), Lucio (3) e Augusto.

GUIMARÃES (46) — Teodoro (12), Rodrigo (12), Peres (7), Mendes (6), Caigara (5), Paulino (3) e Armando.

Em MOSCAVIDE o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO, Av. de Moscavide, 23.

BELICENSES (35) — Peres (8), Felizinho (6), Godinho (6), Adelinho (5), Palico (3), Alberto Luis (2), Angeja, Abdul, Virgílio, João Carlos e Paixão (Lusitano), nas próprias redes.

C. U. F. (28) — Vieira Dias (6), Medeiros (5), Ferreira Pinto (5), Mário João (3), Arnaldo (3), Durand, Madeira, Uria, Vasconcelos, Assis e Canário (Barreirense), nas próprias redes.

V. SETUBAL (33) — Carlos Manuel (9), José Maria (7), Quim (6), Teixeira (5), Serafim, Mateus, Herculanio, Jaime Graça, Morato e Filhó (Olanense), nas próprias redes.

ACADÉMICA (29) — Oliveira Duarte (5), Gaio (5), Lourenço (4), Manuel Duarte (3), Almeida (3), Torres (3), Rocha (2), Teixeira (2) e Rui Rodrigues (2).

LEIXÕES (21) — Esteves (6), Soares (4), Ventura (3), Wagner (3), Abraão (2), Oliveira, Silva e Veiga.

VARZIM (25) — Fernando (10), Noé (7), Salvador (3), Pacheco (2), Jorge (2) e Rogério.

LUSITANO (17) — Coró (4), Caraca (3), Indio (3), José Pedro (3), Coutinho, Serranito, Lima e Américo (Académica), nas próprias redes.

SEIXAL (19) — Necas (6), José Carlos (5), Feijão (3), Carvalho (2), Carda, Alfredo e Torres (Académica), nas próprias redes.

BARREIRENSE (17) — Garrido (4), Testas (4), Ludovico (3), Costa (3), Madeira, Canário e Faneca.

OLHANENSE (10) — Campos (2), Madeira (2), Gaúcho (2), Saldanha, Reina, Parra e Artur (Guimarães), nas próprias redes.

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	9	8	1	—	47-6	17	9	7	1	1	26-11	15	18	15	2	1	73-17	32
F. C. Porto	8	7	1	—	21-5	15	10	4	4	2	17-10	12	18	11	5	2	38-15	27
Sporting	9	7	1	1	26-7	15	9	3	4	2	12-10	10	18	10	5	3	38-17	25
V. Guimarães	9	7	2	—	29-10	16	9	4	—	5	17-19	8	18	11	2	5	46-29	24
Belenenses	8	5	2	1	18-7	12	10	5	2	3	17-14	12	18	10	4	4	35-21	24
C. U. F.	10	7	2	1	24-12	16	8	—	4	4	4-12	4	18	7	6	5	28-24	20
V. Setubal	9	6	1	2	22-13	13	9	2	3	4	11-20	7	18	8	4	6	33-30	20
Académica	9	7	—	2	21-11	14	9	1	3	5	8-19	5	18	8	3	7	29-30	19
Leixões	10	4	5	1	15-6	13	8	1	—	7	6-24	2	18	5	5	8	21-30	15
Varzim	10	3	3	4	17-18	9	8	3	—	5	8-18	6	18	6	3	9	25-36	15
Lusitano	9	3	2	4	10-15	8	9	1	1	7	7-21	3	18	4	3	11	17-36	11
Seixal	9	1	2	6	11-18	4	9	1	2	6	8-33	4	18	2	4	12	19-51	8
Barreirense	8	1	1	6	7-17	3	10	2	—	8	10-33	4	18	3	1	14	17-50	7
Olanense	9	—	3	6	4-15	3	9	—	2	7	6-28	2	18	—	5	13	10-43	5

As nossas estrelas



Rodrigo (Guimarães), Reina (Olhanense), Nóbrega (F. C. Porto) e Campos (Académica).



Yauca e Eusebio (Benfica), Fonseca e Salvador (Varzim), Jaime Graça (Setúbal), Vicente (Belenenses), Rosas (Leixões), Carvalho (Sporting), Alexandrino (Olhanense) e Rolando (F. C. Porto).



Neto, Coluna, Simões e José Augusto (Benfica), Rogério, Fernando, Jorge e Isidro (Varzim), Calçara e Mendes (Guimarães), Carlos Manuel (Setúbal), Nascimento (Belenenses), Ferreira Pinto, Arnaldo e Medeiros (C. U. F.), Falé, Coutinho e Caraca (Lusitano), Geraldinho e Wagner (Leixões), Pedro Gomes, José Carlos, A. Baptista e Mascarenhas (Sporting), Espírito Santo (Olhanense), Hernani (F. C. Porto), Piscas e Zeca (Académica).



Os setubalenses ao ataque, vendo-se Vicente a «tapar» as suas balizas

OS «SPRINTERS» SADINOS E OS FUNDISTAS BELENENSES

Foi curioso o encontro de Setúbal — brilhante no primeiro tempo — do acerto do Vitória e emocionante na segunda parte devido à reacção do Belenenses.

Os sadinos não fizeram segredo da sua urgência em tomar um avanço que os prevenisse para o resto da partida. Como os «sprinters» no atletismo saem disparados, dos tacos, assim os setubalenses embalarão rumo à baliza de Nas-

cimento, ávidos de surpreender o adversário. E tudo fizeram por isso.

Sob a regência de Jaime Graça, todo o conjunto visitado empreendeu um labor uniformemente rápido, sagaz e decidido. Carrico e Hercúlo acompanhavam condignamente o irmão de Emídio, e, na frente, C. Manuel e Quim, codicilosos e inquietos, em demarcações constantes, imprimiam um ritmo insustentável à partida.

Enquanto o Vitória corria e insistia, o Belenenses andava e assistia. O peso do jogo caiu sobre a asseverada defesa «azul», onde Vicente se agigantava prodigiosamente para equilibrar o barco.

Melhor do que nós falamos os números: dois golos, dois remates na madeira, duas intervenções «in extremis» de Vicente e duas grandes defesas de Nascimento. No meio-campo contrário, os acontecimentos conheciam faceta diferente. A inexperiência de João Carlos juntava-se a contraproducente toada de jogo adoptada pelos restantes companheiros, sem atinarem com o momento adequado do passe ou com a imprescindível conjugação de esforços.

O Vitória tomara conta do jogo, sem que o Belenenses discutisse, com argumentos válidos, a sua supremacia.

Mas qualquer bela tem senão e não há medalha sem duas faces. Os locais tinham dado tudo por tudo e o Belenenses, não...

Quando os «onzes» regressaram dos vestiários haviam sofrido uma autêntica

(Continua na 6.ª página)



Medeiros e Ferreira Pinto em acção contra a defesa do Lusitano

Os golos fizeram negações aos dianteiros da C. U. F.

Um «team» esteve sempre em melhor plano de jogo, com maior clarividência, especialmente até ao intervalo — a C. U. F. — E foi precisamente nessa metade do encontro que os golos não surgiram, que se manteve o 0-0, como que a desdizer, teimosa e injustamente, a valia do grupo local, a sua clara ascendência sobre o adversário.

A realidade, no entanto, é que sem produzirem um verdadeiro tratado de futebol, os cufistas, nesses quarenta e cinco minutos, souberam situar-se no terreno agarrar a bola, baixar o jogo, cruzar o passe, forçar a nota, puxar os cordelinhos, mas não fazer o mais fácil — marcar tentos.

Com um dispositivo de defesa ligado, com sorte e renunciando à ofensiva, até porque lhes era vedado o caminho da baliza pela acção dos elementos fabris e pelo peso do ataque operário, os eboreses puderam, como que por felicidade, recolher aos balneários, para descansar, sem haverem sofrido um único golo, de tantos que estiveram à vista, alguns até parecendo incríveis que não passassem a meta.

A todos os avançados locais couberam as oportunidades que se foram perdendo, mas Medeiros, Arnaldo e Madeira foram as vítimas das maiores negações.

Sómente, nos oito minutos iniciais, em que ambos os grupos perderam óptimos ensejos de abrir o activo — primeiro Arnaldo, pela Cuf; e, depois, Faustino, pelo Lusitano — se poderá atribuir certa igualdade no desdobinar das operações, para a seguir a Cuf tomar o comando, impor-se com clareza e rematar, com frequência, a baliza de Vital, que se viu muitas vezes substituído, entre os postes, pelos seus companheiros. Outras vezes, o guarda-redes visitante foi favorecido pelo remate à figura, quando não parecia nada difícil desviar a bola do seu alcance.

O Lusitano esteve, porém, bastante animoso e não se remeteu, deliberadamente, à defesa, como já o temos visto, sempre à espreita da possibilidade do contra-ataque. Organizou-se em fugazes períodos, mas foi inofensivo na criação do perigo para as redes confiadas a José Maria, salvo naquela jogada de começo, em que Faustino, de cabeça, esteve à beira do êxito. Mas, anote-se a incompreensível tendência dos visitantes para carrilar as jogadas pelo lado direito, onde todos os dianteiros acorriam, deixando um vazio enorme, no lado oposto.

Após o recomeço, animado pelo resultado obtido até aí, os alente-

janos fizeram jogo mais incisivo, recuperaram energias e abalaram a supremacia do adversário, que só logrou marcar o primeiro golo, aos 58 minutos, aproveitando uma falha de Vital, que, não conseguindo segurar a bola, por alto, a deixou ao alcance de Ferreira Pinto, livre de opositores. Este jogador, depois de, à beira do último quarto de hora, José Pedro ter igualado o marcador, em lance rápido e desenvolto, pôde fazer um tento de lei, com um remate forte e a razar o poste, dos que batem qualquer guarda-redes, sem apanhar, nem agravar.

A Cuf na segunda parte, não deu o rendimento da primeira, porque o Lusitano soube sustentar luta ofensiva, com sentido de penetração, e, servindo-se da velocidade, salientando-se dois homens a batalhar esforçadamente — Caraca, recuado; e Coutinho, na frente — aos quais não negaram auxílio entusiástico José Pedro, Faustino e Serranito.

Os fabris, acentue-se, entretanto, vencendo pela escassa margem de um golo, não tiveram, a seu favor, a sorte do jogo, no capítulo da conclusão. Três golos de diferença não seriam demais.

(Continua na 6.ª página)

UMA PRETE TIROU A V

(Continuação da 1.ª página)

quando Marçal e Wagner, com manifesto enfraquecimento do sector ofensivo.

O Sporting, mercê disso, tinha podido crescer e dar a sensação de vir a assonhar-se do comando absoluto do jogo. Os seus dianteiros não haviam atinado com o processo mais

prático para Rosas estava continuamente se acerta, ta

A saída de Rosas, havendo hora para jo a explorar p pois o Leixõ ticamente, co dez, não pod ca em Wagn Rosas.

De nada, a -branca) foi e temos de mo, que o r não lhe deia ações, até p ram, contra lhes concedo serem derro

O Sporting te, como pod pa à deriva batida pelo demonstrou, mação de ca fundo técnico da bola e n



Figueiredo conduz a bola, tendo próximo de si, dois companheiros: Mascarenhas e Osvaldo

A sorte continua a ne à equipa do Olha

Com domínio quase absoluto, durante grande parte da partida, o Olhanense actuou com desembaraço, energia e esforçado espírito de luta, não se intimidando surpreendentemente ante um adversário reconhecido como técnico e fisicamente superior, em especial num terreno transformado em charco, pelas chuvas da noite e parte da manhã.

O estado do campo prejudicou, como é natural, as duas equipas, mais, naturalmente a nortenha, por estar habituada ao terreno relvado. No entanto, é de considerar que, por seu turno, os jogadores do F. C. Porto, evidenciando melhor preparação atlética, tiraram vantagem na luta contra adversários de menos peso e envergadura física.

Como quer que seja, os algarvios chamaram a si maior porção de lances de ataque e desperdiçaram as melhores ocasiões de marcar, nomeadamente Gancho, que por duas vezes teve o golo do triunfo à mercê, desaproveitando-as de maneira assombrosa.

Quer dizer: os portuenses conquistaram o empate, mas a sorte do jogo esteve pelo seu lado.

Os olhanenses mais rápidos e espontâneos ao ataque, mais oportunos e expeditos nas antecipações, criaram várias oportunidades soberanas de golo, que só a fatalidade não deixou transformar.

Demonstrando vontade e esforços sobrehumanos para se libertar do último posto, o Olhanense actuou

de molde a satisfazer o seu publico, batendo-se até com verdadeiro estoicismo.

Naturalmente, o F. C. Porto ressentiu-se do mau estado do terreno, transformado em lodaçal. Apesar à custa de muita força podia deslocar-se o esférico, mas, mesmo assim, os locais tiveram nítida vantagem.

O F. C. Porto não conseguiu a oportunidade de mostrar o que vale, notando-se, no entanto, a óptima execução por parte de Nóbrega, Arcanjo, Rolando e Valdir, aliás os mais esforçados.

A actuação de Almeida desgostou o publico e até o árbitro, que por duas vezes, o repreendeu. E em boa verdade, Joaquim Campos

deixou pas graves aos te quando G mate, se vi fuma, falta uma grande

Ao fim e falta de s vito, pois o ao decorrer

Nos locais andrino, R rito Santo.

O Bétis venceu o Real Madrid (1-0)

MADRID, 17 — Resultados da 21.ª jornada do campeonato espanhol: Valladolid-Barcelona, 2-0; Saragoça-Sevilha, 0-0; Atlético de Madrid-Levante, 4-0; Murcia-Oviedo, 1-0; Pontevedra-Atlético de Bilbao, 2-0; Valencia-Elche, 1-0; Bétis-Real Madrid, 1-0, e Espanhol-Cordeva, 2-0.

Classificação: Real Madrid, 31 pontos; Barcelona, 30; Bétis, 27; Elche, 26; Saragoça, 25; Sevilha e Murcia, 21; Atlético de Bilbao e Levante, 20; Atlético de Madrid, 19; Valencia, 18; Cordova e Pontevedra, 17; Espanhol e Oviedo, 15, e Valladolid, 12. — (A. N. I.).

A inauguração do Centro de Estágio dos Jogadores do Sporting

Na próxima quinta-feira, às 18 horas, o Sporting procederá à inauguração oficial do seu centro de estágio para jogadores, no Estádio de Alvalade. Trata-se de uma obra magnífica, bem à altura do prestígio de que desfruta o grande clube.

Futebol sul-americano

BOGOTÁ, 17. — O River Plate venceu, por 2-0, o Santa Fé. — (A. N. I.).

CALI (Colômbia), 17. — Ontem, o Flamengo venceu o América, por 4-0. — (A. N. I.).



O 5.º golo do Guimarães, apontado p

PRETENZA IRREGULARIDADE U A VITÓRIA AO SPORTING E PREJUDICOU O JOGO

(página)
er, com ma-
do sector

so, tinha po-
sensação de
mando abso-
anteiros não
rocesso mais



os: Mas-

prático para atingir as redes, mas essas tiveram, por re-
Rosas estava a ser bombardeado
continuamente e, mesmo quando não
se acerta, tantas vezes vai o cântaro
à fonte, que uma vez lá fica.

A saída do guarda-redes matosi-
nhense, havendo ainda quase meia
hora para jogar, era mais uma falha
a explorar pelo grupo de Alvalade,
pois o Leixões, além de ficar, prá-
ticamente, com nove homens contra
dez, não podia ter a mesma confian-
ça em Wagner, como substituto de
Rosas.

De nada, afinal, a equipa «verde-
branca» foi capaz de tirar partido,
e temos de concluir, por isso mes-
mo, que o resultado — a igualdade —
não lhe deixa margem para lamen-
tações, até porque a forma abnega-
da por que os leixõesenses se bate-
ram, contra todas as contrariedades,
lhes concedeu pleno direito a não
serem derrotados.

O Sporting, se não foi inteiramen-
te, como poderia supor-se, uma equi-
pa à deriva, aportando a Leixões,
batida pelo temporal, também não
demonstrou, longe disso, uma afir-
mação de capacidade. O seu melhor
fundo técnico foi visível no toque
da bola e no desenho de certas jo-

gra, um cunho de pouca objectiva-
de, que as condenou ao insucesso.

Num terreno ensopado e com a
bola escorregadia, houve toques a
mais, lateralidade comprometedor
e muita falta de personalidade co-
lectiva. Perdes e Mendes não tive-
ram a desenvoltura precisa na orga-
nização ofensiva; e, na frente, Os-
valdo teve rasgos dispersos; Figuei-
redo não se impôs; e Morais foi fra-
co. Mascarenhas agitou o jogo à sua
volta, e certo, mas esteve infeliz no
remate, a ponto de ter perdido o
próprio golo, que marcou. A defesa
foi o compartimento mais certo, com
Carvalho seguro; Pedro Gomes e
José Carlos, ligeiros e decididos; e
Alexandre Baptista e Hilário, regu-
lares. Mas o sistema de ataque do
grupo de Matosinhos, com lançamen-
tos longos, chegou a causar embar-
ços e só não provocou autênticos
prejuízos porque os dianteiros locais
remataram, quase sempre, mal. O
contraste chegou a ser curioso. O

Leixões adoptou, deliberadamente, o
processo de atirar a bola para a
frente, a solicitar a infiltração dos
dianteiros, em corrida, e, nessa sim-
plicidade de maneiras, que o estado
do terreno e as características dos
jogadores locais aconselhavam, con-
seguiu criar situações bastantes para
comprometer todas as aspirações
sportingistas. Valeu aos «leões» a
maior velocidade dos elementos mais
jovens da sua defesa e a falta de
pontaria dos homens da casa.

Oliveira, Soares e Abraão foram
os mais negativos nesse aspecto.
Wagner e Bené procuraram ordenar
o jogo, em grande êxito, e, atrás,
Rosas, enquanto jogou, foi a figura
principal seguida de Giralzinho e
Raul.

Tudo se foi por água abaixo, aos
sessenta e dois minutos. Daí por
diante, foi apenas o debater com um
naufração e, vá lá, que se atingiu o
porto de salvamento, sem maiores
consequências...

ALBERTO LOBO

20 minutos fulgurantes

Como se previa, a Académica
não encontrou quaisquer dificulda-
des diante de combativa equipa do
Seixal, que apesar de se apresen-
tar, em toda a partida, com um
sistema puramente defensivo
(4x3x3), não pôde evitar o de-
saíre.

Para tanto, não necessitaram, po-
rém, os visitantes de imprimir ve-
locidade ao jogo, ainda que o pri-
meiro tento tardasse em aparecer,
pois só quando iam decorridos 35
minutos, Gaio, aproveitando um
passe de Lourenço, abriu o marcador.

Os estudantes, já senhores do jo-
go, confiantes, empertigaram-se,
criando, então, sérios problemas à
defesa e meia-defesa visitante.

Apesar de tudo, os briosos atle-
tas seixalenses lutavam sempre, no
seu inconformismo, complicado,
nervosismo e destrambelhado, en-
controu pela frente uma equipa
calma, lúcida e, sobretudo, superior
em todos os aspectos.

O segundo golo, que apareceu

da Académica
destroçaram

os seixalenses

quando o árbitro se preparava para
assinalar o intervalo — um passe
de bandeja de Campos, para Olivei-
ra Duarte rematar com êxito, era
mais um golpe nas esperanças dos
visitantes.

O segundo tempo começou tam-
co acabara a primeira parte. Cam-
pos, dessa vez, serviu Gaio e este
fez 3-0.

Teriam início aqui os vinte mi-
nutos fulgurantes da Académica,
que destroçaram completamente a
equipa do Seixal. Com a bola beij-
ando a relva, os estudantes dese-
nharam, então, excelentes jogadas
de ataque, com triangulações per-
feitas e cheias de intencionalidade,
normalmente organizadas e condu-
zidas por Campos que, vagabun-
deando por quase todo o rec-
tângulo, deliciou o público com
uma bela exibição.

O marcador subiu, assim, com
toda a naturalidade. Aos 6 minutos,
Rui Rodrigues fez 4-0; aos 12, Tor-
res elevou para 5-0; e Gaio, aos 15
minutos, fazia o sexto tento.

No entanto, o melhor período da
partida acabaria ainda com mais
um golo, desta vez por Torres, mas
na sua própria baliza.

Os estudantes ainda voltariam a
marcar, através de uma grande pe-
nalidade, que Torres transformou.

A exibição dos vencedores, algo
irregular nos primeiros quarenta e
cinco minutos, em que as jogadas,
bem urdidas alternaram com lan-
ces fúteis, complicados e mal fina-
lizados, tomou maior proporção nos
vinte minutos iniciais do segundo
tempo em que, realmente, a equi-
pa, jogando com brilho e eficácia,
destroçou completamente toda a
resistência seixalense.

Campos cotou-se como o melhor
jogador sobre o terreno, e quase

a a negar-se o Olhanense

seu publico.

deixou passar em branco faltas
graves aos visitantes, especialmen-
te quando Gancho ao tentar um re-
mate, se viu segurado por um de-
fesa, falta claramente punível com
uma grande penalidade.

Ao fim e ao cabo manteve-se a
falta de sorte, adversa aos algar-
vios, pois o resultado não se ajusta
ao decorrer da partida.

Nos locais, distinguiram-se Ale-
andrino, Reina, Saldanha e Espí-
rito Santo. Arbitragem aceitável.

PEDRO MARTINS



Américo, guarda-redes do Porto, «estira-se» para apanhar a bola

(Continua na 6.ª página)

«Chuva» de golos na Póvoa de Varzim

O jogo Varzim-Vitória de Guimaraes assinalou-se mais pela emoti-
vidade do que pela técnica.

Tudo feito em velocidade, com
bola jogada por alto, a solicitar o
choque do adversário, foi duro sem
ser violento.

Grupos de sistemas idênticos, ao
jeito de franco ataque e com de-
fesa aberta proporcionaram á gran-
de assistência, uma partida de
campeonato voluntariosa, cheia de
despique, fazendo com que, de mo-

mento a momento, o marcador os-
cilasse, uma autêntica dança de
números, facto revelador do equi-
líbrio da partida.

Venceu o Guimarães, como pode-
riam ter vencido os povereiros. E,
em qualquer das hipóteses, o re-
sultado estaria certo.

Os primeiros a marcar foram os
visitantes, mas essa vantagem não
lhes deu qualquer ascendente so-

(Continua na 6.ª página)

do Guimarães, apontado por Teodoro

7 dias em revista

Texto de Henrique Parreirão

Ilustração de Pargana

CHEGADAS NO «DIA DAS PARTIDAS»...



DIA 10 — Segunda-feira de Carnaval. Neste
dia tão propício às partidas... não partiu nin-
guém. Não houve, portanto, partidas, só há a
registrar chegadas. A dos atletas que participa-
ram no «Cross» de Madrid — o Aldegalega e o
Dias Santos — e a dos «naufraques e sobreviventes»
da Volta a Andalúzia, em bicicleta.

Os que correram a pé saíram-se muito bem,
agora os outros, quando chegou a hora de cor-
rer a sério, mais parecia que navegavam de
barco, em dia de tempestade do que andavam
em cima da bicicleta. Como em quase todas as
tormentas, houve os naufragados e os sobre-
vivos.

PARTIDOS NO «DIA DAS PARTIDAS»

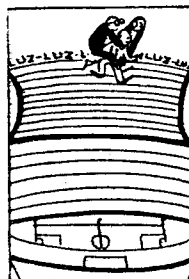
Dia 11 — Terça-feira gorda. Também não
houve partidas. Mas... revelou-se a existência
de partidos em vários clubes. Que grande par-
tida esta a dos partidos nalguns clubes em vés-
peras de eleições.

No Belenenses também há dois partidos: o
dos que se conformam com a sorte da sua equi-
pa de futebol e o dos que não se conformam
com sorte alguma.

No Benfica — com mais possibilidades de que
qualquer outro clube — há dois partidos e três
nomes indicados para futuros presidentes...
Aqui há fartura... como no Julio... delas.



O «TERCEIRO HOMEM»



DIA 12 — Isto de não haver fome que não
dê em fartura tem, realmente, muita validade,
no momento presente, no Benfica. Depois de
dois Vieiras de Brito — qual deles o mais po-
deroso em metal sonante — surge um terceiro
candidato à presidência do clube.

Porque é que um dos eliminados não vai para
o Atlético, que não encontre ninguém?

O Benfica, que já tinha o terceiro anel no Es-
tádio da Luz, tem agora o terceiro homem nas
eleições. Já é uma ideia fixa...

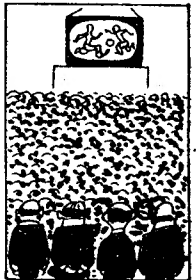
QUE «PARTIDO»!...

DIA 13 — Quinta-feira de Cinzas. Para com-
pensar a pobreza de muito desafio de futebol
a que nos habituámos a assistir... a TV, atra-
vés da Eurovisão, permitiu-nos ver um encon-
tro de futebol recheado de interesse, beleza e
emoção.

O interesse — para nós — residia, principal-
mente, na «vingança» que «nossos herman-
cos» de Madrid poderiam impor aos ilustres ven-
cedores do Benfica no ano passado.

A emoção esteve no excessivo entusiasmo e
no que daí resultou ao longo da partida.

E a beleza é que se resumiu aquela velha
frase empregada pelos espanhóis: «Que parti-
do!»...



MAIS QUE DURA DURA



DIA 14 — Uma entrevista de matar. Since-
ridade? Talvez. Mas, talvez também inconve-
niente ou fora do seu lugar. O assunto em ques-
tão teria todo o cabimento na assembleia geral
do Belenenses. Fora dela... não. Há que saber
destrinçar o que deve ser de domínio público
e o que é de interesse privado.

Em todo o caso é de respeitar e admirar
— quando quase toda a gente foge a falar ou
quando fala diz o menos possível... — o desas-
sombro de certas afirmações de um homem
que mais do que duro foi Durão...

COME QUE DE EM FARTURA

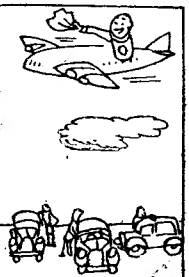
DIA 15 — Se para uns — nas vésperas de
eleições — a dificuldade é escolher, para ou-
tros, o difícil é encontrar quem queira um lugar
na presidência... Sim, porque atrás de um ou-
tro «cairão». E como as cerejas...

Já se sabe que o primeiro exemplo de abun-
dância, de dificuldade de escolher, tem como
«patronos» o Benfica — e o segundo, difícil en-
contrar presidente, diz respeito, principalmen-
te, ao Atlético.

Se num há fartura (de dirigentes) é noutro
fome (idem, idem) porque é que para os alcan-
tarenses não há fome que dê em fartura?...



OS «EMPATAS»...



DIA 16 — O Benfica é cada vez mais campeão
graças aos empates. Com os resultados de Olhão,
Matosinhos e Setúbal, os seus principais com-
petidores — que eram, precisamente, os visi-
tantes daqueles campos — ficaram a mais um
ponto de distância.

E agora parece que é a altura de dizer adeus,
pois já ninguém deve alcançar o Benfica, que
viaja a jacto em direcção ao título, enquanto
os outros seguem de automóvel e de vez em
quando (mais quando do que vez) furam...

Varzim-Guimarães

bre o adversário, que breve repôs a igualdade, para depois voltar a ser ultrapassado e novamente batido em alternados lances e, de tal modo que, ao atingir-se o intervalo com a marca de 3-2, a favor dos visitantes, ninguém era capaz de conscientemente, vaticinar o vencedor.

Os golos sofridos de um e do outro lado, estiveram mais na base da má actuação dos guarda-redes do que na técnica dos lances das linhas dianteiras. E quanto ao grupo local, na manifesta inexperience de Giesteira, um novo que veio substituir Justino, definitivamente afastado da prova, por circunstâncias estranhas ao clube, e que ontem teve comportamento mediocre, consentindo bolas que outro, com um pouco de experiencia, evitaria.

Na segunda parte, o equilíbrio manteve-se, os golos continuaram a alternar-se, ora a favor de um, ora do outro grupo, com mais felicidade para o Vitória, que, tendo-se apercebido da inexperience e indecisão do guarda-redes poveiro, passou a atirar de qualquer modo, de qualquer angulo, sobre a baliza adversária, a ponto de ter conseguido uma vantagem de duas bolas, que Salvador, no ultimo minuto, reduziu para 4-5, marca final do encontro.

No Vitória, embora o numero de golos possa levar a concluir que a linha avançada foi a mais apetrechada, tal conceito é erroneo, pois o seu exito residiu todo na sua bem escalonada defesa, onde Caçara, Freitas e João da Costa foram elementos valiosos.

Há, no entanto, que distinguir Rodrigo com nota alta; Mendes e Peres.

No Varzim, o rendimento da equipa, embora sempre activa e afoita, esteve abaixo do normal, pela perda de Justino e pela falta de uma das pedras basilares da defesa, assim como o argentino Pacheco, ambos lesionados.

A arbitragem foi optima, das melhores — se não a melhor — até hoje aqui realizadas.

AMÉRICO GRAÇA

C. U. F.-Lusitano

O quinteto avançado, mórmente Arnaldo, Moreira, Madeira e Ferreira Pinto estiveram bem; assim como nos sectores recuados, Vieira Dias e Abalroado.

Dos eborenses, juntam-se aos dianteiros já referidos, Palé, Mitó, Teotónio e Vital como os melhores.

A arbitragem de Fernando Martins, de Lisboa, que pela primeira

CADEIA PENITENCIARIA DE LISBOA

Encontra-se aberto concurso publico para o fornecimento de sabão, durante o corrente ano.

As condições estão patentes na Secção do Economato da Cadeia.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

CADEIA PENITENCIARIA DE LISBOA

Encontra-se aberto concurso publico para o fornecimento de papéis, cartolinas e envelopes.

As condições estão patentes na Secção do Economato da Cadeia.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

vez actuou em jogos da Divisão maior, merece, francamente, boa nota. Activo, diligente e muito atento ás jogadas intencionais, soube puni-las, e impor autoridade, embora a lei da vantagem não o tivesse preocupado muito, beneficiando, por vezes, o infractor.

JOÃO DIAS

Setúbal-Belenenses

metamorfose. O Vitória preparava-se para viver da vantagem e os «azuis» terão pensado que, afinal, os sadios estavam ali perto, a dois golos...

Reparadas as brechas no sector defensivo — que diferente estiveram Abdul e os laterais, aberta a frente de ataque como ainda não apparecera, mais poderosa e conservada, a turma de Belém apressou-se para o volte-face. E a obtenção de um tento logo após o recomeço assemelhou-se a um tónico.

A resistência conhecia a sua hora. Homens como Alberto Luis e Peres passaram a dar ordens em assuntos onde ainda não tinham tido a palavra. E certo que os visitados não renunciaram, mas a força dos contrários, muito mais intacta, impunha-se, agora, com frequência.

Num lance que constituiu réplica quase exacta do segundo golo dos vitorianos, o Belenenses colocou-se a par dos adversários.

A perspectiva de perder um desafio que tivera no bolso, sobressaltou o grupo de Setúbal, inconformado com a divisão dos pontos. Mas o Belenenses, embora, então, também ressentido do desgaste a que fora obrigado, encontrara a serenidade e não cedia terreno.

Os «azuis», com fôlego de fundistas, souberam recorrer a esse trunfo para obstar á derrota que se desenhara. O modo resolutivo como encaram a possibilidade de se impor justifica encômios e, até certo ponto, o empate.

Evidenciaram-se Jaime Graça, C. Manuel e Bento, no Vitória; Vicente, Nascimento e Abdul (na segunda parte), no Belenenses.

Acceptável arbitragem de Samuel Abreu.

FRANCISCO CAMILO

Académica-Seixal

todos os golos tiveram a sua colaboração. Excelente partida de Piscas e Zeca. Gaio, apesar de ter feito 3 golos, não foi brilhante. Como nota curiosa há a assinalar três tentos obtidos pelo defesa escolar Torres — dois de grande penalidade; e um, nas próprias balizas.

O Seixal jogou com muita aplicação e estoicismo, mas sem qualquer estilo definido. Futebol nervoso e desordenado. Há, no entanto, que louvar a forma correcta como soube aceitar a dura punição.

A arbitragem, de Décio de Freitas, apesar das facilidades que a partida lhe ofereceu, cometeu alguns erros, especialmente na primeira grande penalidade contra o Seixal, que nunca existiu.

MANUEL UMBELINO

Para a

MADEIRA

Recebe passageiros o moderno paquete

«Theodor Herzl»

a sair em 21 de Fevereiro,

Dirija-se ao seu Agente de Viagens ou aos Agentes Gerais de Passagens

J. VASCONCELOS, LDA.

R. Victor Cordon, 18

Telef. 31924/5/6 — LISBOA

R. Infante D. Henrique, 73

Telef. 23568 — PORTO

HÓQUEI EM CAMPO

Com partidas efectuadas de manhã e á tarde, prosseguiu o «Regional» de hóquei em campo.

Dos jogos respeitantes á segunda jornada o mais importante era, sem duvida, aquele em que tomavam parte os conjuntos do Atlético e do Futebol Benfica por se tratar de dois «teams» com largo prestígio na modalidade e que sempre mantêm grandes aspirações, quanto á conquista do título.

O encontro, como o próprio resultado reflecte — um empate sem golos —, foi disputado palmo a palmo pelos dois conjuntos, que tiveram, no entanto, contra si o estado do terreno, a impedir um melhor desenvolvimento dos lances esquetizados.

Assim, não admira que os sectores recuados tivessem tido preponderancia sobre os atacantes, o que, de certo modo, justifica o nulo verificado ao cabo dos setenta minutos.

O Benfica, no Campo Grande, sagrou-se como o unico vencedor do dia, por margem que não deixa dúvidas quanto ao seu melhor labor e valia, em relação ao adversário,

O «TEAM» DO BENFICA

ÚNICO VENCEDOR DOS JOGOS DE ONTEM

o animoso e persistente Hóquei. Onze golos sem resposta, mesmo assim, reflectem o excelente labor e sentido de concretização dos donos da casa.

Finalmente, no Restelo, verificou-se um resultado que, de certa maneira, pode considerar-se inesperado.

O empate imposto aos «azuis» pelo Palmense, uma equipa que, normalmente, faz bons resultados naquele campo.

Melhor resultado, portanto, para os visitantes do que para os donos da casa de quem se esperava um triunfo, embora pouco expressivo.

A actual classificação é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica	2	1	1	—	11	0
Atlético	2	1	1	—	2	0
Belenenses ...	2	—	2	—	0	0
Palmense	2	—	1	1	0	2
Fut. Benfica ..	1	—	1	—	0	0
Hóquei	1	—	—	1	0	11

Em reservas, os «encarnados» co-

mandam igualmente a classificação seguidos pelo Futebol Benfica, Atlético e Belenenses.

No próximo domingo, no intervalo dos encontros entre o Futebol Benfica e o Belenenses, a Associação lisboeta procederá á entrega das taças «Álvaro Gião» e «Mário Santos» ás equipas dos «encarnados e pretos» vencedoras do Torneio de Abertura.

Completem a jornada os desafios Palmense-Benfica e Hóquei-Atlético.

«STICK»

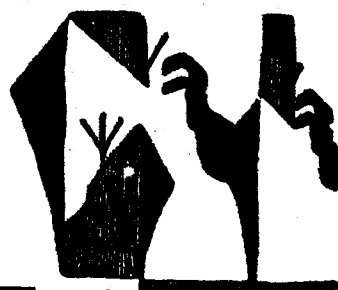
DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez, qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. CASA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.ª dt. — Telefones 325487-370618.



SOCIEDADE GERAL

LISBOA — R. dos Donadores, 11 — Tel. 37 01 51 (8 linhas)
PORTO — Rua do Bolhão, 192-2.ª — Telef. 25555



CARREIRAS

METRÓPOLE

ÁFRICA

NORTE EUROPA

ÁFRICA

ÁFRICA

NORTE EUROPA

PORTUGAL

NORTE EUROPA

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (escala LEIXÕES)

N/M — «ALFREDO DA SILVA» a 25/2/64. Carrega em LISBOA para BISSAU a 21/2 e para CABO VERDE a 22/2. Carga Frigorífica a 24/2 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística (A bagagem de porão dos Srs. Passageiros embarca a 24/2)

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (escala FUNCHAL)

N/M — «MANUEL ALFREDO» a 10/3/64. Carrega em LISBOA para BISSAU a 6/3 e para CABO VERDE a 7/3. Carga Frigorífica a 9/3 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística (A bagagem de porão dos Srs. Passageiros embarca a 9/3)

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES

N/M — «BELAS» á carga em LISBOA, só para MATADI, a 20/2. Recebe carga de baldeação para ANGOLA

N/M — «BRAGA» á carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 18/2 a 28/2. Em LISBOA, só para MATADI, a 4/3. Recebe carga de baldeação para ANGOLA

Para: ANVERS, ROTERDÃO ou AMSTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO

N/M — «BORBA» á carga nos portos de ANGOLA até 21/2

Para: HAVRE, ANVERS, ROTERDÃO ou AMSTERDÃO e HAMBURGO

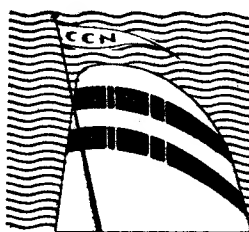
N/M — «BELAS» á carga nos portos de ANGOLA de 8/3 a 14/3

Para: HAVRE e ANVERS

N/M — «ÁFRICA OCIDENTAL» a 18/2/64. Carrega em LISBOA a 17/2 e 18/2

Para: ROTERDÃO e ANVERS

N/M — «COLARES» a 3/3/64. Carrega em LISBOA a 2/3 e 3/3



CCN

companhia colonial de navegação

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«INFANTE DOM HENRIQUE»

18 de Fevereiro
às 12 horas

«PÁTRIA»

22 de Fevereiro
às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.

Com escala por: FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA (se necessário) e PORTO AMÉLIA.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

19 de Março
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO, PORTO RICO e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagem

LISBOA: Rua de S. Julião, 63. Telef. 369621/8. PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9. Tel. 23342

YBARRA & C.ª, S. A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CABO
SAN ROQUE

21 de Fevereiro

Tenerife
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:

AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-E, 1.ª
Telefone — 32 72 64

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

A ÉPOCA DE CICLISMO COMEÇOU SOB BONS AUSPÍCIOS

Abriu ontem a época de ciclismo em todo o País. Simples evento que concita a alegria dos inúmeros simpatizantes da popular modalidade. Para que a jornada inaugural de Lisboa pudesse ser classificada de radiosa bastava que se prolongasse por mais uns dias o tempo primaveril das últimas semanas.

Isto, porque o mau cariz do tempo (brumoso e triste, com chuviscos no começo da prova) desbotou, de certa maneira, o colorido que, para além daquilo que como espectáculo popular a abertura da época representa.

A corrida de independentes e seniores agradou-nos pelo movimento de que se revestiu. Primeiro, foi um elemento não identificado, do Benfica, que se escapou em Alges, seguindo-se-lhe Pedro Junior e Manuel Cortenholha, um «verde» e um «encarnado», e várias outras tentativas género estíctes.

Ninguém ligou importância a estas «escaramuças», com excepção dos adversários que não se poupavam na «caça» aos fugitivos, com inteiro sucesso.

Mais feliz foi Peixoto Alves que, levando «na roda» João Rosa, do Sporting, logrou adiantar-se ao pelotão por alturas de Caxias (apenas a uma dezena de quilómetros da partida) e com tal determinação o fez que jamais foi alcançado.

A acção destes dois homens valorizou a prova, a eles se ficando a dever a principal nota de valorização desportiva da corrida.

E' natural que a fuga tenha sido protegida pelos benfiquistas, confiados na superioridade do seu colega de equipa em relação ao seu companheiro de fuga, para que a vitória final não deixasse de lhe pertencer.

Acresce ainda que a certa altura saíram do pelotão em busca das «vedetas» da prova os seguintes corredores: António Acurcio, Alcino Rodrigo e Custódio Cristina, do Benfica; Pedro Junior e Luis Birenho, do Sporting; e Agostinho Correia, do Alparça. Esta meia dúzia de corredores que, em Malveira da Serra, levava dois minutos de avanço sobre o grosso do pelotão e quatro de atraso dos dois da frente.

Em Iniciados, ganhou Pedro Bárbara, do Benfica, aliás o único clube concorrente. Se a classificação fosse conjunta com os juniores, Bárbara seria o 4.º classificado, facto que atesta o seu valor.

Outro pormenor digno de registo nesta sessão inaugural respeita à comparência de todos os clubes, à excepção do Baixa da Banheira, facto que não se tem registado nos últimos anos. Acima de todas deve sublinhar-se a presença de três cor-

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

Mais feliz foi Peixoto Alves que, levando «na roda» João Rosa, do Sporting, logrou adiantar-se ao pelotão por alturas de Caxias (apenas a uma dezena de quilómetros da partida) e com tal determinação o fez que jamais foi alcançado.

A acção destes dois homens valorizou a prova, a eles se ficando a dever a principal nota de valorização desportiva da corrida.

E' natural que a fuga tenha sido protegida pelos benfiquistas, confiados na superioridade do seu colega de equipa em relação ao seu companheiro de fuga, para que a vitória final não deixasse de lhe pertencer.

Acresce ainda que a certa altura saíram do pelotão em busca das «vedetas» da prova os seguintes corredores: António Acurcio, Alcino Rodrigo e Custódio Cristina, do Benfica; Pedro Junior e Luis Birenho, do Sporting; e Agostinho Correia, do Alparça. Esta meia dúzia de corredores que, em Malveira da Serra, levava dois minutos de avanço sobre o grosso do pelotão e quatro de atraso dos dois da frente.

Em Iniciados, ganhou Pedro Bárbara, do Benfica, aliás o único clube concorrente. Se a classificação fosse conjunta com os juniores, Bárbara seria o 4.º classificado, facto que atesta o seu valor.

Outro pormenor digno de registo nesta sessão inaugural respeita à comparência de todos os clubes, à excepção do Baixa da Banheira, facto que não se tem registado nos últimos anos. Acima de todas deve sublinhar-se a presença de três cor-

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

Mais feliz foi Peixoto Alves que, levando «na roda» João Rosa, do Sporting, logrou adiantar-se ao pelotão por alturas de Caxias (apenas a uma dezena de quilómetros da partida) e com tal determinação o fez que jamais foi alcançado.

A acção destes dois homens valorizou a prova, a eles se ficando a dever a principal nota de valorização desportiva da corrida.

E' natural que a fuga tenha sido protegida pelos benfiquistas, confiados na superioridade do seu colega de equipa em relação ao seu companheiro de fuga, para que a vitória final não deixasse de lhe pertencer.

Acresce ainda que a certa altura saíram do pelotão em busca das «vedetas» da prova os seguintes corredores: António Acurcio, Alcino Rodrigo e Custódio Cristina, do Benfica; Pedro Junior e Luis Birenho, do Sporting; e Agostinho Correia, do Alparça. Esta meia dúzia de corredores que, em Malveira da Serra, levava dois minutos de avanço sobre o grosso do pelotão e quatro de atraso dos dois da frente.

Em Iniciados, ganhou Pedro Bárbara, do Benfica, aliás o único clube concorrente. Se a classificação fosse conjunta com os juniores, Bárbara seria o 4.º classificado, facto que atesta o seu valor.

Outro pormenor digno de registo nesta sessão inaugural respeita à comparência de todos os clubes, à excepção do Baixa da Banheira, facto que não se tem registado nos últimos anos. Acima de todas deve sublinhar-se a presença de três cor-

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...



António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

António Bandeira, do Sporting, vencedor em amadores-juniores

redores do Alparça no primeiro dia de provas.

Como já temos verberado a inversa...

JUSTINO CORREIA

A supremacia do Sporting em handebol de onze

Não se concluiu o 33.º Campeonato de Lisboa de Handebol da 1.ª Divisão, por ter sido adiada dos encontros da derradeira jornada, o Oriental-Boa Hora.

Também o jogo Cova da Piedade-Alverca não se realizou por falta do ultimo, pelo que só o desafio do Pragal, aliás, o mais importante, se disputou.

Os almadenses venceram (4-1), superiorizando-se ao adversário, mas o triunfo em nada alterou a posição de ambas as equipas na tabela classificativa.

O Sporting conquistou os dois títulos — primeiras e segundas — o que sucede pela 25.ª vez, a demonstrar superioridade absoluta no handebol lisboeta.

Apesar das baixas sucessivas que o clube tem vindo a sofrer, época após época, culminadas este ano com a retirada de Aires e Patrício, o Sporting mereceu o seu excelente trabalho, onde o valor do seu técnico, Raul Vidal, não pode ser esquecido, consegue manter-se no primeiro plano.

O Belenenses classificou-se em segundo lugar, com merecimento, tendo como principal adversário o Almada, de quem se esperava mais.

As restantes equipas valorizaram a competição, porquanto mostraram melhoria em relação às épocas anteriores, com destaque para a regularidade do Cova da Piedade; excelente início do Alverca e subida acentuada do Oriental para o final. O Boa Hora foi um bom estreante.

A classificação é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	12	11	1	—	147-62	35
Belenenses	12	9	1	2	107-76	31
Almada	12	8	—	4	84-63	28
C. Piedade	12	4	1	7	66-84	21
Alverca a)	12	4	—	6	42-60	18
Oriental b)	11	3	1	7	63-102	17
B. Hora b)	11	—	10	1	61-123	10

a) Tem 1 falta de comparência.
b) Tem 2 faltas de comparência.

O sorteio do «Nacional» efectua-se hoje

Na sede da F. P. H. procede-se, esta noite, ao sorteio do próximo Campeonato Nacional, a que concorrem os campeões regionais, Sporting e Salgueiros, e os seus imediatos, Belenenses e F. C. do Porto.

O Oriental mantém-se «guia» em juniores

A jornada do Campeonato de Juniores englobava dois encontros importantes, mas apenas se disputou o de Marvila, que manteve a equipa da casa no primeiro posto, merecedor do seu excelente triunfo sobre o Belenenses (9-4).

O jogo da Cova da Piedade, entre o clube local e o Sporting, não se realizou por o estado do terreno o não permitir.

A próxima jornada deverá já dar indicações mais claras sobre o possível campeão, que será o Oriental se conseguir tornar o obstáculo de Almada.

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Oriental	6	4	1	1	29-22	15
Sporting	5	2	2	1	18-16	11
Belenenses	6	2	1	3	30-30	11
Almada	5	2	1	2	22-27	10
C. Piedade a)	4	—	1	1	7-11	3

a) Tem 2 faltas de comparência.

Homenagens

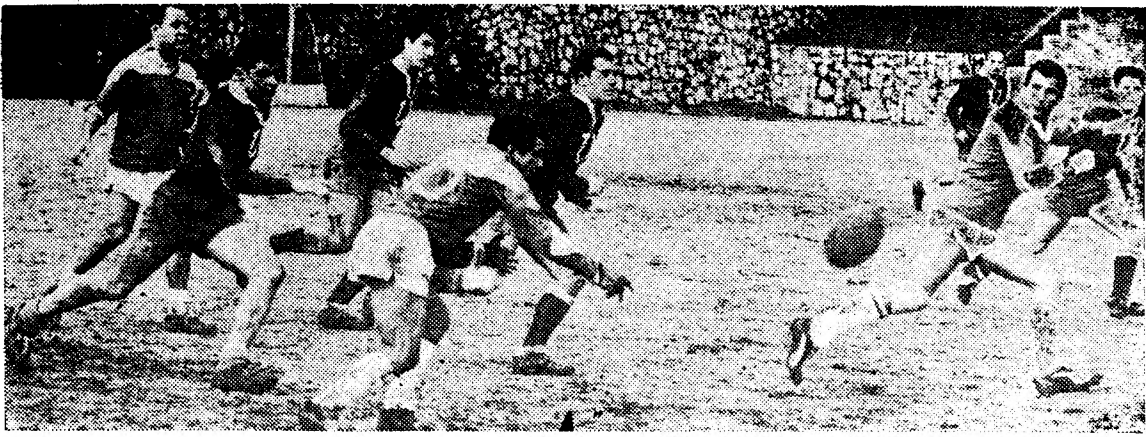
ao dr. Salazar Carreira

No dia 20, no Estádio de Alvalade, às 21 horas, realiza-se um festival de homenagem ao dr. José Salazar Carreira, que, por motivo de haver atingido o limite de idade, deixou de exercer o cargo de inspector dos Desportos, aos quais prestou relevantes serviços, ao cabo de uma actividade longa, esforçada e persistente.

Desse festival constam exhibições de handebol, atletismo, pugilismo, ciclismo, raguebi e ginástica feminina.

A secção de atletismo do Sporting decidiu transferir para o dia 1 de Março próximo a festa de homenagem ao dr. Salazar Carreira, a efectuar também no Estádio de Alvalade.





Ataque dos «azuis» no jogo de rãguebi Belenenses-C. D.-U. L.

MAGAZINE

Empréstimo

O Real Madrid acaba de emprestar dois jogadores ao Atlético da mesma cidade.

Um adepto dos «merengues» protesta, furioso, contra a cédula feita pela direcção do clube, quando a esposa, que sabe tanto disso como de chins, o interpela:

— E, agora, «vamos» jogar com nove?

Aconteceu em Itália

Quem já acompanhou equipas de futebol nas suas deslocações ao estrangeiro, sabe como os jogadores gostam de fazer partidas.

Esta passou-se em Itália, no Albergio Savona, em Rapallo, perto de Génova.

Ao ver que o «abat-jour» se parecia a um fez (barrete marroquino) um componente da caravana pôs um na cabeça, agarrou nos tapetes dos quartos e saiu para o bar a apregoar a «mercadoria», imediatamente comprada pelo dono do «Albergio», que não reconheceu o artigo...

O desporto e a cultura

No concurso «Quem tem a palavra?», que se emite de Barcelona pelas antenas da Televisão espanhola, todos os concorrentes — seis — são universitários.

Num dos últimos programas, um dos temas era averiguar nomes de académicos pela inicial dos seus apelidos. Só acertaram um nome. O de Azorios, que correspondia à letra A.

Depois, colocaram outro problema: adivinhar nomes de futebolistas internacionais também pelas iniciais. As soluções surgiram rapidamente.

Transferência rara

Num encontro de futebol realizado em França entre simpáticas e esbeltas «mademoiselles», uma das jogadoras chamou as atenções gerais pela elegância — com que actuava e pelos calções curtos que usava.

Após as suas primeiras intervenções, e mesmo quando falava a bola, a bonita «petite fille» era aclamada delirantemente pela multidão.

Pois a sensacional jogadora acaba de assinar a ficha pelo «Folies Bergeres», a conhecida casa de espectáculos de Paris.

Uma transferência rara e... cara

O basquetebol e as pérolas

O director técnico de basquetebol do Real Madrid chama-se Pedro Ferrandiz.

Recentemente, encontrando-se num restaurante com alguns jogadores e dirigentes, antes de um desafio importante, Ferrandiz deparou com uma pérola numa ostra.

Tomada como «alísmã», a joia deu sorte, pois os madrilenos triunfaram no prósio que se seguiu.

Complete estas frases

Um ponto por cada acerto.

1 — Um dos mais famosos recintos desportivos de Paris é o Parque dos...

2 — A final Milan-Benfica foi jogada no Estádio de...

3 — Devido ao seu equipamento branco, os jogadores do Real Madrid são conhecidos por...

4 — E os do Atlético madrilenos por...

5 — A asa esquerda do Santos é normalmente formada por Pelé e...

6 — Duas manas que se distinguiram nos Jogos Olímpicos de Inverno são de nacionalidade...

Soluções

- 6 — França.
- 5 — Pelé.
- 4 — Colômbianos.
- 3 — Merengues.
- 2 — Wembley.
- 1 — Francês.

RÂGUEBI

O C. D. U. L.

virtual campeão nacional

A quarta jornada da segunda volta dos campeonatos nacionais da 1.ª e 2.ª Divisões teve dois acontecimentos especiais.

O C. D. U. L. cimentou as suas possibilidades de conquistar o título, pois foi vencer ao Restelo, por 6-0.

A Académica da Amadora venceu, por 3-0, no seu campo, a forte equipa do Técnico, demonstrando, com este triunfo, uma clara melhoria de forma. Oxalá que a vitória sirva de estímulo aos amadores.

O primeiro destes resultados faz do C. D. U. L. a única equipa invicta da 1.ª Divisão, posição justamente alcançada pelo equilíbrio existente nos vários sectores da equipa. A defesa, onde pontifica esse excelente «arriêre» que é Matos Chaves, teve papel relevante no triunfo alcançado no Restelo. Marcando bem os adversários, os três- Quartos do C. D. U. L. abafaram os ataques dos «azuis» e o poder de Quadrio e a habilidade de Parra avalisaram a obtenção dos dois ensaios em que se cifrou a vitória da melhor equipa em campo.

Em Alvalade, o Benfica venceu, com inesperada dificuldade, um Sporting em evidente recuperação técnica, mas que, por motivos que desconhecemos, não fez alinhar os seus melhores jogadores.

Anote-se o regresso de Silvio Fiuzza e o facto de, por falta de árbitro oficialmente nomeado, o jogo ter começado com quarenta e cinco minutos de atraso.

No Torneio de Reservas o Benfica já conquistou o título, pois a derrota do C. D. U. L. no Restelo, deixou-os ao abrigo de qualquer surpresa. E' impressionante o «goal-average» da equipa 93-3! Isto define bem a superioridade dos benfiquistas em relação aos outros clubes.

Na 2.ª Divisão, a vitória da Académica da Amadora veio aproximar mais os clubes, dos quais se destaca apenas Agronomia, virtual campeã nacional.

É muito difícil ser chanceler olímpico

LAUSANNE, 17. — «12 horas de trabalho diário, o cansaço resultante de 18 anos de actividade e os desgostos causados pela interferência da política no olimpismo obrigam-me a pedir a demissão», declarou Otto Mayer, chanceler do Comité Olímpico Internacional que deixará de exercer o seu cargo a partir de 30 de Setembro, segundo carta endereçada a Avery Brundage, presidente do Comité.

Falando aos jornalistas, Mayer indicou três pontos principais, que tornam muito difícil de exercer, nas condições actuais, o cargo de chanceler olímpico:

1 — A expansão, cada vez maior, dos desportos de amadores.

2 — Os problemas do amadorismo, complicando-se de dia para dia.

3 — A política.

«Sempre detestei a política, mas a verdade é que a sua presença se faz sentir constantemente no olimpismo: são as duas Chinãs, as duas Coreias, as duas Alemanhas, a África do Sul, a Indonésia. Sempre considere que a política deveria manter-se afastada dos problemas olímpicos, mas a sua acção começa a tornar-se avassaladora», observou Otto Mayer. — (A. N. I.).

As arbitragens continuam no mesmo regime de improvisação.

O encontro de reservas Sporting-Benfica foi arbitrado por um jogador benfiquista, nomeado na própria cabina deste clube, por carta redigida «in loco» pelo sr. presidente da C. C. de Arbitros... No entanto, há três candidatos a árbitro, do Sporting, e um do Belenenses, que ainda não foram chamados para prestar provas. Comentários? Para quê?

FLY-HALF

O Pavilhão de Desportos do Vitória de Setúbal

Por despacho superior, foi autorizada, entre a Câmara Municipal de Setúbal e o Vitória Futebol Clube, a permuta de terrenos que permite ao último levar por diante os projectos que se relacionam com a construção de um Pavilhão de Desportos.

CORTA-MATO

A supremacia benfiquista fez-se, de novo, sentir e — podemos dizer — agora, com maior clareza no «Nacional», de juniores, em corta-mato.

E' que na primeira vintena de atletas que cortaram a meta, dez deles envergavam a camisola encarnada, contra cinco do Sporting, dois dos salatinos de Coimbra, três do F. C. do Porto e, ainda, um do União de Paredes e outro do Académico de Viseu.

Claro, que, com esta preponderância, os «encarnados» não tiveram problemas para a sua excelente classificação colectiva.

Um aliciante deste «Nacional» era, sem dúvida, verificar até onde os adversários do Benfica podiam chegar, principalmente, alguns da provincia, precedidos de boas referências, como Diamantino Costa, António Sousa, António Santos, José Alves, Avelino Neves, Ilídio Gouveia, etc.

Na verdade, a luta individual esteve patente, incerta quase até ao derradeiro momento, em que Julio Vital, agora em excelente forma física, ditou a lei do mais forte, dando um «estirão» extraordinário que poderá ficar memorável na sua carreira. Isto porque o «homem forte» dos «leões» — José Barreto — que teve o triunfo na mão, da terceira à quinta volta, se deixou embalar por um excesso de confiança contando apenas consigo, menosprezando, portanto, o valor dos adversários, que sabia serem mais velozes, principalmente na ponta final.

O seu favoritismo, que nunca esteve em dúvida, pois era o atleta talhado para a dureza do percurso (lama aos montes, grêda a colar os sapatos e os tornozelos), como que deixou de estar presente, quando,

ao comandar a competição, não se decidiu por uma fuga. A tática adoptada custou-lhe a conquista do título — facto que até os próprios adversários admitiam.

Entretanto, há que afirmar que no campeonato estiveram também em evidência outros atletas. Entre eles, não podemos deixar de assinalar as corridas de Anacleto Pinto (Bf.), o segundo homem dos «encarnados», que serviu excelentemente a equipa com um «jogo de posição» convincente; Dimantino Costa, do Salatinos de Coimbra, que representou da melhor maneira os valores da provincia; João Tomás, Arnaldo Pinto e Américo Cabica, do Benfica, os atletas que «fecharam» a equipa vencedora.

O andamento dos corredores do lote da vanguarda ficou expresso nos seguintes números (seis voltas de 1200 metros cada): 4 m 3,8 s (4 m 26,8 s); 4 m 4,4 s (4 m 30,8 s); 4 m 16,6 s (4 m 54,2 s); 4 m 22,8 s (5 m 1,8 s); 4 m 19,8 s (5 m 12,6 s); 3 m 49 s (5 m 47,6 s). Entre parêntesis indicamos os tempos do último corredor, que em relação com o primeiro pode dar-nos uma ideia mais exacta do ritmo da corrida e as dificuldades de volta a volta.

ao comandar a competição, não se decidiu por uma fuga. A tática adoptada custou-lhe a conquista do título — facto que até os próprios adversários admitiam.

Entretanto, há que afirmar que no campeonato estiveram também em evidência outros atletas. Entre eles, não podemos deixar de assinalar as corridas de Anacleto Pinto (Bf.), o segundo homem dos «encarnados», que serviu excelentemente a equipa com um «jogo de posição» convincente; Dimantino Costa, do Salatinos de Coimbra, que representou da melhor maneira os valores da provincia; João Tomás, Arnaldo Pinto e Américo Cabica, do Benfica, os atletas que «fecharam» a equipa vencedora.

O andamento dos corredores do lote da vanguarda ficou expresso nos seguintes números (seis voltas de 1200 metros cada): 4 m 3,8 s (4 m 26,8 s); 4 m 4,4 s (4 m 30,8 s); 4 m 16,6 s (4 m 54,2 s); 4 m 22,8 s (5 m 1,8 s); 4 m 19,8 s (5 m 12,6 s); 3 m 49 s (5 m 47,6 s). Entre parêntesis indicamos os tempos do último corredor, que em relação com o primeiro pode dar-nos uma ideia mais exacta do ritmo da corrida e as dificuldades de volta a volta.

FRANÇA

PARIS, 17 — Resultados de ontem para o campeonato da França: Saint Etienne-Lyon, 2-1; Lens-Reims, 2-1; Rennes-Monaco, 2-1; Stade Français-Bordeaux, 2-0; Strasbourg-Valenciennes, 1-0; Nantes-Toulouse, 2-2; Rouen-Nîmes, 1-0; Nice-Angers, 3-1; Sedan-Racing de Paris, 1-0.

O St. Etienne continua, de pedra e cal, à frente da classificação, seguido do Lens.

O lápis de PARGANA comenta...



— Quem tem «asas» é que voa... «alto»!

— O arranjo do «edifício» começou por um arquitecto.

— O Olhanense tinha que fazer um «furo» a um grande na... classificação...

— No «Estádio do Mar» houve um mar de «rosas» com um «enxerto» de «figueira... edo»



Um atleta do Sporting, magoado, é auxiliado por três benfiquistas. O desporto deve ser sempre solidariedade, compreensão...